



**DANIELE RODRIGUES OLIVEIRA**

**PENSAR E ESCREVER A PERIFERIA  
FLUP como um lance de política cultural**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Eneida Leal Cunha

Rio de Janeiro  
Abril de 2019



**DANIELE RODRIGUES OLIVEIRA**

**PENSAR E ESCREVER A PERIFERIA  
FLUP como um lance de política cultural**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo.

**Profa. Eneida Leal Cunha**  
Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Miguel Jost Ramos**  
Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Paulo Roberto Tonani do Patrocínio**  
UFRJ

Rio de Janeiro, 25 de abril de 2019

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

## Daniele Rodrigues Oliveira

Graduou-se em Letras (Produção Textual) na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), em 2016. Durante a graduação, foi bolsista de iniciação científica (PIBIC/CAPES-PROCAD). Mestre em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio/2019), com bolsa CNPq.

### Ficha Catalográfica

Oliveira, Daniele Rodrigues

Pensar e escrever a periferia : FLUP como um lance de política cultural / Daniele Rodrigues Oliveira ; orientadora: Eneida Leal Cunha. – 2019.

129 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2019.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. FLUP. 3. Festival literário. 4. Periferia. 5. Políticas culturais. I. Cunha, Eneida Leal. II. Pontifícia Universidade

CDD: 800

Para Cecília e o poder das gerações futuras em  
revolucionar o mundo.

## Agradecimentos

À professora Eneida Leal Cunha, que me acompanha desde 2015, pela disponibilidade, o rigor acadêmico, o cuidado, a generosidade e pela honra e alegria que é ser sua orientanda.

Ao CNPq, pela bolsa de pesquisa, sem a qual este trabalho não poderia ter sido realizado.

À PUC-Rio, por me acolher desde 2011 quando, ainda tão jovem, ingressei na graduação e agora pela bolsa de isenção, que me permitiu cursar o mestrado.

Ao professor Paulo Roberto Tonani do Patrocínio, pela interlocução, seriedade e por aceitar gentilmente o convite para participar da banca examinadora desta dissertação.

Ao professor Miguel Jost Ramos, os meus sinceros agradecimentos por aceitar avaliar este trabalho e participar da banca examinadora.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, por estimular o pensamento crítico, em especial Alexandre Montauray, Frederico Coelho, Renato Cordeiro Gomes, Marília Rothier Cardoso e Rosana Kohl Bines.

Aos amigos da minha turma mestrado, em especial Renata di Carmo, Vanessa Augusta, Rodrigo Carrijo, Vanessa Marques e Samantha Ribeiro, pela cumplicidade, vivência e troca.

Aos amigos da linha de pesquisa, Antonia de Thuin, Marcelo Esteves, Luiz Nadal, Ana Paula D'Arievilo, Pedro Beja e Marcela Granatiere, pela irmandade, companheirismo e partilha de saberes.

Aos demais amigos do Programa de Pós-graduação, Maíra Fernandes, Francisco Camêlo, Alexandre Velho e Danusa Depes Portas pelo afeto constante.

A todas as professoras e professores pelo apoio e incentivo para eu prosseguir meus estudos, em especial Claudia Chigres, Maria Cristina Góes e Célia Eyer.

A Lara Leal (*in memoriam*), por quem sinto imensa saudade, pelas contribuições e apontamentos pertinentes ao meu trabalho.

A todas minhas amigas e amigos, pelo afeto e por compreenderem minhas ausências ao longo desses dois anos de pesquisa.

A minha amiga e revisora, Marcela Isensee, pelo trabalho cuidadoso com minha escrita.

Aos funcionários do Departamento de Letras, em especial, Rodrigo Santana, pela competência e gentileza.

À Lorena Sobral e Raphael Santos, funcionários da XEROX CAEL, pela amizade e carinho.

A todos os amigos do Centro Acadêmico de Letras e Artes Cênicas por dividirem comigo dúvidas e inquietações.

À Teresinha da Silva e Antonia Costa por cuidarem de mim.

Aos meus pais, Isabel Rodrigues e Antonio Oliveira, pela força, incentivo, amor e resistência.

E a todas aquelas e aqueles que contribuíram direta e indiretamente para que eu chegasse até aqui. Toda conquista é coletiva.

## Resumo

Oliveira, Daniele Rodrigues; Cunha, Eneida Leal. **Pensar e escrever a periferia: FLUP como um lance de política cultural**. Rio de Janeiro, 2019. 129 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A dissertação apresenta a Festa Literária das Periferias buscando entendê-la como política cultural. Criada em 2012 por Écio Salles e Julio Ludemir, a FLUP desde então ocorre anualmente na cidade do Rio de Janeiro e tem revelado, ao longo de suas edições, que é possível democratizar e descentralizar o consumo e, principalmente, a produção literária. A pesquisa, portanto, busca descrever e analisar a FLUP a fim de traçar seu histórico, edições e transformações com o objetivo de refletir como o projeto incorpora questões temáticas locais e globais, questionamentos da própria periferia, em articulação com as demandas da contemporaneidade. Além disso, compreendendo que a FLUP é um dos muitos resultados das políticas afirmativas iniciadas em 2003, a dissertação também busca entender quais são os efeitos e impasses da FLUP como política cultural democratizante e, paralelamente, sujeita aos incontáveis mecanismos de cooptação do mercado. A FLUP traz à cena literária uma periferia que se torna o centro ou o cerne da sua própria produção. Nesse sentido, a dissertação também analisa as repercussões da FLUP no plano mais estrito da configuração e elaboração do literário a partir das suas oficinas de formação e utiliza o *Poetry Slam*, uma competição de poesia falada, como um “estudo de caso” significativo da interação entre formas majoritárias canônicas e as formas minoritárias performáticas emergentes.

### Palavras-chave

FLUP; festival literário; periferia; políticas culturais.

## Résumé

Oliveira, Daniele Rodrigues; Cunha, Eneida Leal. **Penser et écrire la périphérie: FLUP tel qu'un enjeu de politique culturelle**. Rio de Janeiro, 2019. 129 p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

La thèse présente le Festival Littéraire des Périphéries en temps que politique culturelle. Créé en 2012 par Écio Salles et Julio Ludemir, le FLUP a, dès lors, lieu à Rio de Janeiro et a révélé, à travers ses éditions, qu'il est possible de démocratiser et décentraliser la consommation, et surtout, la production littéraire. La recherche vient donc décrire et analyser le FLUP pour designer son historique, ses éditions et sa transformation avec le but de réfléchir comment le projet intègre des questions thématiques locales et globales, des questions de la périphérie elle-même, en articulation avec les exigences de la contemporanéité. À part ça, en tenant compte que le FLUP est un parmi d'autres résultats des politiques de dédiscrimination qui ont débuté en 2003, la dissertation cherche aussi à comprendre quels sont les effets et impasses du FLUP en tant que politique culturelle démocratisante et, en même temps, soumis aux innombrables mécanismes de la cooptation du marché. Le FLUP apporte à la scène littéraire une périphérie qui devient le centre ou le noyau de sa propre production. En ce sens, la thèse analyse également les répercussions de FLUP sur la configuration et l'élaboration plus strictes de la littérature à partir de ses ateliers de formation et utilise le Poetry Slam, un concours de poésie orale, comme un "étude de cas" significative de l'interaction entre les formes canoniques majoritaires et les formes minoritaires émergentes de performance.

## Mots clefs

FLUP; festival littéraire; la périphérie; politiques culturelles.

## Sumário

Introdução	11
FLUP: modos de fazer	14
FLUP como política cultural	40
FLUP como literatura	65
Considerações finais	85
Referências bibliográficas	87
Anexo	96

*Entendo esse mundo complexo  
Favela é a minha raiz  
Sem rumo, sem tino, sem nexo  
E ainda tô feliz*

*Nem toda maldade humana  
Está em quem porta um fuzil  
Tem gente de terno e gravata  
Matando o Brasil acima de tudo*

*Favela,ô  
Favela que me viu nascer  
Eu abro o meu peito e canto o amor por você.*

*Favela,ô  
Favela que me viu nascer  
Só quem te conhece por dentro  
Pode te entender*

*O povo que sobe a ladeira  
Ajuda a fazer mutirão  
Divide a sobra da feira  
E reparte o pão*

*Como é que essa gente tão boa  
É vista como marginal  
Eu acho que a sociedade  
Tá enxergando mal*

[...]

Arlindo Cruz, *Favela*

## Introdução

A realização deste trabalho surge em sintonia com uma provocação de Heloisa Buarque de Hollanda, em artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 1981, apontando que as novas produções acadêmicas, em muitos casos, são marcadas pelo “interesse em estudar seu próprio universo”<sup>1</sup>. Ao me propor pensar e escrever sobre a Festa Literária das Periferias, estou, em certa medida, dissertando sobre o meu mundo.

\*

Pode-se dizer que os primeiros passos desta dissertação se deram no ano de 2015, quando ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica vinculado ao projeto CAPES/PROCAD Escritas contemporâneas: desafios teórico-críticos, coordenado pela professora Eneida Leal Cunha. Entre 2015 e 2016, na pesquisa de IC, desenvolvi uma investigação sobre os festivais literários que ocorrem nas periferias do Rio de Janeiro, tendo no foco a Festa Literária das Periferias (FLUP) e a Festa Literária da Zona Oeste (FLIZO), quando busquei compreender a maneira como esses eventos foram capazes de promover uma certa “heterogeneização” da cena literária brasileira a partir da promoção da literatura produzida pela periferia. Pode-se, também, ir mais além e dizer que os primeiros passos para esta dissertação se deram no entardecer do dia 7 de novembro de 2012, quando Ariano Suassuna abriu a primeira edição da Festa Literária das Periferias, momento em que tive meu primeiro contato com o projeto desenvolvido por Écio Salles, Julio Ludemir e tantas outras mãos. Momento também que, finalmente, me senti pela primeira vez confortável e representada em um festival do segmento. Assim, permito-me dizer que a FLUP, para além de estimular o

---

<sup>1</sup> Apud, SANTIAGO, Silvano. A democratização no Brasil (1979-1981): cultura versus arte. In. O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 134-156.

consumo e a produção literária, também estimula, mesmo que indiretamente, a pesquisa científica e a carreira acadêmica.

A escolha da Festa Literária das Periferias como objeto do Mestrado se deu, não somente por questões afetivas, mas, principalmente, por questões estratégicas, em busca de material literário para desenvolver algumas temáticas que se afirmam com a crítica cultural ou os estudos da cultura no âmbito das Letras no Brasil. Em artigo que desdobra questões sobre a emergência da cultura e da crítica cultural<sup>2</sup>, Eneida Leal Cunha destacou que o termo cultura soa, hoje, como palavra de ordem que merece maior atenção tanto para os nossos investimentos intelectuais como para programas políticos de resistência, tornando-se contemporaneamente a cultura “o território da instabilidade, do conflito e da disputa”. Desse modo, ao compreender a FLUP como um empreendimento cultural, uma experiência que multiplica e inventa espaços de criação e resistência, que se organiza como uma estratégia de empoderamento de um segmento da população pobre e racializada, este trabalho tomou o rumo da descrição e da avaliação da FLUP como política cultural, que colabora para a democratização e o descentramento da produção literária através da inclusão de outros públicos e outros escritores e com o incentivo bifurcado entre produção e consumo dentro de um contexto marcado pela disputa de narrativas.

Para tanto, a dissertação é dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, é traçado um perfil da Festa Literária das Periferias de modo a contemplar seu histórico, analisar comparativamente suas edições e transformações com o objetivo de avaliar como o projeto incorpora questionamentos da própria periferia em articulação com as demandas da contemporaneidade. Além disso, apoiando-se nas ideias de Jacques Rancière sobre as formas de partilha do sensível e suas configurações estéticas, este capítulo busca abordar a FLUP como um espaço de construção de uma comunidade capaz de estimular trocas e experiências através de ações fomentadoras de outros modos de experimentação do sensível e de produção de novas formas de subjetividade política.

---

<sup>2</sup> CUNHA, Eneida Leal. A EMERGÊNCIA DA CULTURA e da crítica cultural. Cadernos de Estudos Culturais. v.1. n.2, 2009. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/2184/1355>

No segundo capítulo, ao compreender a Festa Literária das Periferias como um dos muitos resultados das políticas afirmativas iniciadas em 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu o principal cargo da República e, principalmente, com a nomeação de Gilberto Gil como Ministro da Cultura, busca-se analisar quais são os efeitos e os impasses da FLUP como política cultural democratizante e, paralelamente, sujeita aos incontáveis mecanismos de cooptação do mercado.

Finalmente, no terceiro capítulo, explora-se a produção literária estimulada pela FLUP e as suas repercussões no plano mais estrito da configuração e elaboração do literário. Isto é, ao se deslocar do valor do literário, do trabalho com a linguagem e dos processos de ficcionalização para empregar a valoração das expressões diretas da vida, do corpo, da experiência imediata, as oficinas de formação da FLUP resultam em uma literatura que frequentemente tem a forma mais documental do testemunho, da autobiografia, do diário e até da autoetnografia, conforme apontou Josefina Ludmer em *Literaturas pós-autônomas*. Ao final, aborda-se o *Poetry Slam*, uma competição de poesia falada, como exemplo significativo da interação entre as formas poéticas majoritárias canônicas e as formas minoritárias performáticas emergentes.

A FLUP procura aproximar a literatura da periferia, seja por meio da interação com autores reconhecidos e suas obras como pela ampliação dos espaços para as narrativas dos grupos periféricos, que encontram no projeto de Salles e Ludemir a oportunidade de transmitir seu modo de olhar o mundo. Com foco na produção cultural e buscando ampliar o alcance da cultura como agente transformador, a Festa Literária das Periferias pode ser entendida como um vetor de desenvolvimento, de emprego e renda, e, principalmente, de cidadania.

## FLUP: modos de fazer

*Não se pode, portanto, dizer que a experiência, seja qual for o momento da história, tenha sido “destruída”. Ao contrário, faz-se necessário — e pouco importa a potência do reino e de sua glória, pouco importa a eficácia universal da “sociedade do espetáculo” —, afirmar que a experiência é indestrutível, mesmo que se encontre reduzida às sobrevivências e às clandestinidades de simples lampejos na noite.*  
Georges Didi-Huberman *In Sobrevivência dos Vagalumes*

Iniciada em 2012, a Festa Literária das Periferias — a FLUP — tem contribuído para o fortalecimento dos novos rumos da literatura no Brasil ao estimular a entrada de sujeitos periféricos no consumo e, principalmente, na produção literária. O projeto idealizado por Écio Salles e Julio Ludemir se constitui através de uma programação cultural ao longo do ano, estruturada em três momentos distintos, que procura atender às demandas de uma periferia cada vez mais afirmativa da sua potencialidade artístico-cultural. Na divisão estrutural do projeto estão a FLUP Parque, oficinas de leitura com participação das escolas municipais; a FLUP Pensa, oficinas de produção textual com mediação de escritores e professores universitários; e o festival literário que, além de ter uma temática e um autor homenageado, conta uma programação internacional e tem duração, em média, de uma semana. Com caráter itinerante, todas as atividades ocorrem majoritariamente em territórios periféricos; a iniciativa já foi levada para diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro e de outros municípios da região metropolitana como, por exemplo, Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.

Em seu escopo inicial, a FLUP estava ligada às ações em benefício da cidadania previstas no programa das Unidades de Polícia Pacificadora, ou simplesmente UPPs, implantadas em diversas favelas da cidade do Rio de Janeiro desde 2008. As UPPs foram inspiradas no projeto Mutirão da Paz, idealizado por Luiz Eduardo Soares, então secretário de Segurança do governo de Anthony Garotinho, em 1999. O projeto de Soares tinha como objetivo a entrada da polícia nas favelas para conter o avanço do tráfico de drogas e para implementar segurança, serviços sociais e espaços culturais. As UPPs

começaram a ser implantadas em 2008 pela Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, durante o governo de Sérgio Cabral, e contaram com a colaboração financeira de Eike Batista, multimilionário e dono do grupo EBX, um dos principais conglomerados empresariais do país.

As Unidades de Polícia Pacificadora tinham como conceito uma polícia de aproximação que, segundo os idealizadores do projeto, iria além da polícia comunitária e teria como objetivo o combate ao tráfico de drogas, a aproximação com os moradores e um desenvolvimento cultural e educacional nas favelas cariocas. Apesar disso, a FLUP nunca esteve diretamente envolvida com a Secretaria de Segurança do Estado e com a própria UPP, como destaca Aline Deyques (2017) em sua tese de doutorado defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro<sup>3</sup>, mas essa relação, além do apoio inicial à FLUP, serviu também para dar o primeiro nome ao empreendimento. Foi assim que, em 2012, a então Festa Literária Internacional das UPPs subiu o Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, zona central da cidade, para realizar sua primeira edição. No ano seguinte, entretanto, a FLUP se desvincula das UPPs por pelo menos duas razões. Além do desejo de expandir o projeto para além das favelas contempladas com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora, a FLUP se desvincula das UPPs porque elas ganharam uma imagem negativa com o desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo Dias de Souza. Morador da Favela da Rocinha, Amarildo desapareceu em 14 de julho de 2013 ao ser conduzido por policiais militares até a sede da UPP daquela favela. Seu desaparecimento se tornou símbolo de casos de abuso de autoridade e violência policial. Em 2016, 12 dos 25 policiais militares denunciados pelo desaparecimento e morte de Amarildo foram condenados em primeiro grau. Até hoje não se conhece o paradeiro do corpo de Amarildo. O projeto literário e cultural, então, se automatiza e é rebatizado, em 2013, de Festa Literária das Periferias.

Com homenagem a Lima Barreto, a primeira edição da FLUP promoveu, através das mesas-redondas, encontros e debates entre autores nacionais, já consagrados ou não, e também internacionais. Entre eles, estiveram presentes Ariano Suassuna, um dos grandes nomes da dramaturgia brasileira e autor da tão conhecida obra *Auto da compadecida*; Luciana Hidalgo, doutora em Literatura comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro contemplada com prêmio Jabuti na categoria *reportagem* pelo seu primeiro livro *Arthur Bispo do*

---

<sup>3</sup> DEYQUES, Aline. *As palavras que correm à margem: Festa Literária das Periferias (2012-2016), a escrita de mulheres e o livro A número um, de Raquel de Oliveira*. Rio de Janeiro, 2017. 171p. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

*Rosário* – *O senhor do labirinto*; João Ubaldo Ribeiro, jornalista e escritor de obras como *Viva o povo brasileiro*; Ana Maria Machado, escritora e sexta ocupante da cadeira 1 da Academia Brasileira de Letras desde 2003; Paulo Scott, autor de *O ano em que vivi de literatura*, livro vencedor do Prêmio Açorianos<sup>4</sup> de Literatura 2016; Luiz Ruffato, escritor premiado com o Troféu APCA oferecido pela Associação Paulista de Críticos de Arte e com o Prêmio Machado de Assis da Fundação Biblioteca Nacional pelo romance *Eles eram muitos cavalos*; Allan da Rosa<sup>5</sup>, criado no bairro de Americanópolis, periferia da zona sul da cidade de São Paulo, formado em História pela Universidade de São Paulo e autor do livro de contos *Reza de mãe*; Bernardo Kucinski, escritor, cientista político brasileiro, professor da USP e colaborador do Partido dos Trabalhadores – além de ex-assessor da Presidência da República durante o primeiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva –; Raphael Dracon, escritor de literatura fantástica premiado pela *American Screenwriter Association* e autor da trilogia *Dragões de Éter*; Elisa Lucinda, atriz, cantora e escritora capixaba; o escritor alemão Thomas Brussig; a romancista britânica de ascendência caribenha Yvonne Edwards e o mexicano Juan Pablo, com seu romance de estréia *Festa no covil*.

A edição contou também com poetas como Ferreira Gullar, Bernardo Vilhena e Carlito Azevedo e com poetas estrangeiros como o espanhol Manuel Vilas; a portuguesa Patrícia Portela; Martin Jankowski, cantor e poeta criado na cidade de Gotha; e o poeta palestino Najwan Darwish. A programação, que desde a primeira edição procura transformar o palco do festival em uma zona produtora de translocalidades, ultrapassando os espaços circunscritos para favorecer trocas locais e globais, contou também com a presença do escritor e compositor Bráulio Tavares, dos rappers e ativistas MV Bill e o libanês MC Swat, e intelectuais renomados como Beatriz Resende, Heloisa Buarque de Hollanda, Luiz Eduardo Soares e Susie Nicklin, diretora de literatura do British Council, além do antropólogo Marcos Alvito.

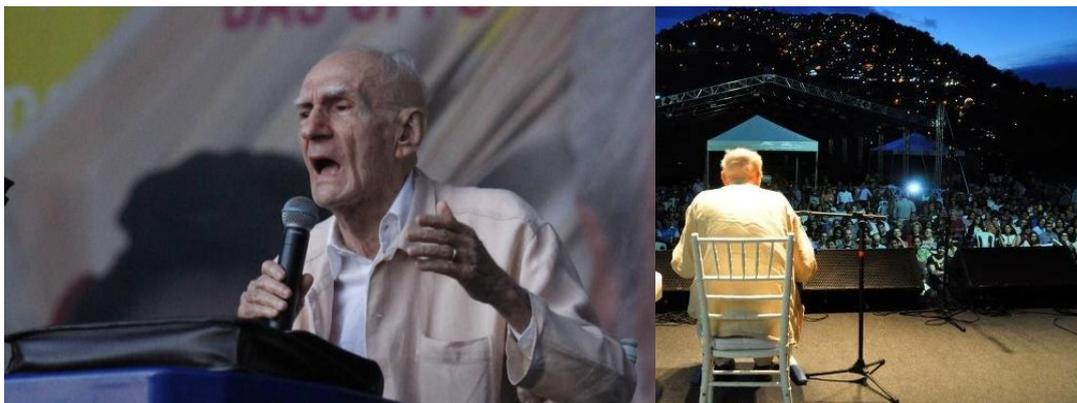
Esses, entre tantos outros nomes, compuseram a edição do Morro dos Prazeres, e Ariano Suassuna foi o primeiro escritor a falar para uma plateia à qual todas as classes sociais tinham livre acesso. Surgia ali um novo empreendimento

---

<sup>4</sup> Premiação concedida pela Prefeitura de Porto Alegre, através de sua Secretaria de Cultura. É considerado o mais importante prêmio cultural do Rio Grande do Sul para as áreas de música, teatro, dança, literatura e artes visuais.

<sup>5</sup> Allan da Rosa é um dos grandes nomes do que intitulou de *Literatura Marginal*. É também professor de História da África e do Brasil, educador em EJA – Educação de Jovens e Adultos, agitador cultural e editor. Ele criou o selo "Edições Toró", com publicações marcadas por um trabalho artesanal e pela presença de autores jovens da periferia de São Paulo.

no setor da cultura que desde então procura contribuir para uma nova configuração cultural da periferia assim como do sujeito periférico.



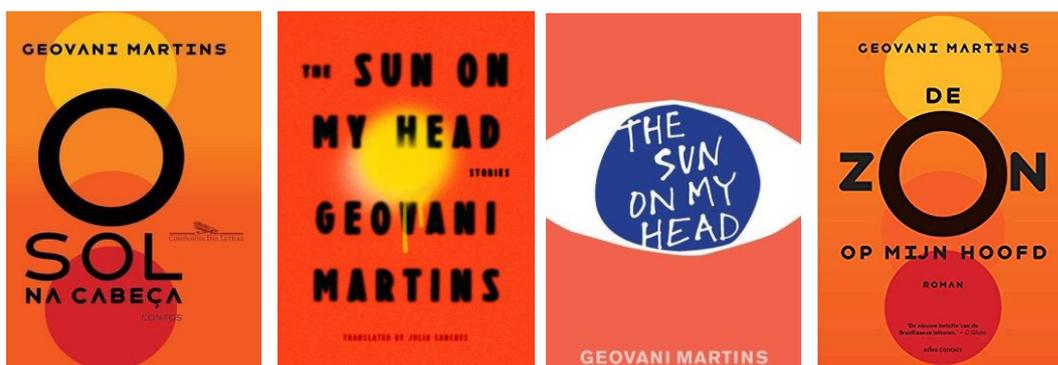
Ariano Suassuna na abertura da FLUP, em 2012.  
Leonardo Aversa/Agência O Globo.

Suassuna na FLUP, Morro dos Prazeres.  
Imagem retirada do site Rio Educa.<sup>6</sup>

A FLUP estimula a disseminação da literatura nas favelas do Rio de Janeiro e é uma estratégia que vem comprovando que é possível descentralizar a leitura e a escrita literária. Esse descentramento nos coloca diante de um fenômeno inovador, de uma periferia que se torna o centro ou o cerne da criação literária que consome e, paralelamente, lança seus escritores no circuito editorial maior, como atestam os nomes de escritores já publicados e reconhecidos, como, por exemplo, Raquel de Oliveira com o romance *A número um* publicado, em 2015, pela Casa da Palavra; Jessé Andarilho com os romances *Fiel* e *Efetivo variável* publicados, respectivamente, em 2014, pela Editora Objetiva e Alfabeta Objetiva, em 2017, e Geovani Martins com o livro de contos *O sol na cabeça*, publicado em março de 2018 pela Companhia das Letras, uma das maiores editoras do país. Antes mesmo da publicação, a coletânea de Martins foi vendida para editoras de nove países, entre elas *Farrar, Straus & Giroux*, dos Estados Unidos, *Faber & Faber*, do Reino Unido, *Atlas Contact*, da Holanda, *Suhrkamp*, da Alemanha, e *Mondadori*, da Itália, e menos de seis meses após seu lançamento, o livro alcançou a quinta impressão no Brasil. Nascido em Bangu, zona oeste do Rio de Janeiro, o ex-atendente de lanchonete e ex-garçom de festas infantis se tornou uma das grandes revelações de 2018. Descrito pelo roteirista e produtor cinematográfico João Moreira Salles como uma nova língua que “chega à literatura com força inédita”, Geovani já foi convidado duas vezes para a programação

<sup>6</sup> Imagem do site Rio Educa. Disponível em <http://www.rioeduca.net/blogViews.php?bid=21&id=3027>. Acesso em 30 mar.2018.

paralela da Festa Literária Internacional de Paraty – a FLIP –, o mais tradicional e prestigiado festival do segmento no país.



Em sequência, as edições da coletânea de Geovani Martins pela Companhia das Letras, Brasil; Farrar, Straus and Girou, EUA; Faber&Faber, Reino Unido, e Atlas Contact, Holanda.

Com a intenção de democratizar as experiências tanto da autoria quanto a da leitura e de aproximar potenciais autores e potenciais leitores dos segmentos populares com a literatura, a FLUP a cada ano realiza o festival literário em um bairro popular diferente. Entre os bairros pelos quais a FLUP já se instalou está Vigário Geral, favela localizada na zona norte da cidade e que viveu uma das maiores chacinas do Estado do Rio de Janeiro. A Chacina de Vigário Geral, como ficou conhecida, ocorreu em 29 de agosto de 1993, um grupo de extermínio formado por policiais militares invadiu o bairro e executou mais de vinte moradores. Vinte anos após esse crime contra os direitos humanos, a edição da FLUP na favela, em 2013, além de promover inclusão e protagonismo aos moradores através da literatura, representa uma valorização ao seu território, que também abriga o Grupo Cultural AfroReggae, organização não governamental fundada em 1993 pelos agitadores culturais Tekko Rastafari e José Júnior que, em 2013, estava sob ameaça de morte pelo tráfico local.

Desde a sua segunda edição em Vigário Geral, a FLUP precisou dialogar com a violência da cidade do Rio de Janeiro. No ano seguinte, 2014, o palco da FLUP foi instalado no Morro da Mangueira. A escolha da favela localizada na zona norte e sede do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira também fez com que a organização da FLUP encarasse a violência através do intenso confronto ocorrido por causa da transição de comando do tráfico na região. Novamente, em 2015, os conflitos entre a Polícia Militar e o tráfico local não impediram que a FLUP fosse sediada no Morro da Babilônia e Chapéu Mangueira, ambos situados nas margens da praia do Leme, bairro de classe média alta da zona sul do Rio de Janeiro. Mas talvez o momento de maior

instabilidade tenha ocorrido em 2016, quando a Cidade de Deus sediou o festival literário da FLUP. O conjunto habitacional Cidade de Deus, construído na década de 1960 como parte da política de remoção do então governador do Estado da Guanabara Carlos Lacerda, sofreu em 2016 um conturbado período de combate ao crime organizado que levou à queda do helicóptero da Polícia Militar uma semana depois da realização da FLUP no bairro. Cenários de violência urbana como esses são capazes de mostrar a dimensão das negociações que os organizadores da FLUP precisam fazer com a Secretaria de Segurança e as lideranças locais dos bairros em que o projeto ocorre, como as associações de moradores.

Em 2017, sem nenhuma novidade no quadro de segurança pública, a FLUP chegou ao Morro do Vidigal, situado na zona sul entre os bairros de classe média alta Leblon e São Conrado, novamente se deparando com um território em conflito. Dessa vez, a favela em questão sofreu os impasses da disputa pelo controle do tráfico da Rocinha, uma das maiores favelas da América Latina e vizinha do Vidigal. Ainda assim, a FLUP realizou sua sexta edição na favela e hospedou inúmeros autores convidados para o evento no próprio Vidigal. No ano seguinte, 2018, em sua sétima edição, a FLUP conquistou aparelhos institucionais de afirmação e validação da arte e da cultura e se instalou na Biblioteca Parque Estadual, a nova sede da antiga Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro situada em uma das principais avenidas do Centro da cidade.

A amplitude geográfica da FLUP, que procura reunir pessoas de diferentes lugares da cidade, articulando uma rede de escritores e a circulação pelos territórios cariocas e transformando o Rio de Janeiro em um espaço de encontros, já levou também o projeto a realizar as atividades da FLUP Pensa, por exemplo, no Galpão de Artes Bela Maré, em 2012. O Galpão de Artes Bela Maré é um espaço para a criação e difusão das artes nas suas diferentes linguagens localizado na favela Nova Holanda, no Complexo da Maré, zona norte. A FLUP Pensa também realizou suas atividades em diferentes escolas públicas do município de Duque de Caxias, em 2015, e na edição de 2018 da FLUP Pensa as oficinas conquistaram espaços como o Museu da Escravidão e da Liberdade, o MEL, no Centro Cultural Municipal José Bonifácio, espaços vinculados à história e à cultura afro-brasileira que também fazem parte do Circuito Histórico e Arqueológico de Celebração da Herança Africana e do Grupo de Trabalho Curatorial do Projeto Urbanístico, Arqueológico e Museológico do Circuito na Região Portuária; o Museu do Amanhã, museu de ciências aplicadas que conta com o projeto arquitetônico do espanhol Santiago Calatrava, e a própria Biblioteca

Parque Estadual, todos situados na zona portuária, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro. A edição da FLUP Pensa de 2018 iniciou suas atividades em 22 de março com a palestra de abertura feita por Martinho da Vila no MEL.

A sequência e a diversidade de autores homenageados ao longo desses anos também são expressivas e constituem traços importantes para analisar as suas diferentes edições: Lima Barreto, por exemplo, chega a FLUP cinco anos antes da sua eleição como autor homenageado pela FLUP, em 2017. Com espírito rebelde e inquieto, Lima Barreto nasceu em 13 de março de 1881. Filho de negros e pobres, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma* sofreu preconceito durante toda a vida e mesmo após ela. Contemporâneo da teoria da eugenia, que o julgou louco e incapaz de ter produzido uma obra literária de porte significativo, Lima Barreto foi sendo expulso da cena literária que resistia em ceder espaço a subalternos e indesejados. Sua estreia na literatura ocorreu em 1909 com a publicação do romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, obra que narra a trajetória de um jovem negro do interior que passa por diversas situações de racismo. A maior parte da sua obra foi redescoberta e publicada em livro após sua morte por meio do esforço do historiador e biógrafo Francisco de Assis Barbosa e outros pesquisadores. As problemáticas entre loucura, racismo e eugenia que permeiam a biografia do escritor foram encenadas na peça *Tragam-me a cabeça de Lima Barreto*, monólogo encenado pelo ator Hilton Cobra.

A intenção de realizar um festival que possa ser plural e democrático, na tentativa de estabelecer relações de intimidade entre escritores e suas obras com o público, permaneceu nas edições seguintes do projeto de Salles e Ludemir. Depois de 2012 e da homenagem a Lima Barreto, a FLUP seguiu levando autores de diferentes matrizes culturais para as homenagens anuais, como o baiano Waly Salomão, uma das figuras mais importantes da vanguarda brasileira e que escreveu seu primeiro livro, *Me segura qu'eu vou dar um troço*, na década de 1970 enquanto esteve preso no Carandiru durante a ditadura militar no Brasil; Abdias do Nascimento, político, ativista social, artista plástico, escritor, dramaturgo, um dos criadores do Teatro Experimental do Negro, o TEN, e reconhecido como intelectual e como um dos maiores defensores da cultura e da igualdade racial no país; Nise da Silveira, médica psiquiatra que revolucionou o tratamento da loucura no Brasil através do seu trabalho no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro; Caio Fernando Abreu, escritor, dramaturgo, gay e crítico da ditadura militar no Brasil, foi um dos grandes nomes da sua geração com uma escrita que aborda a solidão, o medo, a morte e o sexo. A edição da FLUP que o teve como homenageado abordou a sexualidade como tema e contou com a presença da

britânica Jo Clifford, escritora e atriz transexual, com sua apresentação *Jesus Trans* como parte da programação. Em 2017, o homenageado da vez foi Vianinha, dramaturgo e autor da peça teatral *Rasga Coração* que, ao lado de Gianfrancesco Guarnieri e Augusto Boal, foi um dos principais nomes do Teatro de Arena, em São Paulo, no final da década de 1950, participando também da fundação do Centro Popular de Cultura, o CPC, e do Grupo Opinião, na década de 1960 no Rio de Janeiro.

Na edição de 2018, a homenagem foi feita a Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira e a pioneira na crítica antiescravista. Nascida no Maranhão, descendente de escravizados e filha ilegítima de um casal inter-racial, Maria Firmina dos Reis fez da literatura um instrumento de crítica à escravidão com a publicação de *Úrsula*, romance de 1859, considerado o primeiro livro brasileiro a se posicionar contra a escravidão antes mesmo do conhecido poema “Navio negreiro”, de Castro Alves, de 1869, e do romance *A Escrava Isaura*, de 1875, escrito por Bernardo Guimarães. Maria Firmina dos Reis, além de suas importantes obras literárias, é a expressão contundente da invisibilidade da mulher negra, uma vez que assim como sua produção literária foi esquecida por longo tempo, Maria Firmina teve seu rosto apagado. As poucas imagens que registram a abolicionista partem de um busto de bronze, escultura de Flory Gama, cujas características, como também fizeram com Machado de Assis (1839-1908) e Mário de Andrade (1893-1945), nos oferecem uma imagem com traços embranquecidos. Nesse sentido, a homenagem feita a Maria Firmina dos Reis ocorre em um momento emergente do empoderamento cada vez maior do movimento negro, em especial, da mulher negra, como se pode constatar com os fenômenos como Djamila Ribeiro, Giovana Xavier e Jarid Arraes, que não por menos foram convidadas para essa edição, em um ano que suas existências foram frontalmente ameaçadas no país, em especial no Rio de Janeiro, com o assassinato brutal, em 14 de março de 2018, de Marielle Franco<sup>7</sup>, mulher, negra,

---

<sup>7</sup> Marielle Franco era formada em Ciências Sociais pela PUC-Rio e mestre em Administração Pública pela Universidade Federal Fluminense, onde defendeu a dissertação intitulada “UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro”. Em 2006, Marielle integrou a equipe de campanha que elegeu Marcelo Freixo à Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Com a posse de Freixo, foi nomeada assessora parlamentar do deputado. Marielle Franco assumiu também a coordenação da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, prestando auxílio jurídico e psicológico a familiares de vítimas de homicídios ou policiais vitimados. Em 2016, na sua primeira disputa eleitoral, foi eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro com mais de 46 mil votos pelo Partido Socialismo e Liberdade, sendo a quinta candidata mais votada no município e a segunda mulher mais votada ao cargo de vereadora em todo o país. Em 10 de março de 2018, Marielle denunciou a operação policial realizada pelo 41º Batalhão da Polícia Militar na favela de Acari, Rio de Janeiro, e em 13 de março, um dia antes de ser morta, criticou o homicídio de Mateus Melo, jovem assassinado pela Polícia Militar ao sair de uma igreja. Em 14 de março de 2018, ao sair de

moradora da favela da Maré, lésbica e a quinta vereadora mais votada do Rio de Janeiro, que dedicou seu mandato à causa negra e aos direitos das mulheres.

### PROCESSOS E SINGULARIDADES DA FLUP

A ideia de realizar a FLUP foi uma decorrência do trabalho já realizado por Salles e Ludemir, desde 2008, na Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu e também da ida de Julio Ludemir à Festa Literária Internacional de Paraty, em 2010<sup>8</sup>. A FLIP, que ocorreu pela primeira vez em 2003 com homenagem ao poeta Vinicius de Moraes, é considerada um dos principais festivais literários do país. O festival de Paraty, com duração em média de uma semana, foi idealizado pela editora inglesa Liz Calder, da Bloomsbury, e é realizado pela organização sem fins lucrativos Associação Casa Azul. Além de oferecer palestras, a FLIP conta também com oficinas literárias e eventos paralelos para crianças, como a Flipinha, e para jovens, Flipzona. Realizada em uma cidade histórica no litoral sul do estado do Rio de Janeiro, a cerca de 258 quilômetros da capital estadual, a Festa Literária Internacional de Paraty é associada a outros festivais semelhantes como o festival literário *Hay-on-Wye*, do Reino Unido, o *Adelaide Festival*, da Austrália, considerado uma das maiores celebrações de arte no mundo; o *Toronto International Festival of Authors*, que ocorre no Harbourfront Centre, no Canadá; o *Internacionales Literaturfestival Berlin*, da Alemanha; o *Edinburgh International Book Festival*, da Escócia, e o *Festivaletteratura* que ocorre em Mântua, na Itália.

Apesar de repetir o festival de Paraty em determinados quesitos como, por exemplo, a estrutura da programação das mesas-redondas organizadas por

---

um encontro com mulheres negras na Casa das Pretas, Lapa, Marielle foi executada com três tiros na cabeça e um no pescoço. O motorista da vereadora, Anderson Gomes, também foi assassinado na ocasião. Ainda em 2018, durante o processo eleitoral, a placa posta em homenagem a Marielle transformando-a, simbolicamente, em nome de uma rua do centro do Rio de Janeiro foi quebrada pelos candidatos a deputado estadual e federal Rodrigo Amorim e Daniel Silveira, ambos do Partido Social Liberal. No ato, também estava presente o candidato a governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel, do Partido Social Cristão. A agressão à memória de Marielle Franco foi aprovada e defendida por Flávio Bolsonaro, candidato ao Senado também pelo PSL. Todos foram eleitos para os respectivos cargos públicos. Apesar da tentativa de silenciamento, meses após sua morte, cinco projetos de lei apresentados por Marielle foram aprovados pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Écio conta em entrevista ao Suplemento Pernambuco, em 6 de novembro de 2017, que ele e Ludemir foram convidados, em 2008, por Marcus Faustini para participar da Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu durante a gestão de Lindbergh Farias. Com a saída de Faustini, Salles foi indicado como substituto da pasta e Ludemir para Secretário-Adjunto, mantendo a política da gestão anterior, apenas dando ênfase à literatura. Em julho de 2010, Julio, quando voltava da FLIP, sugere a Salles a realização de uma FLIP na periferia. Entrevista disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1982-entrevista-%C3%A9cio-salles-e-julio-ludemir.html>

temas em que os autores convidados debatem sobre os assuntos propostos e a escolha de um autor homenageado a cada edição, a FLUP não se estrutura como uma cópia da FLIP. Dessa maneira, o conceito de *entre-lugar*<sup>9</sup>, cunhado por Silvano Santiago, constitui um importante operador de leitura para pensar as relações que se estabelecem entre o festival das periferias com o de Paraty.

Rasurando os limites, tradicionalmente bem marcados, entre margem e centro<sup>10</sup>, os novos e vários movimentos sociais, aglutinados em torno da busca de uma política de identidade para grupos minoritários, ao mesmo tempo que se apropriam dos códigos estéticos e culturais vigentes procuram alterá-los em um processo de ressignificação e redignificação, de libertação, de restituição e de afirmação identitária e cultural. Considerar a FLUP a partir da noção de *entre-lugar*, para fazer uso das palavras de Silvano Santiago (2000), significa pensar em um projeto que se organiza “dentro de uma geografia de assimilação e de agressividade, de aprendizagem e de reação, de uma falsa obediência”<sup>11</sup>, pois tem diversos aspectos peculiares às suas circunstâncias. Isto é, apesar de a FLUP adotar o modelo da FLIP, ela se distancia do original ao se configurar dentro das suas próprias dinâmicas. É possível, desse modo, através da contribuição de Gilles Deleuze (2007), avaliar a Festa Literária das Periferias com o valor positivo do simulacro.

Ao propor uma reversão do platonismo, por meio da noção de simulacro, Deleuze explora a potência da repetição pelo simulacro a partir de uma distinção entre este e a cópia. Enquanto a cópia, por meio de uma relação de interioridade e de fidelidade, é fundada na semelhança a partir da reprodução fiel ao modelo, o simulacro é marcado por sua dessemelhança interior dando espaço para a proliferação de múltiplas imagens que decorrem do desapego ao modelo. Em outras palavras, Deleuze propõe o fim da hierarquia entre cópia bem e mal fundada para que a noção de simulacro ganhe potencialidade com base na sua transgressão e diferença. Nesse sentido, o simulacro deixa de ser pensado como uma cópia mal feita, como é frequentemente concebido pelo senso comum, e

---

<sup>9</sup> Para Silvano Santiago, o ritual do discurso latino-americano, marcado pela impureza, se dá através da rebelião, se apropriando daquilo que não é seu em um jogo antropofágico. Essa apropriação, no sentido da antropofagia, resulta em algo que está dentro e fora do modelo original configurando, assim, a noção de *entre-lugar*.

<sup>10</sup> Por margem se entende os territórios que são negligenciados, não centrais, que estão fora do espaço hegemônico. Os novos e vários movimentos sociais da margem, que aglutina inúmeros jovens da periferia através de uma política de identidade, revelam justamente uma ideia oposta à de exclusão e apresentam a existência de vários “centros” possíveis e, assim, procuram desconstruir as noções do que se convencionou como “margem” e “centro”.

<sup>11</sup> SANTIAGO, Silvano. O *entre-lugar* do discurso latino-americano. In. *Literatura nos trópicos*, 2009. p. 16.

passa a ser visto como “uma potência que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo como a reprodução”<sup>12</sup>. Vista nessa perspectiva, apesar de uma origem comum com a FLIP e de repetir algumas de suas atividades estruturantes como a promoção de palestras em que os autores se expõem e respondem perguntas da plateia, a FLUP ocupa outros espaços de origem e de destino, seja de seus participantes ou do seu público, sendo preciso entendê-la como um conjunto de atividades ou uma agenda, como se refere Julio Ludemir<sup>13</sup>, cujo horizonte é menos o mercado editorial, embora esse aspecto esteja presente, e muito mais o empoderamento político-social do envolvidos. Por isso, o empreendimento cultural, como dito anteriormente, se estrutura em três linhas - FLUP Parque, FLUP Pensa e a festa literária. Segundo Salles (2017):

A primeira é dedicada ao público infanto-juvenil, a Flup Parque, e é um processo que acontece nas escolas no entorno da Flup. A segunda etapa é um processo de formação, que a gente batizou de Flup Pensa, que começa no início do ano e se estende por cerca de oito meses, promovendo encontros entre os participantes e escritores. No final desses encontros, publicamos um livro com o resultado dos que mais se destacaram. Esse ano [2017] não publicaremos no formato livro, mas pode ser que alguns sejam “publicados” como filme, já que estamos trabalhando em 35 argumentos audiovisuais. A última etapa da Flup é um grande evento internacional, que ocorre sempre no final do ano.<sup>14</sup>

Em outras palavras, a FLUP é uma revisitação aos mecanismos de validação do campo literário, conceito operatório criado por Pierre Bourdieu para explicitar a noção de que o fazer artístico só é possível através de um mapeamento das mediações que estão entre obra e público, ou seja, as engrenagens que abarcam a produção, a circulação e o consumo do produto literário. Entretanto, a FLUP possui circunstâncias territoriais e sociais diferenciadas que lhe deram novas características, ou seja, ao mesmo tempo em que ela repete a FLIP, ela a rasura ao se moldar ao seu próprio espaço físico e socio-cultural. É nesse sentido que, se por um lado, a FLUP tem como ponto de partida a Festa Literária Internacional de Paraty, um evento estritamente vinculado ao mercado editorial global, por outro, muito se aproxima, por exemplo, ao Sarau da Cooperativa Cultural da Periferia, o Sarau da Cooperifa, criado em 2001 pelo escritor e agitador cultural, como é reconhecido, Sérgio Vaz.

O Sarau da Cooperifa surge, como defendeu Claudia Miranda (2015) em sua dissertação de mestrado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de

---

<sup>12</sup> DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*, 2007, p. 264.

<sup>13</sup> Entrevista de Écio Salles e Julio Ludemir ao Suplemento Pernambuco, 2017.

<sup>14</sup> Ibid.

Janeiro, “com o objetivo de reunir poetas e não poetas para a comunhão da palavra”<sup>15</sup> em que, segundo Vaz (2008), a intenção não é tirar os jovens da violência, mas oferecer a eles “o conhecimento da literatura, da arte, da cultura. Assim, formar seu caráter cidadão”<sup>16</sup>. Com mais de quinze anos, as atividades poéticas do Sarau da Cooperifa acontecem uma vez por semana, no bairro Jardim Guarujá, no bar do Zé Batidão na periferia do extremo sul da cidade de São Paulo, e tem, em média, a apresentação de cinquenta poetas por noite. Conforme afirma Sérgio Vaz (2008), o Sarau da Cooperifa é um espaço aberto a todos os públicos e independe de outros movimentos literários para existir, como, por exemplo, a própria FLIP, apesar de julgar importante o festival de Paraty.

Convidado da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2016, que escolheu para homenagear a poeta e tradutora Ana Cristina Cesar, Vaz (2016) considera que nada impede que ocorram duas ou mais cenas literárias que, segundo o poeta, podem manter um diálogo aberto de fortalecimento mútuo. Na página online do projeto criado por Sérgio Vaz, encontra-se a indicação de que a periferia é o elo que os “une pela dor, pela cor e pelo amor”<sup>17</sup>. Em entrevista concedida ao Itaú Cultural (2008), Sérgio Vaz declara que a proposta não é se mudar da periferia, mas mudar a periferia. É a partir dessa necessidade de um espaço cultural nas periferias em que “a arte tem que ser cidadã”<sup>18</sup>, que a criação e afirmação de eventos literários como o Sarau da Cooperifa e a Festa Literária das Periferias se fazem urgentes e imprescindíveis.

A FLUP mantém programações regulares ativas, e isso inclui também a FLIP::FLUP, encontro com duração de um dia no decorrer dos processos da FLUP Pensa com autores que estiveram na edição da FLIP e que conta com a parceria do próprio festival de Paraty. Isto é, ao fim da FLIP, a organização da FLUP convida alguns dos autores que participaram do festival em Paraty e realizam um evento paralelo ao curso da FLUP Pensa para recebê-los. No ano de 2017, estiveram presentes nos encontros da FLIP::FLUP os autores José Eduardo Agualusa, escritor de raízes angolana, portuguesa e brasileira nascido na cidade de Huambo; Luaty Beirão, rapper e militante luso-angolano conhecido pelo seu

---

<sup>15</sup> MIRANDA, Claudia de Azevedo. *Aubervilliers e Cooperifa: o olhar pós-urbano da periferia sobre a cidade*. Rio de Janeiro, 2015. 122p. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p 40

<sup>16</sup> VAZ, Sérgio. Sarau da Cooperifa - Jogo de Ideias. São Paulo, Itaú Cultural. Entrevista a Claudiney Ferreira, 2008. Disponível [www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008](http://www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008)

<sup>17</sup> Endereço eletrônico em [http://cooperifa.com.br/?page\\_id=9](http://cooperifa.com.br/?page_id=9)

<sup>18</sup> VAZ, Sérgio. Sarau da Cooperifa - Jogo de Ideias. São Paulo, Itaú Cultural. Entrevista a Claudiney Ferreira, 2008. Disponível em [www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008](http://www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008)

ativismo em prol da liberdade de expressão, democracia e luta anti-corrupção em Angola, que foi preso em 2015 durante o governo de José Eduardo dos Santos, ex-presidente de Angola e do MPLA, o Movimento Popular para a Libertação de Angola, quando Luaty fez uma greve de fome por 36 dias; Scholastique Mukasonga, escritora tutsi de Ruanda que cresceu convivendo com a violência e a discriminação oriundas dos conflitos étnicos em seu país; Joana Gorjão Henriques, jornalista portuguesa que aborda em seus trabalhos questões do pós-colonialismo, e Paul Beatty, premiado escritor americano e professor de escrita criativa na Columbia University.

Já no ano seguinte, 2018, a programação da FLIP::FLUP ficou por conta de Djamila Ribeiro, filósofa e uma das maiores representantes do feminismo negro no Brasil atualmente; Isabela Figueiredo, jornalista e escritora portuguesa; Nina Reusch, historiadora alemã; Lutz Taufer, militante alemão do movimento antipsiquiátrico e ex-membro da segunda geração da Fração do Exército Vermelho, a RAF, guerrilha urbana alemã ocidental dos anos 1960 e 1970; Michael Goldfarb, escritor e jornalista americano conhecido por seu trabalho na National Public Radio; Niels Hav, poeta e contista dinamarquês; Alain Mabanckou, premiado escritor franco-congolês, professor e autor de obras reconhecidas como *Verre Cassé* e *Mémoires de porc-épic* com o qual conseguiu o importante prêmio Renaudot; e Igiaba Scego, filha de imigrantes somalis e escritora italiana que traz em suas obras um enfoque no diálogo entre culturas e na dimensão da transculturalidade e das migrações.

Para além da FLIP::FLUP, a Festa Literária das Periferias também se desdobra em projetos que procuram renovar a cena artístico-cultural, como o Laboratório de Narrativas Negras para Audiovisual, que ocorreu em 2017 em parceria com a Rede Globo, uma das 10 maiores empresas de comunicação do mundo, e teve como objetivo formar e lançar roteiristas negros no mercado audiovisual.

A Festa Literária das Periferias tem alcançado visibilidade internacional tanto que, a título de exemplo, em 2016, ao lado de festivais como o *Open Book* da África do Sul, *Krakow Festival Office – Conrad Festival* da Polônia e com a própria FLIP, a FLUP concorreu na categoria “Festival Literário”, levando o prêmio pela *London Book Fair International Excellence Awards 2016*<sup>19</sup>. A FLUP também já foi contemplada, em 2012, com o prêmio *Faz Diferença* pelo jornal *O Globo*,

---

<sup>19</sup> A lista dos premiados por categoria está disponível na página *The London Book Fair*. Acesso em <http://www.londonbookfair.co.uk/the-hub-media/Press-Releases/The-London-Book-Fair-International-Excellence-Awards-2016-Winners-Announced/>

uma iniciativa em parceria com a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, a Firjan, que, com votação popular, reconhece o trabalho, a dedicação e o talento de brasileiros que servem de inspiração para o país e o mundo e, em 2017, com a 1ª edição do Prêmio IPL – Retratos da Leitura, criado pelo Instituto Pró-livro.

### *ARTE, POLÍTICA E MERCADO*

Ao longo dos anos, a Festa Literária das Periferias desenvolve um processo de atualização e captação de diferentes parcerias para a realização do projeto, sejam elas apoios institucionais ou de financiamento direto. Segundo Écio Salles, em entrevista ao Suplemento Pernambuco (2017), durante o processo embrionário da FLUP, a primeira atitude tomada por ele e Julio Ludemir foi procurar aliados. A partir disso, convidaram para participar como conselheiros da FLUP Heloisa Buarque de Hollanda<sup>20</sup> – professora titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro que tem se dedicado à relação entre universidade, cultura e política, e criadora da Universidade das Quebradas, projeto que articula experiências culturais e intelectuais produzidas dentro e fora da academia e que tem Écio Salles como conselheiro –, e o professor e também pesquisador da Universidade Estadual do Rio Janeiro Luiz Eduardo Soares<sup>21</sup>, que também já atuou como Secretário Nacional de Segurança Pública e Coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro.

O convite feito pelos idealizadores da FLUP tanto a Heloisa Buarque de Hollanda quanto a Luiz Eduardo Soares representa relações de trabalho já estabelecidas anteriormente à FLUP. Écio Salles foi consultor da coleção *Tramas Urbanas*, que teve Heloisa Buarque como curadora e foi publicada pela Editora Aeroplano, que, na época, pertencia à própria Heloisa. A coleção *Tramas Urbanas* foi uma resposta editorial e política à nova cultura periférica que se impunha com

---

<sup>20</sup> Sua atividade de pesquisa privilegia a relação entre cultura e política, especialmente nos campos da teoria literária e dos estudos culturais. Dedicou-se também às áreas de poesia, relações de gênero, culturas marginalizadas e as questões colocadas pelo novo quadro econômico, político e cultural dos processos de globalização e desenvolvimento tecnológico. Nos últimos anos, seus estudos e pesquisas vêm focando a cultura produzida nas periferias urbanas e suas articulações com o *mainstream* assim como o impacto das novas tecnologias digitais na produção e no consumo culturais.

<sup>21</sup> Foi secretário nacional de segurança pública e coordenador de segurança, justiça e cidadania do estado do Rio de Janeiro. Colaborou com o governo municipal de Porto Alegre como consultor responsável pela formulação de uma política municipal de segurança e foi secretário municipal de valorização da vida e prevenção da violência de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. É autor e pesquisador nas áreas de políticas de segurança e programas preventivos.

feição própria através dos movimentos culturais e dos projetos com caráter de transformação social como, por exemplo, a Agência de Rede para Juventude, projeto idealizado por Marcus Faustini, agente cultural e ex-morador do Cesarão, favela localizada em Santa Cruz, zona oeste do Rio de Janeiro, e o Circo Crescer e Viver, projeto de Junior Perim e Vinicius Daumas, ambos criados na cidade de São Gonçalo. Como parte da coleção Tramas Urbanas, narrando a periferia de dentro para fora, estão os títulos *Guia afetivo da periferia*, de Faustini; *Panfleto*, de Junior Perim, e *101 Funks que você tem que ouvir antes de morrer*, de Julio Ludemir.

Tanto Heloísa quanto Luiz Eduardo podem ser pensados dentro da categoria do “intelectual-público”, definido em artigo de Eneida Leal Cunha (2015) como aqueles “que ultrapassam os muros da academia e as páginas especializadas para disputar, nos meios massivos impressos ou não, canais de comunicação com um universo mais amplo”<sup>22</sup>. Com a contribuição do crítico literário Edward Said, os três papéis ou funções para o intelectual em nossos tempos são “antes de mais nada, o de apresentar leituras alternativas e perspectivas da história Outras’, que se confrontem com as oferecidas pelos representantes da memória oficial e hegemônica ou da identidade nacional e a desconstruam; como segundo, ‘advogar um imperativo teórico contra as imensas acumulações de poder e capital, que tanto distorcem a vida humana’; e em terceiro lugar, ‘reconstruir áreas de coexistência em lugar de campos de batalha resultantes do trabalho intelectual” (2003, p.38, apud CUNHA, 2015, p. 75). Assim, as práticas intelectuais de Heloisa Buarque de Hollanda e de Luiz Eduardo Soares, que se desenvolvem para fora ou pelo menos para além dos muros da academia, tornam-se significativas não somente no plano político como também no desenvolvimento de outros tipos de práticas e discursos. Nesse sentido, a aliança cultural entre intelectuais e produtores da periferia – ou os “novos intermediários culturais” delineada por Laura Bovone (2001) – cujas habilidades em articular as dimensões de arte, cultura e política se mostra rendosa para a elaboração e o desenvolvimento da FLUP.

A figura dos novos intermediários culturais, segundo Bovone (2001), delineada a partir das noções de *distinção* e de *campo* de Bourdieu, se refere a sujeitos que, nas últimas décadas, se tornaram “os protagonistas de iniciativas políticas inovadoras, passíveis de estabelecer alianças entre classes, e serem, por

---

<sup>22</sup> CUNHA, Eneida Leal. Arte, mercado, política: intelectuais e mediação cultural. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O intelectual e o espaço público*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 74.

isso, os promotores da informação enquanto elo de aproximação, e não enquanto seu obstáculo”<sup>23</sup>. Ou seja, embora não necessariamente qualificados, sob o ponto de vista formal, são agentes de informação e poderosos transmissores de cultura, em geral, ligados aos sistemas de comunicação de massas e, portanto, aptos a estabelecer “elos determinantes da cadeia criação-manipulação-transmissão de bens com elevado conteúdo de informação, cujo valor simbólico é preponderante”<sup>24</sup>. As figuras de Julio Ludemir, escritor, roteirista, produtor cultural e criador da *Batalha do Passinho*<sup>25</sup>, nascido no Rio de Janeiro e criado em Olinda, Pernambuco, com graduação incompleta em jornalismo, e de Écio Salles<sup>26</sup>, que nasceu no bairro de Olaria, nas margens do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, formado em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal Fluminense e doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, encarnam, através do trabalho que desenvolvem na Festa Literária das Periferias, esse protagonismo e mediação e, como agentes de uma mudança cultural, articulam suas ações às dinâmicas políticas e de mercado.

A proposta desses novos intermediários culturais de movimentar uma cena cultural que busca a pluralidade vem ocupando uma posição de notoriedade no país. Ao contrário dos intelectuais constituídos na modernidade que prezavam por uma imagem ligada à ideia de autonomia, os novos intermediários culturais “constroem o seu próprio papel sobre os escombros de outros em declínio, como os do intelectual e do artista, conjugando, de um modo muito mais direto do que esses, a lógica da pesquisa criativa com a lógica do mercado” (BOVONE, 2001, p.104). Essa nova configuração dos papéis sociais requer uma outra posição dos intelectuais. No artigo *Intelectuais X marginais*, Heloisa Buarque de Hollanda ressalta a urgência de repensar o papel do intelectual hoje e analisa a necessidade da criação de novas abordagens das novas vozes discursivas no cenário cultural brasileiro. Se, tradicionalmente, os intelectuais sempre foram reconhecidos como

---

<sup>23</sup> BOVONE, Laura. Os novos intermediários culturais: considerações sobre a cultura pós-moderna. In: FORTUNA, Carlos (Org.). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta, 1997, p.111.

<sup>24</sup> *Ibid.*, p 103.

<sup>25</sup> Surgido nas favelas cariocas, o passinho ou o passinho do menor da favela, explodiu em 2008 e é uma nova forma de dançar o funk. Desde então vem mudando a cara da periferia do Rio de Janeiro, além de ser uma das manifestações culturais carioca mais importantes dos últimos 10 anos.

<sup>26</sup> Salles também é escritor, consultor do Programa Onda Cidadã do Itaú Cultural e conselheiro da Universidade das Quebradas. Atuou por dez anos como um dos coordenadores do Grupo Cultural AfroReggae, organização não governamental fundada em 1993 por Luiz Fernando Lopes e José Pereira de Oliveira Junior com a missão de promover a inclusão e a justiça social por meio da arte, da cultura afro-brasileira e da educação, e como também Secretário de Cultura em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, entre 2010 e 2011.

os porta-vozes das demandas populares e protagonistas dos movimentos de transformação social na área dos projetos artísticos e literários, como aponta Heloisa Buarque, atualmente as “manifestações artísticas produzidas na periferia das grandes cidades e que está marcando com força total a produção cultural desse nosso início do século”<sup>27</sup> (HOLLANDA) impõem a repensar, com certa radicalidade, o papel do intelectual no campo social, acadêmico e artístico.



Da esquerda para direita, Júlio Ludemir, José Eduardo Agualusa e Écio Salles na FLUP Pensa, em 2016. Imagem retirada do site Solidário, Portal de Notícias.<sup>28</sup>

A Festa Literária das Periferias, desde sua primeira edição, também tem contado com as contribuições de outros inúmeros intelectuais que, em certo sentido, também podem ser pensados dentro da categoria de intelectuais públicos. As oficinas de formação literária, a cada ano, possuem uma banca avaliadora que coordena e auxilia os trabalhos produzidos. No processo de formação da FLUP, a FLUP Pensa, já passaram nomes como Alexandre Faria, professor associado de literatura da Universidade Federal de Juiz de Fora, Miguel Jost, pesquisador especializado em políticas públicas para cultura e professor de literatura brasileira na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

<sup>27</sup>HOLLANDA, Heloisa Buarque. Intelectuais X Marginais. Artigo disponível em: <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/intelectuais-x-marginais/>

<sup>28</sup> Imagem disponível em <https://solidarionoticias.com/flup-uma-festa-literaria-permanente/> Acesso em 02 jul.2018.

O trabalho realizado em conjunto por esses intelectuais públicos e intermediários culturais tem resultado em um projeto cada vez mais atento às temáticas locais e globais, questionamentos da própria periferia em articulação às demandas contemporâneas, como as pautas étnico-raciais, pós-coloniais, feministas, de gênero e de diversidade sexual. A soma das relações entre arte, cultura e direitos humanos, que são os impulsionadores da FLUP, se encadeia em ações políticas. A vinda do sociólogo Sam Bourcier, por exemplo, que nasceu como Marie-Hélène Bourcier e que se define como *un bébé du post-structuralisme français* sendo uma figura importante da militância *queer*, em 2017, na edição do Vidigal, é marcadamente um ato em prol das liberdades individuais e coletivas concebidas por perspectiva insurgente e atual. Ou ainda, como segundo exemplo, a promoção do jovem autor Enrique Coimbra, participante da primeira FLUP Pensa, em 2012. Em 2014, Coimbra lançou três livros e foi convidado a voltar, agora como autor, a FLUP na edição da Mangueira. Com obras baseadas em suas próprias experiências, Enrique Coimbra é reconhecido pela autoria dos romances *Os hereges de Santa Cruz*, *Sobre garotos que beijam garotos* e *Um gay suicida em Shangri-la*. No ano seguinte, 2015, na favela Babilônia/Chapéu Mangueira, Enrique Coimbra retornou mais uma vez à FLUP, onde dividiu a mesa intitulada *Meu lugar não é de silêncio* com o deputado Jean Wyllys<sup>29</sup>, uma das principais representações parlamentares na defesa dos direitos humanos, em especial, em relação ao movimento dos direitos LGBTQI+, debatendo sobre os desafios da homossexualidade dentro do país onde mais se assassina homossexuais no mundo<sup>30</sup>.

Em sua sétima edição, no ano de 2018, a FLUP ampliou seu escopo para as questões pós-coloniais ao pensar a África fora do Brasil. A relação de uma África contemporânea ou ainda de uma terceira diáspora, de acordo com as contribuições de Goli Guerreiro em *Terceira diáspora: culturas negras no mundo Atlântico*, com a memória de uma África ancestral, estiveram representadas nas imagens de Felwine Sarr, estudioso senegalês e autor de *Afrotopia*, trabalho

---

<sup>29</sup> Jean Wyllys é jornalista e deputado federal eleito pela primeira vez em 2010 pelo Partido Socialismo e Liberdade do Rio de Janeiro. Em 2014, foi o sétimo mais votado entre os candidatos a deputado federal do estado do Rio de Janeiro com, aproximadamente, 145 mil votos válidos obtendo sua reeleição ao cargo. A revista britânica *The Economist*, em 2015, classificou Wyllys como uma das 50 personalidades que mais defendem a diversidade no mundo. Jean também já teve seu trabalho na luta pela igualdade reconhecido com o troféu Nelson Mandela e o prêmio Congresso em Foco, três vezes como melhor deputado e uma como parlamentar do futuro. Em 2019, logo após de ser reeleito, Jean renunciou ao seu terceiro mandato devido a inúmeras ameaças sofridas e se mudou do Brasil.

<sup>30</sup> Segundo levantamento realizado pelo Grupo Gay da Bahia, o Brasil registrou 445 casos de assassinatos de homossexuais em 2017. Além disso, de acordo com a ONG Transgender Europe, entre 2008 e junho de 2016, 868 travestis e transexuais perderam a vida de forma violenta.

reconhecido, em 2016, com o Grande Prêmio de Associações Literárias na categoria de pesquisa; Taiye Selasi, escritora e fotógrafa de origem nigeriana e ganesa, Mame-Fatou Niang, professora e cineasta responsável pela codireção do documentário *Mariannes Noires: mosaïques afropèennes*; Rokhaya Diallo, autora, cineasta e ativista francesa que se debruça sobre os temas de igualdade racial, de gênero e religiosa; Bonaventure Ndikung, biotecnólogo e curador de arte nascido em Camarões responsável pela curadoria da Documenta 14, umas das mais importantes mostras internacionais de arte, e Saul Williams, um dos maiores nomes do Spoken Word no mundo. O diálogo diaspórico entre tradições e contemporaneidades africanas também foi marcado nas performances do campeonato de poesia falada, o Rio Poetry Slam, com as presenças dos poetas Emmanuel Villafana, de Trindade e Tobago; Ikenna Onyegbula, do Canadá; Lee Mokobe, da África do Sul; Vivian Ofre, da Nigéria; Clair MC, do Senegal; Edyoung Lennon, de Cabo Verde; Evelyn Rasmussen Osazuwa, da Noruega; Vanessa Kisuule, do Reino Unido; Lisette Ma Neza, da Bélgica; Lord Myke Jam, da França; Luz de Cuba, de Cuba; Babs Gons, da Holanda; Emi Mahmoud, do Sudão; Luana Bartholomeu, de Angola; Vox Sambou, do Haiti; e ainda NegaFya, do Brasil.

Com a programação de 2018, a FLUP, a partir do que Paul Gilroy designou como Atlântico Negro, procurou ampliar a ideia de uma vivência negra e as versões de África para tornar ainda maiores as discussões sobre racismo no Brasil. Essa mesma edição, realizada em um equipamento tradicional da cidade – a Biblioteca Parque Estadual –, não significou uma capitulação ante a violência nas periferias, mas, antes de tudo, um posicionamento de político para afirmar que temáticas negras e produções artísticas periféricas também podem e devem ocupar espaços de prestígio.

A FLUP, ao longo dos seus anos, se demonstra atenta e interessada nos movimentos que popularizam a literatura e demais formas artísticas. A atenção e o compromisso da curadoria da FLUP com questões e acontecimentos da contemporaneidade ficaram ainda mais evidentes com a realização do Preta-Porter, em 2018, um projeto dividido em etapas imersivas e experimentais de criação estilística que contou com a parceria com Hildegard Angel, jornalista e filha da estilista Zuzu Angel. Com o objetivo de denunciar o genocídio da juventude negra no país, foram selecionados doze estilistas que aceitaram o desafio de desenvolver uma peça original inspirada na moda de Zuzu. Para isso, os participantes tiveram acesso ao acervo da Casa Zuzu Angel de Memória da Moda Brasileira e contaram com as orientações, por exemplo, de Lena Santana e Luiza

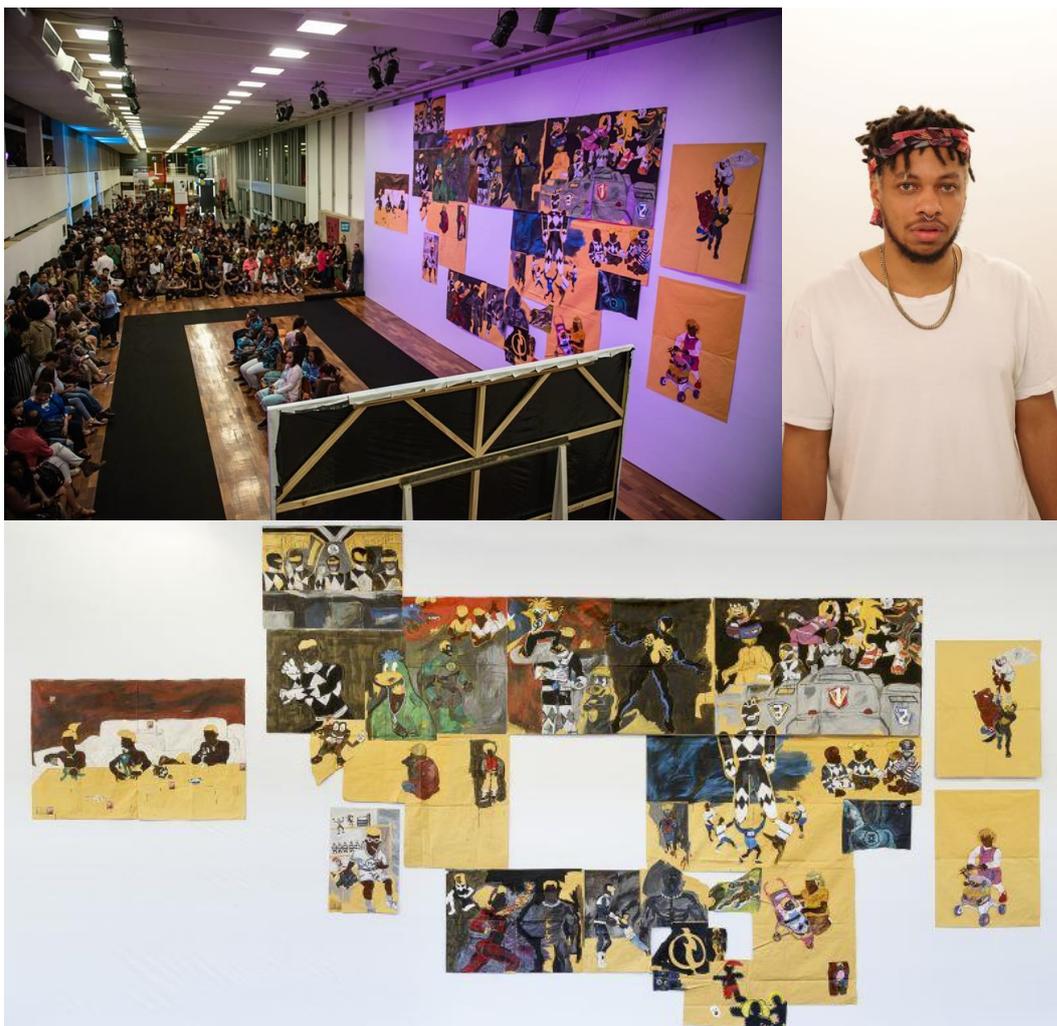
Marcier, ambas estilistas com grifes próprias e professoras de design de moda na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A abertura do processo de imersão do Preta-Porter ocorreu por meio do encontro entre Hildegard Angel e Marinete Silva, mãe de Marielle Franco, seguido por uma roda de conversa entre os estilistas participantes e mães de jovens assassinados por uma política pública que, apesar de ter conquistado alguns avanços através das políticas afirmativas no início dos anos 2000, insiste em reforçar o racismo estrutural. Para expor o resultado dos encontros, a FLUP realizou o desfile do Preta-Porter no primeiro dia do festival literário. O desfile das peças, que em seguida entraram em leilão, que tinha como objetivo doar os valores das vendas à Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência<sup>31</sup>, contou com um painel de 12 metros da série *Pardo é papel* do artista visual Maxwell Alexandre como cenografia.

Nascido e criado na favela da Rocinha, Maxwell é formado em design na PUC-Rio e, em 2018, foi considerado uns dos principais nomes da sua geração nas artes visuais. Seu trabalho, que é atravessado por sua vivência, um corpo negro na maior favela da América Latina localizada na zona de classe alta do Rio de Janeiro, já faz parte de coleções particulares como as coleções da Pinacoteca de São Paulo, do Museu de Arte de São Paulo e do Museu de Arte do Rio, no Rio de Janeiro. Com obras valorizadas nos mercados brasileiro e internacional, Maxwell já protagonizou exposições individuais como *Pardo é Papel*, no Complexo Esportivo da Rocinha, em 2017; e *O Batismo de Maxwell Alexandre*, na galeria A Gentil Carioca, em 2018. Também em 2018, obras do artista fizeram parte das exposições coletivas *Recortes da Arte Brasileira*, na Art Berlin Fair, em Berlim; *Crônicas Urgentes*, na galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, em São Paulo; e *Histórias Afro-Atlânticas*, no MASP – Museu de Arte de São Paulo. Ao fim do ano em questão, o artista participou de uma residência artística na *Delfina Foundation*, em Londres, e em fevereiro de 2019, Maxwell já estava em sua segunda residência no *Musée d'Art Contemporain de Lyon*, na França, onde preparou mais uma exposição individual. Maxwell Alexandre também é um dos membros fundadores do coletivo Igreja do Reino da Arte, ou simplesmente A Noiva, que promove encontros e exposições artísticas ou, como os membros do coletivo preferem chamar, “cultos de adoração à altíssima arte”.

---

<sup>31</sup> A Rede de Comunidades e Movimentos Contra a Violência é uma organização não governamental, que reúne sobreviventes e familiares de vítimas da violência policial ou militar e ativistas dos direitos humanos. A Rede luta contra a violência do Estado e as violações de direitos humanos praticadas por agentes estatais nas comunidades pobres.



Da esquerda para direita, ao lado da obra *Megazord só de Power Rangers Pretos*, de Maxwell Alexandre, o público a espera do desfile do Preta-Porter, FLUP 2018. Imagem retirada do acervo da FLUP. Retrato de Maxwell Alexandre e, abaixo, destaque para a obra *Megazord só de Power Rangers Pretos*. Ambas imagens retiradas da página *Arts in the city*<sup>32</sup>

A chegada de novas gerações e a insurreição dos discursos periféricos no enfrentamento pela conquista de espaços de visibilidade caracterizaram uma emergência no mercado ou circuito literário uma vez que demandaram por representatividade na literatura. Ao pensar nos circuitos contemporâneos do literário, Ítalo Moriconi (2006) destaca que o mercado de literatura é uma parte do mercado de livros que, por sua vez, é parte do mercado de bens materiais. Assim, segundo Moriconi<sup>33</sup>, pode-se dizer que o mercado ou circuito da literatura se configura como nicho dentro do mercado de livros e tem sua estabilidade estrutural afetada pela variabilidade histórica. Ou seja, a estabilidade estrutural das

<sup>32</sup> Imagens disponíveis em <https://www.arts-in-the-city.com/2019/03/18/lyon-maxwell-alexandre/> Acesso em 10-mar-2019.

<sup>33</sup> MORICONI, Ítalo. *Circuitos contemporâneos do literário* (indicações de pesquisa), 2006, p. 149.

dinâmicas dos circuitos e a situação em cada momento do nicho da literatura dentro do mercado de livros como um todo está relacionada às variações socioeconômicas e político-culturais. A exemplo dessas variações está o empoderamento de uma população pobre e racializada, em especial a partir dos anos 2000, que fez surgir mudanças no circuito literário por meio de sua presença crescente como consumidores e produtores de literatura. A criação da FLUP surge dessa nova demanda no circuito industrial e comercial de livros. O conceito de literatura no circuito de mercado é intuitivo e subentendido por quem produz, vende e compra, ainda conforme assinala Ítalo Moriconi. O desejo das minorias sociais por representatividade, em grande maioria, tem por intenção alcançar a reversão e revisão da Histórias, isto é, de “escovar a história a contrapelo”, como conceituou Walter Benjamin; esse desejo vem em companhia da aspiração por protagonismo nos meios de comunicação e nas artes que, por consequência, fizeram surgir novos nichos de mercado.

A criação da FLUP é reflexo das variações históricas que afetam as dinâmicas dos circuitos e está aliada à articulação para criar um espaço que pudesse atender esses novos públicos evidenciando, assim, o acordo entre as lógicas artísticas ou criativas e mercadológicas, o que é próprio do papel dos novos intermediários culturais. A partir das estratégias que procuram estabelecer uma consonância entre as demandas artísticas e de mercado, Écio conta, em entrevista ao Suplemento Pernambuco (2017), que tentava publicar uma matéria no prestigiado caderno *Prosa & Verso* e que Leonardo Lichote, jornalista de *O Globo*, publicou, em um domingo, na capa do *Segundo Caderno*. Na época, a FLUP era só uma ideia sem verba para tirá-la do papel e tal reportagem na mídia impressa rendeu visibilidade ao projeto, atraindo o interesse de patrocinadores<sup>34</sup>. A divulgação na imprensa resultou no patrocínio master, ou seja, o principal responsável financeiro e assistencial de manutenção e marketing, do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social ao projeto.

O BNDES foi fundado em 1952 e é um dos maiores bancos de desenvolvimento do mundo, além de ser o principal instrumento do Governo Federal para o financiamento de longo prazo e investimento em todos os segmentos da economia nacional. Por ser uma empresa pública e não um banco comercial, o BNDES avalia a concessão do apoio com foco no impacto socioambiental e econômico no país, e sua atuação se dá por meio de financiamento a investimentos, subscrição de valores mobiliários, prestação de

---

<sup>34</sup> Entrevista disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1982-entrevista-%C3%A9cio-salles-e-julio-ludemir.html>

garantia e concessão de recursos não reembolsáveis a projetos de caráter social, cultural e tecnológico. Atualmente, além do BNDES, a FLUP conta com o patrocínio do Banco Itaú e o apoio financeiro e institucional do Itaú Cultural e da Ford Foundation, instituição com sede na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, criada, desde 1936, para financiar programas com foco na democracia e na redução da pobreza. Além disso, a FLUP faz uma captação ativa de parceiros para a realização do projeto juntamente a uma colaboração horizontal dos moradores das periferias, ou seja, representantes locais têm autonomia para tomar decisões e contribuir diretamente na realização do evento. Esse modo de organização e diálogo com os territórios, gera um projeto que consegue estabelecer relações de confiança e laços afetivos por onde passa.

### *PARTILHA DO COMUM*

Pensar a FLUP como um acontecimento que se dá dentro de um contexto marcado pela entrada de novas gerações, em especial periféricas, na luta pela ocupação de lugares de visibilidade é pensar em uma experiência que multiplica e inventa espaços de criação e resistência. A Festa Literária das Periferias busca apontar para as periferias como espaços de potência firmando uma batalha travada no campo da arte dentro da dupla contaminação entre estética e política de modo a desconstruir a ideia de que as periferias são exclusivamente espaços de carência. Nessa perspectiva, o conceito de *partilha do sensível* cunhado por Jacques Rancière, quando o filósofo francês busca rever os fundamentos críticos dos laços possíveis entre estética e política, constitui uma importante chave de leitura para a investigação das relações e das produções que se estabelecem na Festa Literária das Periferias.

A partilha do sensível trabalha com um conceito de política e estética que perpassa a teoria de estetização da política. Para Rancière (2009), essa partilha é um “sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um *comum* e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas”<sup>35</sup> fixando, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. Nesse sentido, ao pensar a contemporaneidade, o autor aponta para a necessidade de se entender que há na base da política uma estética primeira, isto é, um modo de dividir e compartilhar a experiência sensível comum. Essa estética

---

<sup>35</sup> RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política, p. 15.

primeira, assinalada por Rancière, que é a própria partilha do sensível, se configura como uma espécie de formas *a priori* a determinar a subjetividade política, a distribuição de lugares e ocupações e um modo negociado de visibilidade que “faz ver quem pode tomar parte no comum em função daquilo que faz, do tempo e do espaço em que essa atividade se exerce”<sup>36</sup>. A base da política é essencialmente “estética”, assim como a expressão artística em que, para Rancière, a política se ocupa do que se pode ver e de quem pode dizer sobre o que é visto. Ou seja, a política é quem dita quem tem competência para ver, quem tem voz para dizer, qual é o lugar e qual é o tempo. Assim, a partilha do sensível leva a uma noção de descontinuidade ao criar condições e capacidades de percepção para indivíduos e comunidades políticas. É nesse sentido que as oficinas da FLUP Pensa, ao realizarem uma experimentação dessa estética primeira ou partilha do sensível, desafiam o contínuo da ordem política em vigência e possibilitam a emergência de novas subjetividades.

As práticas estéticas são formas de visibilidade das práticas da arte como formas de ação e distribuição do comum que, para Rancière, são “‘maneiras de fazer’ que intervêm na distribuição geral das maneiras de fazer e nas suas relações com maneiras de ser e formas de visibilidade”<sup>37</sup> e passam a ocupar o espaço das discussões públicas. Ou seja, a partilha do sensível é uma defesa coesa do poder do exemplo político que as práticas artísticas modernas têm sobre as demais práticas e sobre os discursos históricos de modo geral.

A FLUP é, antes de qualquer coisa, um espaço de construção de uma comunidade. No processo de formação literária da FLUP Pensa, que promove a interação entre pessoas de diversas formações, saberes e classes, não se trata de educar quem não tem cultura, mas de estimular trocas e experiências que sejam relevantes através de ações enquanto fomentadoras de outros modos de experimentação do sensível contribuindo, assim, para a produção de novas formas de subjetividade política e de outros modos de fazer que ampliam o comum. Compreendidas nesta perspectiva, as oficinas oferecidas buscam criar um espaço em que os participantes possam entrar em contato uns com os outros a fim de que consigam usufruir de trocas e experiências comuns e assim potencializar suas competências individuais e coletivas. Dessas oficinas, que têm por princípio realizar um trabalho dentro de uma perspectiva horizontal, ou seja, em que as hierarquias são anuladas a fim de deslocar uma indesejável

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 16.

<sup>37</sup> Ibid., p. 17.

verticalização dos saberes, já saíram artistas como Yasmin Thayná, cineasta, diretora e que já atuou como curadora da FLUP. Yasmin, que nasceu em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense do Rio de Janeiro, foi umas das autoras participantes da primeira FLUP Pensa, que em cada edição lança uma coletânea com os melhores trabalhos produzidos nas oficinas. Na primeira coletânea que tem um total de 43 autores, entre eles Enrique Coimbra e Jessé Andarilho, Yasmin Thayná aparece com o conto “MC K\_bela”, uma narrativa sobre o processo de formação e aceitação de uma jovem negra a partir de sua transição capilar<sup>38</sup>, narrativa que inspirou o curta-metragem Kbela, uma experiência cinematográfica sobre ser mulher e a experiência de tornar-se negra, com roteiro e direção da própria Yasmin, lançado em 2015, e que alcançou exibição em Nova York e em Cabo Verde.

Se, conforme afirma Rancière (2009), “a questão da ficção é, antes de tudo, uma questão de distribuição dos lugares”<sup>39</sup>, logo podemos concluir que a afirmação da periferia na literatura, a partir das práticas compartilhadas no processo de formação literária da FLUP, é um exercício democrático no qual o objeto literatura tem a ver com o exercício social da escrita ligadas a processos complexos de subjetivação pessoal e coletiva<sup>40</sup>.

A produção literária oriunda ou estimulada pelas oficinas da FLUP se apresenta tendo na mira a valoração da vida, do corpo, da experiência vivida imediata. Josefina Ludmer chamou a atenção com a publicação de *Literaturas pós-autônomas*<sup>41</sup> para a crescente fusão da arte com a vida. Para Ludmer (2010), as escrituras do presente atravessam a fronteira da literatura, ou seja, os parâmetros que definem o que é literatura, e ficam em uma posição diaspórica: fora, mas presas em seu interior. Isto é, são e não são literatura ao mesmo tempo, ocupando uma ambivalência que representa a literatura no fim da autonomia do literário. Assim, a “literatura pós-autônoma” se funda em dois postulados atuais do mundo contemporâneo em que se borram os campos relativamente autônomos do político, do econômico, do cultural. Desse modo, todo o cultural ou literário é econômico e todo econômico é o cultural ou literário. Como postula Ludmer, a produção literária que surge desse processo de formação da FLUP Pensa também atravessa as fronteiras da literatura como a da ficção e toma com muita frequência

---

<sup>38</sup> SALLES, Écio; LUDEMIR, Julio (Org). FLUPP Pensa: 43 novos autores. Rio de Janeiro: Reptil:Aeroplano, 2012.

<sup>39</sup> RANCIÈRE, op. cit, p. 17.

<sup>40</sup> MORICONI, Ítalo. *Circuitos contemporâneos do literário* (indicações de pesquisa), 2006, p. 158

<sup>41</sup> Ensaio publicado originalmente em Ciberletras - Revista de crítica literaria y de cultura, n. 17, julho de 2007.

a forma mais documental do testemunho, da autobiografia, do diário e até da autoetnografia. A literatura perde sua autonomia e passa a demandar um adjetivo para se firmar como tal, ou seja, literatura negra, literatura lésbica, literatura periférica e assim por diante.

A FLUP vem colaborando para a democratização e o descentramento da produção literária através da inclusão de outros públicos e outros escritores, com o empoderamento de uma população pobre e racializada e com o incentivo bifurcado entre produção e consumo. Além disso, a Festa Literária das Periferias estimula o contato entre atores sociais heterogêneos e segue promovendo a cultura como agente transformador, uma vez que o domínio das linguagens é fundamental para a democratização cultural.

## FLUP como política cultural

*O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto; de quem, se introduzindo no aparelho complexo, o fizer funcionar de tal modo que os dominadores encontrar-se-ão dominados por suas próprias regras.*

Michel Foucault *In. Microfísica do Poder.*

*(...) ficou nesse país um paradigma que a literatura é uma coisa sagrada, que é uma coisa pra poucos, né? Quando, na verdade, ela tem que ser um café da manhã de todo mundo, não tem ser uma coisa só pra um gueto, só pra uma coisa, sabe?, elitizada, só pra um clero. A literatura tem que ser compartilhada como um pão.*

Ferréz *In. Palavra (En)cantada*

Durante um longo período, fez parte do senso comum brasileiro, a ideia de que as periferias não tinham cultura. Tal noção, obviamente, não surgiu ao acaso. Essa ideia foi longamente introduzida pelos modos como se conduziram as políticas públicas para a cultura e pelo próprio entendimento do que seja cultura. Todavia, existe uma grande diferença entre não ter cultura e não ter espaços consolidados pela ação do Estado para que a diversidade e alteridade das manifestações populares se expressem e sejam reconhecidas como um fato cultural.

Conforme Miguel Jost (2017), pesquisador especializado em políticas públicas para cultura e professor de literatura brasileira, descreveu em sua coluna na Mídia Ninja, plataforma de jornalismo independente, as políticas públicas voltadas para o setor cultural no país foram historicamente determinadas por dois vetores. O primeiro, Jost define como patrimonial, circunscrito ao conceito de cultura material, isto é, museus, acervos, grandes bibliotecas e demais equipamentos da mesma natureza. O vetor patrimonial esteve presente ao longo de todo o século XX acompanhado de um segundo que seria o pedagógico, ou seja, “acreditava que haveria uma função educativa através da cultura, que o estado deveria ‘levar’ cultura para os territórios chamados carentes das periferias

urbanas e para as regiões fora do eixo sul-sudeste” (JOST, 2017). A cultura reconhecida era aquela produzida pelas elites letradas e entendida como formação, uma cultura que precisava ser ensinada.

A convicção de que as periferias, sejam elas urbanas ou rurais, não possuem cultura tem sido amplamente desconstruída e desmistificada através dos inúmeros projetos articulados pelos novos agentes culturais, próprios das periferias, que impulsionam outras práticas artísticas. A exemplo disso, está o trabalho realizado, desde 2012, pela Festa Literária das Periferias. A FLUP, concebida por Julio Ludemir e Écio Salles, revelou uma periferia potente no plano artístico-cultural e cada vez mais afirmativa do seu valor. Todavia, tais projetos culturais periféricos só se tornaram possíveis a partir da reviravolta do cenário político e da implementação das novas políticas públicas no início dos anos 2000, em especial a partir de 2003 com o início da Era Lula e, principalmente, com o início da gestão de Gilberto Gil à frente do Ministério da Cultura. Como ministro, Gil reconheceu as manifestações populares como expressões culturais, possibilitando, assim, a entrada de novos agentes culturais, novos atores sociais, novas vozes e novos discursos e novas expressões de vida, que transformaram a cena cultural contemporânea no Brasil. A gestão de Gilberto Gil estabeleceu um novo paradigma do papel do Estado nas políticas públicas para o setor cultural. O dever do Estado deixou de ser o de fazer cultura ou o de levar a cultura ao povo, para se tornar o promotor de condições de produção e de viabilização para as mais diferentes manifestações culturais.

### *POLÍTICA CULTURAL NO BRASIL: UM BREVE RESUMO*

Compreende-se a política cultural como parte das políticas públicas, ou seja, trata-se da escolha de diretrizes que têm uma ação direcionada para o futuro, almejando melhorias em determinado campo ou tema ou dimensão da vida social, cuja responsabilidade é majoritariamente dos órgãos governamentais. Uma política pública se desenvolve, portanto, a partir de uma análise que permite a identificação de problemas e necessidades de uma realidade social, tendo como objetivo solucionar tais questões e desenvolver o setor sobre o qual se pretende atuar. Dito de outro modo, políticas públicas são ações desenvolvidas pelo Estado para garantir e pôr em prática deveres e direitos que são previstos na Constituição Federal. Desse modo, conforme esclarece Isaura Botelho (2007), uma das reconhecidas especialistas em política cultural do país, as políticas públicas devem prever recursos para avaliar seus resultados de maneira que se possa corrigir seus

rumos e atualizá-las permanentemente. O planejamento, a criação e a execução dessas políticas é realizado em um trabalho conjunto dos Poderes que formam o Estado, isto é, o Legislativo, o Executivo e o Judiciário. Isso significa que o Legislativo cria as leis referentes a uma determinada política pública, o Executivo se responsabiliza pelo planejamento de ação e pela aplicação da medida e o Judiciário faz o controle da lei criada e se certifica de que ela é adequada para cumprir o objetivo. Entretanto, ao pensar nas políticas públicas para a cultura, deve-se considerar que a relação entre Estado e cultura não é uma realidade óbvia e simplista e que já sofreu inúmeras mudanças de acordo com cada período histórico, o que afeta diretamente os modos de elaboração das políticas culturais.

Conforme as contribuições de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, em artigo publicado em 2007 como parte da coletânea *Políticas culturais no Brasil* organizada por Antonio Albino Canelas Rubim e Alexandre Barbalho, para debater a relação entre Estado e cultura é necessário pensar o que se define como cultura e que concepção se tem de Estado, como se imagina seu funcionamento e o destino de suas políticas, como devem ser seus modos de governar e a que grupos sociais se destinam preferencialmente suas atividades. Para Albuquerque Júnior (2007), professor titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e autor de *A invenção do Nordeste*, um dos livros mais citados nos estudos da história cultural do Brasil, abordar essas relações implica travar discussões teóricas e políticas que ponham em questão não somente os sentidos atuais que possam ser dados a esses conceitos e suas relações, como também tratar de uma perspectiva histórica, ou seja, a forma como essa relação se estabeleceu em nossa sociedade.

Definir a noção de cultura é uma das tarefas mais complexas, uma vez que o termo tem diferentes significados e usos. Pode-se dizer, todavia, que durante grande parte do século XIX, a ideia de cultura estava atrelada à produção de formas e matérias de expressão que pertenciam às elites das sociedades ocidentais. Como explicita Albuquerque Júnior (2007) ao realizar um panorama do papel do Estado na produção cultural e seus efeitos, durante parte do século XIX ter cultura “era ter o espírito cultivado, era ser culto, era possuir uma formação escolar e se dedicar às atividades do espírito”<sup>42</sup>. Nessa noção de cultura, que em certo sentido remete à noção de cultura da antiguidade clássica que associava o termo ao cultivo do campo, ainda conforme pontua Albuquerque Júnior, significa que determinados grupos sociais possuíam cultura e outros grupos não,

---

<sup>42</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Gestão e gestação pública da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 62.

estabelecendo assim uma hierarquia que deixava de fora a maior parte da população de qualquer exercício político organizado e do direito de participar das atividades de governo. O monopólio da cultura, por meio da noção de cultura como erudição, correspondia ao monopólio do poder e da ação pública.

Por outro lado, ainda no século XIX, Albuquerque Júnior discorre sobre os efeitos da Revolução Francesa e do pensamento liberal quando um “povo idealizado e abstrato emerge como sujeito da vida política e, como parte da luta pela unificação tardia de nações como a Itália e a Alemanha” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 63), surge a noção de cultura popular. A cultura então passa a ser considerada aquilo que é próprio de uma população, a identidade de cada povo e de cada nação, sendo assim necessário preservá-las e defendê-las das ameaças do processo civilizatório universalista. Dessa noção de cultura, surgia o apoio das elites românticas que reagiram ao progresso e à civilização voltando seus interesses para a produção cultural popular como sendo o que havia de autêntico na cultura nacional. Essas elites letradas nacionalistas e românticas, como descreve Albuquerque Júnior (2007), teriam o papel de salvadoras das manifestações culturais populares em vias de desaparecimento devido à civilização e modernização. Assim, essa mesma elite selecionava o que poderia ser produto para uma literatura e uma arte nacionais e censurava nessas manifestações culturais populares o que se teria de ameaçador à ordem pública. Ou seja, a cultura popular nasce, desse modo, “como um conceito elaborado pelas elites letradas para se apropriar das manifestações culturais populares” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 64) transformando-as em matéria para uma cultura nacional ou regional. Todavia, se por um lado as elites letradas gostavam da cultura popular, por outro, pouco simpatizava com o povo que a produzia.

São as relações entre Estado e cultura, como aponta Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2007), que definirão a compreensão do que seja cultura e o que nela deve ser valorizado e incentivado pelos grupos sociais que estejam diretamente envolvidos no controle do Estado. No Brasil Imperial, por exemplo, a cultura era a produção das elites letradas e eruditas e o Estado direcionava sua política de mecenato exclusivamente a tais produções. Já com o início do Estado Republicano e com a sociedade brasileira se tornando mais complexa, tornaram-se mais diferenciadas e múltiplas as demandas que o Estado recebeu em relação às suas políticas para a cultura<sup>43</sup>.

---

<sup>43</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Gestão e gestação pública da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado na produção cultural contemporânea. *In*. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 66.

Em um breve histórico, Anita Simis (2007) explica que a primeira vez que se pensou uma política cultural no sentido amplo e não somente direcionada para as elites foi com Mário de Andrade, em sua passagem pelo Departamento de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo entre 1935 e 1938, representando um momento de ruptura que deixou marcas nos modos de gestão das políticas culturais que sobrevivem até hoje. Com a Era Vargas, instituições públicas na área da cultura foram criadas e fortalecidas, assim como o incentivo à produção cultural através de diversas linguagens, como o cinema, a música, o teatro e a literatura; no entanto, todas essas linguagens seguiram acompanhadas da censura. Nesse mesmo período, ocorreram também definições de padrões de brasilidade como, por exemplo, o Brasil do samba, do futebol, da feijoada, do carnaval, da mulata e do malandro. Tais manifestações e figurações saíram da marginalidade e passaram a ser adotadas como símbolos nacionais.

Com poucas alterações, a política cultural do Estado Novo persistiu por cinquenta anos, até que, em 1990, com a eleição de Fernando Collor de Mello à presidência do país, teve o início o que se chamou de “desmanche do Estado” e “sua respectiva desregulamentação, privatização, livre comércio, concorrência solta, que levou à implosão da máquina das empresas públicas e de diversas das instituições do Estado”<sup>44</sup>, o que incluiu, evidentemente, o próprio Ministério da Cultura<sup>45</sup>, criado em março de 1985 pelo então presidente José Sarney. Por outro lado, é no mesmo Governo Collor que foi implantada a tão polêmica Lei Rouanet, como é conhecida a Lei 8.313/91, de 1991, principal mecanismo de fomento à cultura do país, que legisla sobre a maneira como o Governo Federal deve disponibilizar recursos para a realização de projetos artístico-culturais. A Lei Rouanet foi concebida originalmente com três mecanismos: o Fundo Nacional da Cultura (FNC), o Incentivo Fiscal e o Fundo de Investimento Cultural e Artístico (Ficart). Conforme informado na página do próprio Ministério da Cultura<sup>46</sup>, o Ficart

---

<sup>44</sup> SIMIS, Anita. Políticas culturais como políticas públicas. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p 145.

<sup>45</sup> O Ministério da Cultura, através do decreto nº 91.144, foi criado em 15 de março de 1985 por José Sarney, o então recém-empossado a presidência. Desvinculando a pasta do Ministério da Educação, que entre 1953 e 1985 era Ministério da Educação e Cultura, o MinC se tornou responsável pelas formas de expressão cultural. Durante todo o seu período de atividade, o Ministério da Cultura sofreu inúmeras tentativas de desmanche. Entre 12 de abril de 1990 e 19 de novembro de 1992, durante o governo de Fernando Collor de Mello, o Ministério da Cultura se transformou Secretaria da Cultura. Já em 12 de maio de 2016, o MinC foi brevemente extinto durante o governo de Michel Temer. Este, no entanto, após de receber inúmeras críticas reviu a medida e restabeleceu o MinC em 23 de maio do mesmo ano. Em 1º de janeiro de 2019, com a posse de Jair Messias Bolsonaro, é anunciada novamente a extinção do Ministério da Cultura; a pasta foi inserida como responsabilidade do Ministério da Cidadania.

<sup>46</sup> Para consultar cada um dos mecanismos, <http://rouanet.cultura.gov.br/>

nunca foi implementado, enquanto o Incentivo Fiscal, que também é chamado de mecenato, prevaleceu e chega ser confundido com a própria Lei.

Criada pelo então secretário Nacional de Cultura, o diplomata Sérgio Paulo Rouanet, a Lei Rouanet apresenta um restabelecimento da Lei Sarney, a primeira lei de incentivo à cultura aplicada em 1986 e eliminada por Fernando Collor em 1990. Ela permite abater do Imposto de Renda de grandes e médias empresas doações, patrocínios e investimentos em cultura. Isto é, os recursos são públicos, originados da renúncia fiscal, mas a decisão sobre o que deve ou não receber recursos públicos incentivados passou a ser da iniciativa privada.

Já em 2003, com o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva e, principalmente, com a nomeação de Gilberto Gil como Ministro da Cultura – cargo que exerceu de janeiro de 2003 a julho de 2008, quando foi substituído por Juca Ferreira –, o país teve um novo e importante momento nas suas políticas culturais. As eleições presidenciais de 2002 configuraram um momento simbólico para as camadas populares que se viram representadas na figura de um dos membros responsáveis pela fundação do Partido dos Trabalhadores. As políticas públicas do Governo Lula, com todos seus projetos para enfrentar desigualdades e distâncias sociais, podem ser consideradas como políticas culturais no sentido amplo, voltadas para beneficiar a autoestima da população, no momento que moradores das periferias do país atingiram alguma ascensão social.

Ao ser o primeiro ocupante do cargo de Ministro da Cultura a questionar o que se define como cultura, quem são os seus agentes e como deve o Estado se relacionar com eles, Gil procurou construir um Estado democrático, inclusivo e pluralista em relação à cultura. O ex-integrante do Movimento Tropicalista superou o imaginário de cultura apoiada nos discursos de identidade compreendendo a multiplicidade dos signos culturais da sociedade brasileira. Isto é, o Ministério da Cultura, sob a gestão de Gil, ampliou a compreensão de cultura de modo a abarcar a sua dimensão antropológica e considerou como imprescindível a articulação entre cultura e cidadania, além de postular a importância da cultura para a economia global do país. Nesse mesmo período, o Ministério da Cultura foi reestruturado por meio do Decreto 4805 e passou a ter como subordinada à Secretaria Executiva com três diretorias sendo elas a de Gestão Estratégica, a de Gestão Interna e a de Relações Internacionais; sete Representações Regionais distribuídas entre os estados da Bahia, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, e seis Secretarias como as de Fomento e Incentivo à Cultura, Políticas Culturais, Cidadania Cultural, Audiovisual, Identidade e Diversidade Cultural e Articulação Institucional.

O já tão conhecido e estudado discurso de posse de Gilberto Gil é claro na deliberação para aproximar o Ministério da Cultura do dia a dia cultural dos brasileiros, transformando-o em provedor dos que pensam e fazem o país. O Ministro reconhece que o dever do Estado, portanto, não é o de fazer cultura, mas de proporcionar recursos para a criação e a produção dos bens culturais e criar condições de acesso à produção artístico-cultural em geral dentro de uma política de construção de uma nação efetivamente democrática, plural e tolerante, conforme declarou em sua posse.

Se as camadas populares sempre produzem cultura<sup>47</sup>, a proposta de Gilberto Gil enquanto Ministro, sob a imagem de um “do-in antropológico”, era trazer essa produção para dentro do que se reconhece e se valida como cultura no país, para a sistematicidade dos meios de produção cultural, mas, como ressaltou o então Ministro

Não segundo a cartilha do velho modelo estatizante, mas para clarear caminhos, abrir clareiras, estimular, abrigar. Para fazer uma espécie de “do-in” antropológico, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país. Enfim, para avivar o velho e atizar o novo. Porque a cultura brasileira não pode ser pensada fora desse jogo, dessa dialética permanente entre a tradição e a invenção, numa encruzilhada de matrizes milenares e informações e tecnologias de ponta.<sup>48</sup>

O que Gil propôs foi uma gestão democrática das instituições culturais e uma política cultural com dimensões plurais e inclusivas. Isso significa, como Durval de Albuquerque Júnior (2007) esclarece, a criação de um Estado que se faça aberto às diferentes demandas sociais e culturais, que esteja disposto aos atravessamentos dos diferentes interesses que convivem na sociedade sendo o mediador entre as diferentes concepções políticas e estéticas, um Estado que esteja aberto à participação das minorias sociais. O Estado deve ser o “regulador e o investidor em áreas e em expressões culturais que não são do interesse da iniciativa privada ou que não visem imediatamente o lucro, mas a formação de subjetividades mais democráticas e mais problematizadoras do mundo em que vivemos” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 74). O Estado, portanto, deve estabelecer relações com os agentes culturais e adotar uma política dedicada à gestão participativa e democrática dos recursos destinados ao patrocínio cultural. Ou seja, será preciso entender que todas as atividades humanas se materializam

---

<sup>47</sup> Refere-se aqui ao conceito ampliado de cultura de modo que abarque os fazeres e saberes populares. Ou seja, ao não se restringir às noções de belas-artes, se vale da incorporação da dimensão antropológica da cultura que tem em vista a valorização dos modos de viver e pensar e das manifestações simbólicas e materiais.

<sup>48</sup> GIL, Gilberto. Discurso do ministro Gilberto Gil na solenidade de transmissão do cargo, 2003.

por meio de códigos culturais, sejam elas econômicas, políticas ou cotidianas. Desse modo, a necessidade de uma política cultural expressa um Estado que exerce sua função de mediador de interesses e conflitos que não entrega “a gestão e a regulação da produção cultural aos interesses privados, empresariais, que hoje se expressam através de grandes conglomerados industriais de mídia, que dominam seja o mercado nacional, seja o mercado internacional” (Ibid., 2007, p. 73). Trata-se, portanto, de uma política que visa valorizar os modos diversificados de produção cultural cujo objetivo é a democracia cultural e não a democratização da cultura.

É a partir desse momento, em que o Estado adotou uma gestão pública que procurou contemplar a pluralidade das manifestações culturais, que agentes da cultura popular ou periférica passaram a ser reconhecidos e começaram a conquistar algum espaço na cena cultural do país e tiveram seus projetos apoiados ou contemplados pelas políticas públicas. O novo cenário das políticas públicas para a cultura com ênfase na diversidade ampliou os horizontes de expressão e revolucionou os modos de produção e fruição cultural. Desse período surgiram diferentes projetos culturais oriundos das periferias ao longo de todo o território nacional e que podem ser tomados como referência dos resultados dessas políticas culturais. No Rio de Janeiro, os efeitos dessa nova gestão pública da cultura podem ser vistos através da elaboração, por exemplo, da Agência de Redes para a Juventude, criada em 2011 por Marcus Faustini, e a própria Festa Literária das Periferias, idealizada por Julio Ludemir e Écio Salles, que desde 2012 tem contribuído para uma nova cena literária no país ao fortalecer a entrada e a produção de jovens escritores oriundos das periferias. Tais projetos evidenciam a potência criativa e política das periferias, uma vez que os agentes culturais, ou os novos intermediários culturais, segundo a definição de Laura Bovone (2001), tomam suas habilidades culturais como fator estratégico para o desenvolvimento dos seus territórios, gerando emprego e renda e, além de produzirem bens simbólicos e materiais, produzem novas relações e significações sociais.

#### *FLUP: RESULTADO DAS POLÍTICAS AFIRMATIVAS*

Em entrevista concedida ao Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo, Isaura Botelho declarou sua completa incapacidade de conceber uma sociedade democrática sem que as pessoas tenham acesso às diversas formas de expressão. Ou seja, é fundamental o domínio das linguagens para uma

democracia cultural. A noção de democracia da cultura difere de democratização cultural e diz respeito a uma definição mais ampla de cultura e da própria democracia. A democracia cultural não se limita a determinadas formas e matérias culturais, mas reconhece a diversidade de formatos de expressão e procura uma maior integração entre cultura e vida cotidiana buscando a descentralização das intervenções culturais. A política cultural adotada por Gilberto Gil durante seu período à frente do Ministério da Cultura foi eficaz em promover justamente essa descentralização através dos Pontos de Cultura, sua mais inovadora tática de apoio, e assim permitiu o início de um processo de democracia cultural no país.

A Festa Literária das Periferias, como um dos inúmeros resultados das políticas afirmativas da gestão de Gil em que a cultura foi lida como um dado de cidadania, é uma iniciativa no setor da cultura que, assim como George Yúdice<sup>49</sup> examinou o ativismo das iniciativas de ações de cidadania e dos órgãos culturais jovens, visa curar as feridas de uma cidade dividida, ou seja, um estado de segregação social e racial, e assim dar poder a uma juventude pobre e racializada. Se, ao pensar no Grupo Cultural AfroReggae, organização não governamental fundada em 1993 pelos agitadores culturais Tekko Rastafari e José Júnior, Yúdice (2004) concluiu que o objetivo da organização não é o de modificar a cultura jovem periférica, mas criar um novo campo ético e moral que através da institucionalização do grupo teria por finalidade “expandir atividades desde a autoestima cultural até a provisão de serviços sociais” (YÚDICE, 2004, p.207), o mesmo olhar pode ser lançado para as ações políticas da FLUP. A FLUP utiliza a cultura literária a serviço da equidade e justiça social e gera oportunidades de práticas de participação na esfera pública ao servir de plataforma para que os moradores das periferias consigam se comunicar com a própria comunidade e com os demais segmentos da sociedade.

Ao lado da Festa Literária Internacional de Paraty, a FLUP é hoje uma das principais festas literárias do Estado do Rio de Janeiro. O projeto de Salles e Ludemir tem uma extensa programação anual com a participação de um público expressivo e segue colocando a periferia como um espaço possível para debates em torno da literatura. Ao entender que a literatura não deve ser um bem exclusivo da elite letrada, a FLUP busca descentralizar o consumo e, em especial, a produção literária, facilitando o acesso à cultura, especificamente à cultura literária. As atividades da Festa Literária das Periferias são todas gratuitas e abertas ao público, mas tem como foco as comunidades de baixa renda e escolas públicas.

---

<sup>49</sup> YÚDICE, George. A cultura a serviço da justiça social. In. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

Estruturada nas três linhas de ação – FLUP Pensa (oficinas de formação literária), FLUP Parque (oficinas de leitura em parceria com as escolas públicas) e no próprio festival literário –, a iniciativa já revelou e lançou cerca de 200 novos autores publicados em mais de 15 livros. Além disso, a FLUP também vem gerando renda para as favelas por onde já passou e, sobretudo, mostrando que é possível criar uma plataforma cultural que gere visibilidade para a potência da produção da periferia. Um exemplo disso foi a contribuição da FLUP para o surgimento da Festa Literária da Zona Oeste.

Elaborada por Binho Cultura e inspirada na realização de Écio e Julio, a FLIZO teve sua primeira edição em 2013, um ano após a criação da FLUP. O projeto de Binho, no entanto, contou com apenas três edições, sendo sua última em 2015, realizada em Realengo como forma de comemoração do aniversário de 200 anos do bairro. Apesar do pouco tempo de atividade, a FLIZO buscou valorizar o potencial criativo da zona oeste do Rio de Janeiro, região que apresenta o menor Índice de Desenvolvimento Humano do município e que é marcada por significativas desigualdades sociais e realidades contrastantes<sup>50</sup>. A proposta de Binho Cultura era inserir a zona oeste no mapa cultural da cidade a partir da elaboração de uma agenda de atividades culturais para o território que fosse capaz de gerar um contrafluxo, ou seja, descentralizar o polo cultural do Rio de Janeiro, quase que exclusivamente reservado à zona sul da cidade, possibilitando meios de produção para uma zona oeste culturalmente ativa que atraísse o público até a região.

Paralelamente à dimensão libertária, empoderadora e democrática da Festa Literária das Periferias, estão os incontornáveis mecanismos de cooptação do mercado. A FLUP é um fenômeno multifacetado se organizando dentro de uma estratégia de emancipação, ao mesmo tempo que se articula com os interesses do mercado exercendo uma apropriação mercadológica da produção periférica. Essa organização, que não é antissistêmica, possibilita a emergência da produção de novas vozes. Ao invocar o ensaio de David Rieff que foi publicado na *Harper's Magazine* em 1993<sup>51</sup>, no qual o escritor ataca o multiculturalismo ao afirmar que, longe de ser um evento libertador, o conceito trouxe consigo a noção de mercado e não de justiça, George Yúdice (2004) pondera sobre a possibilidade de realizar o jogo da cidadania através do meio consumidor, não somente de mercadorias, mas, sobretudo, de representações. Para Yúdice, a “política da representação” é

---

<sup>50</sup> Ver em [http://www.institutorio.org.br/sobre\\_a\\_zona\\_oeste](http://www.institutorio.org.br/sobre_a_zona_oeste)

<sup>51</sup> Yúdice se refere ao ensaio *Multiculturalism's silent partner: It's the newly globalized consumer economy, stupid*, de David Rieff, publicado na *Harper's Magazine* em 1993.

o novo meio pelo qual se pode negociar a cidadania e, no processo, estrutura o campo de ação ou do acesso. Segundo Yúdice, isso quer dizer que

A política da representação procura transformar as instituições, não só por meio de inclusão como também por meio de imagens e discursos por elas geradas. Assim, essa política situa as questões relativas à cidadania dentro dos meios de representação, perguntando nem tanto *quem* conta como cidadão, mas *como* ele é construído; não *quais* são seus direitos e deveres, mas *como* eles são interpretados; não *quais* são os canais de participação na formação de opinião e na tomada de decisões, mas *quais* as *táticas* que permitem que se intervenha nesses canais e processos decisórios em prol dos interesses dos subordinados. As novas intervenções questionam tanto as posições da direita quanto as da esquerda (...) e indicam que o capitalismo consumista em muito a ver com a redefinição de cidadania que continua em pauta, um processo contraditório que, ainda que não um motivo para celebração, também não deve ser um motivo para lamentação.<sup>52</sup>

Se o capitalismo lucra com as novas mercadorias da diversidade, a própria ideia de democracia também é capaz de avançar através do consumo das imagens uma vez que a “sociedade civil é também a sociedade do consumo e do espetáculo” (YÚDICE. 2004, p. 231). Isto é, o consumo politizado também pode ser uma maneira de ativismo.

### FINANCIAMENTO CULTURAL

O Ministério da Cultura adotou, desde quando foi criado em 1985, o mecanismo do incentivo fiscal a empresas como principal fonte de financiamento à cultura do país. Conforme destaca Marta Porto (2007), jornalista especializada em políticas de comunicação, arte e cultura, a lei de incentivo fiscal trouxe novos agentes à cena política. Primeiro, os departamentos de marketing e comunicação de empresas e, a partir de 1995, as grandes fundações culturais privadas às quais muitas eram atreladas a entidades financeiras. Ainda de acordo com Marta Porto,

Surge, com esses novos atores, a mentalidade distorcida de que o investimento em cultura se sustenta como “ação preferencial de comunicação e marketing” bem distante da ideia da cultura como via de desenvolvimento ou instrumento para a democracia. Amparados pelo governo que incentiva essa visão, instituindo oficialmente em 1997 a famosa cartilha *Cultura é um bom negócio*, os diretores de marketing acionam teorias de marketing cultural e privatizam os critérios de escolha do que a população deve ou não produzir, distribuir, fruir, onde e como a

<sup>52</sup> YÚDICE, George. Consumo e cidadania? In: *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 224.

partir de suas preocupações mercadológicas com clientes, fornecedores e consumidores.<sup>53</sup>

Isso quer dizer que o poder decisório da produção cultural ficou por conta da iniciativa privada reduzindo a política cultural a uma ação de pouco interesse público, mas privado. Essa lógica colaborou com as práticas de “apadrinhamento” de proponentes com maior influência entre os tomadores de decisões nas empresas. A privatização do poder de decidir o que receberia financiamento ou não gerou uma enorme concentração regional e em projetos de fundações privadas e nas áreas de maior glamour como cinema, espetáculos musicais e peças do *show business*.<sup>54</sup> Entretanto, com a entrada de Gil no Ministério da Cultura, surgiram editais de patrocínio conduzidos por estatais que mostraram a preocupação em imprimir transparência nos critérios de concessão. Porto (2007) destaca que, nos anos da gestão de Gil, a política cultural teve avanços importantes tanto do ponto de vista de desenho, objetivos e gestão como dos investimentos regionais.

Para realizar suas ações, a Festa Literária das Periferias conta com os recursos públicos incentivados através da Lei Rouanet. Desde a primeira edição da FLUP, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social sempre foi o seu principal e mais importante patrocinador. A Lei de Incentivo à Cultura e toda sua movimentação fiscal podem ser acompanhadas através do Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura (Salic), um sistema unificado utilizado para apresentação de propostas e acompanhamento de projetos culturais. É possível ter acesso a todas as fases de tramitação, indo da admissibilidade até às prestações de conta, que estão registradas e automatizadas no sistema. O Salic foi pensado pelo Ministério da Cultura com a intenção de facilitar o trabalho do proponente e de dar mais transparência à tramitação de projetos, permitindo acesso aos dados da Lei Rouanet, como o número de propostas apresentadas, os projetos aprovados e os recursos captados.

A FLUP tem como proponente a Associação Cultural de Estudos Contemporâneos, a ACEC, que possui 16 projetos submetidos e um pouco mais de 8 milhões de reais no seu total captado<sup>55</sup>. Entre os projetos submetidos pela

---

<sup>53</sup> PORTO, Marta. Cultura para política cultural. In. *In*. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 161.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 163.

<sup>55</sup> Os dados foram consultados em fevereiro de 2019 e estão sujeitos a alterações conforme futuras apresentações de projetos pelo proponente em questão. Todavia, todos os dados podem ser consultados na plataforma da Salic pelo seguinte endereço eletrônico <http://versalic.cultura.gov.br/#/proponentes/e2f2f50b51fa1c071ccca76bf52638eebd2cd72a1c5b485f7394faae41af>

ACEC estão a própria FLUP e a Universidade das Quebradas, por exemplo. A última, entretanto, sem valor algum captado.

A Festa Literária das Periferias não constitui um mero evento literário, mas uma agenda cultural. Em seu escopo inicial, a FLUP estava articulada às ações em benefício da cidadania previstas no programa das Unidades de Polícia Pacificadora. As ações da UPP Social, que tiveram suas atividades iniciadas oficialmente em 2011 sob a gestão do Instituto Pereira Passos, pretendiam uma maior integração das favelas à morfologia urbana e social do Rio de Janeiro ao ampliar a qualidade dos serviços oferecidos de modo a suplantar as diferenças entre a favela e a cidade formal. Com essa parceria, a FLUP iniciou as atividades da primeira edição da FLUP Pensa promovendo diferentes ações em diversos territórios periféricos. Entre os locais de atuação em 2012, a FLUP Pensa passou pelo menos duas vezes pela Academia de Polícia Militar D. João VI, em Sulacap, zona oeste da capital carioca, e pelo Galpão de Artes Bela Maré, no Complexo da Maré, zona norte. Como resultado da FLUP Pensa, 43 novos autores foram selecionados e tiveram seus trabalhos publicados na primeira coletânea do projeto. A última etapa da FLUP culminou na montagem de uma grande estrutura para a celebração e a reflexão em torno da literatura no Morro dos Prazeres, em Santa Teresa, no Centro do Rio de Janeiro. Com homenagem a Lima Barreto, o projeto mobilizou dezenas de escritores e, como um empreendimento cultural, gerou renda para diversos moradores e instituições do Morro dos Prazeres.

Também por meio da sua parceria com as ações das UPPs, a FLUP, ainda em sua primeira edição, conseguiu arrecadar, através da Lei Rouanet, o valor mais alto de captação de recursos entre todas as suas edições já realizadas. Vale lembrar aqui que as UPPs contaram com a colaboração financeira de Eike Batista, multimilionário e dono de um dos principais conglomerados empresariais do país, o grupo EBX. A ligação com as Unidades de Polícia Pacificadora rendeu ao primeiro ano da FLUP o incentivo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, da Vale S.A, da Companhia Itaú de Capitalização e do Itaúseg Participações S.A<sup>56</sup>. Conforme o indicativo da plataforma Salic, apesar da sua ligação com as Unidades de Polícia Pacificadora, um dos projetos de segurança pública que mais conseguia captar recursos para a sua realização, a FLUP não alcançou nem a metade do que se pretendia do valor de aprovação do projeto.

---

<sup>56</sup> Todos os dados anuais referentes ao projeto estão disponíveis para consulta na página do Salic. Disponíveis em:  
<http://versalic.cultura.gov.br/#/projetos?limit=12&offset=0&nome=flup&sort=PRONAC:desc>

PRONAC: 121079	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 4.580.029,05	Valor projeto: R\$ 3.465.760,80
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 4.580.029,05	Valor aprovado: R\$ 3.465.760,80
Ano do projeto: 2012	Data término: 30/04/2013	Data início: 28/05/2012	Valor captado: R\$ 1.650.000,00	Outras fontes: R\$ 0,00
Situação: Prestação de Contas Aprovada			► Providências	

<b>Listas associadas</b>	<b>Proponente</b>
Distribuição: 5 itens. <a href="#">Ver lista</a>	Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC
Divulgação: 10 itens. <a href="#">Ver lista</a>	CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50
Documentos anexos: 37 itens. <a href="#">Ver lista</a>	<b>Incentivadores</b>
Marcas anexas: 30 itens. <a href="#">Ver lista</a>	Captações: 6 itens. <a href="#">Captações</a>
Deslocamentos: 7 itens. <a href="#">Ver lista</a>	<b>Fornecedores</b>
Prorrogação: 1 item. <a href="#">Ver lista</a>	Relação pagamentos: 0 itens. <a href="#">Produtos</a>
Relatório fisco: 0 itens. <a href="#">Ver lista</a>	
Certidões negativas: 0 itens. <a href="#">Ver lista</a>	
Readequações: 0 itens. <a href="#">Ver lista</a>	
Relação bens capital: 0 itens. <a href="#">Ver lista</a>	

<b>Vale S/A</b>	<b>Banco Nacional de Desenvolvim...</b>	<b>Itauseg Participações S.A</b>
Pessoa: Jurídica	Pessoa: Jurídica	Pessoa: Jurídica
CPF/CNPJ: 33.592.510/00...	CPF/CNPJ: 33.657.248/00...	CPF/CNPJ: 07.256.507/00...
Município: Rio de Janei...	Município: Rio de Janei...	Município: São Paulo
UF: RJ	UF: RJ	UF: SP
Responsável: Roger Agnelli	Responsável:	Responsável:
Total Captado: R\$ 700.000,00	Total Captado: R\$ 500.000,00	Total Captado: R\$ 250.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>

<b>Cia Itaú de Capitalização</b>
Pessoa: Jurídica
CPF/CNPJ: 23.025.711/00...
Município: São Paulo
UF: SP
Responsável:
Total Captado: R\$ 200.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2012.

Como afirma Marta Porto (2007), a noção de diálogo e intercâmbio culturais, que difere da noção difusionista da cultura, pressupõe que todos os atores sociais são capazes de produzir cultura e estão em condições de igualdade para trocar e experimentar novas práticas. Isto é, a ideia de acesso cultural deixou de ser a produção de linhas programáticas baseadas na noção de entreter ou de levar a cultura a um determinado segmento social e passou a ser um desafio de estabelecer vias de diálogo e encontros com diferentes dentro de um contexto de diversidade<sup>57</sup>. A instauração desses diálogos está relacionada ao financiamento cultural que, no entanto, como parte das políticas públicas para a cultura, está refém do cenário político geral. Um exemplo de como o financiamento da cultura funciona de acordo com o quadro político na sua íntegra pode ser observado nas

<sup>57</sup> PORTO, Marta. Cultura para política cultural. In. *In*. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Orgs.). Políticas culturais no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 168.

edições seguintes da Festa Literária das Periferias, a começar pela sua segunda edição, em 2013.

A FLUP Pensa expandiu seu circuito e realizou suas ações em 24 bairros periféricos da cidade. O processo, que dessa vez contou com uma banca fixa que avaliou o processo de formação por intermédio de uma plataforma de ensino a distância com um encontro presencial por mês, resultou na publicação de três livros, sendo eles uma coletânea com 20 poetas, uma coletânea com 20 contistas e um romance.

Para fechar o ciclo de trabalhos e marcar os 20 anos da chacina de Vigário Geral, um dos episódios mais trágicos da favela, a FLUP, com apoio do Grupo Cultural Afroreggae e enfrentando um momento crítico no território em questão — um dos comandos do tráfico decretou a morte de José Junior, coordenador do grupo —, realizou o evento no bairro com homenagem a Waly Salomão, poeta, artista plástico e produtor cultural. Para falar do poeta baiano, o evento contou com a presença de Omar Salomão, filho de Waly Salomão, Antônio Cícero e Jards Macalé. A Festa Literária das Periferias também contou com as presenças de Jorge Mautner, João Máximo e Muniz Sodré. Além da presença de Paradise Sorouri e Diverse Suhrab Sirat, com mediação de Toni Marques, que falaram sobre as dificuldades de cantar rap e fazer poesia no Afeganistão.

No ano de 2013, entretanto, o país foi marcado por uma onda de protestos, que ficaram conhecidas como Jornadas de Junho. A série de manifestações e a disputa de narrativas gerou um cenário político completamente instável. O que havia começado em protesto contra o aumento das tarifas dos transportes públicos, logo incorporou uma grande variedade de pautas como a violência policial, os gastos públicos com o Campeonato Mundial de Futebol que foi sediado no país em 2014, a má qualidade dos serviços públicos e a corrupção política como um todo. Junto a esse quadro, em 2013, a FLUP rompeu sua ligação com as Unidades de Polícias Pacificadoras.

As UPPs já tinham, então, uma imagem negativa, devido ao desaparecimento de Amarildo de Souza, morador da Rocinha. Além do desejo de expandir a FLUP para outras favelas que não haviam sido contempladas com a instalação das Unidades de Polícia, manter o contrato com as UPPs seria o mesmo que se afastar do seu público-alvo, visto o distanciamento e repúdio de grande parte dos moradores das periferias em relação às ações da Polícia Militar.

Nesse contexto político-social, a Festa Literária das Periferias começou a sofrer uma queda na arrecadação do total captado, se comparada com a sua primeira edição. Essa redução nos incentivos da FLUP foi acentuada no ano seguinte, em 2014. Conforme indica a plataforma da Salic, em 2013 a ACEC apresentou dois projetos referentes à Festa Literária das Periferias. Para as atividades das oficinas narrativas da FLUP Pensa, fez-se um projeto à parte e com captação própria.

PRONAC: 130713	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: <b>R\$ 684.530,00</b>	Valor aprovado: <b>R\$ 562.200,00</b>
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: <b>R\$ 684.530,00</b>	Outras fontes: <b>R\$ 0,00</b>
Ano do projeto: 2013	Data término: 31/12/2014	Data início: 07/01/2014	Valor captado: <b>R\$ 300.000,00</b>	Valor projeto: <b>R\$ 562.200,00</b>
Situação: Apresentou prestação de contas			Providências	

Listas associadas		Proponente	
Distribuição: 2 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC	CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50
Divulgação: 3 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Incentivadores	<a href="#">Incentivadores</a>
Documentos anexos: 15 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Captações: 4 itens.	<a href="#">Captações</a>
Marcas anexas: 12 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Fornecedores	<a href="#">Fornecedores</a>
Deslocamentos: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Relação pagamentos: 0 itens.	<a href="#">Produtos</a>

<b>R\$100.000,00</b>	Data do recibo: 30/09/2013	Nome do incentivador: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	<a href="#">Incentivador</a>
<b>R\$80.000,00</b>	Data do recibo: 22/01/2014	Nome do incentivador: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	<a href="#">Incentivador</a>
<b>R\$60.000,00</b>	Data do recibo: 20/06/2013	Nome do incentivador: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	<a href="#">Incentivador</a>
<b>R\$60.000,00</b>	Data do recibo: 07/08/2013	Nome do incentivador: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - BNDES	<a href="#">Incentivador</a>

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP Pensa, 2013.

Se o BNDES incentivou sozinho as atividades da FLUP Pensa de 2013, para a elaboração do festival literário o banco esteve acompanhado de outros incentivadores conforme as indicações exibidas no quadro da Salic. As captações dos recursos dos dois projetos apresentados pela Associação Cultural de Estudos

Contemporâneos, em 2013, se somadas, apontam para um total de 1 milhão de reais para a realização geral da FLUP.

PRONAC: 132127	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 3.671.778,05	Valor projeto: R\$ 3.302.721,25
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 3.671.778,05	Valor aprovado: R\$ 3.302.721,25
Ano do projeto: 2013	Data término: 20/02/2014	Data início: 07/01/2014	Valor captado: R\$ 700.000,00	Outras fontes: R\$ 0,00
Situação: Apresentou prestação de contas			► Providências	

Listas associadas		Proponente	
Distribuição: 1 item.	<a href="#">Ver lista</a>	Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC	CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50
Divulgação: 14 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Incentivadores	<a href="#">Incentivadores</a>
Documentos anexos: 39 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Captações: 7 itens.	<a href="#">Captações</a>
Marcas anexas: 33 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Fornecedores	<a href="#">Fornecedores</a>
Deslocamentos: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Relação pagamentos: 0 itens.	<a href="#">Produtos</a>

<b>Banco Nacional de Desenvolviment...</b>	<b>Concessionárias do Sistema Anhan...</b>	<b>Rodonorte Concessionária de Rodo...</b>
Pessoa: Jurídica	Pessoa: Jurídica	Pessoa: Jurídica
CPF/CNPJ: 33.657.248/00...	CPF/CNPJ: 02.451.848/00...	CPF/CNPJ: 02.221.531/00...
Município: Rio de Janei...	Município: Jundiaí	Município: Ponta Grossa
UF: RJ	UF: SP	UF: PR
Responsável:	Responsável: Italo Roppa	Responsável:
Total Captado: R\$ 400.000,00	Total Captado: R\$ 150.000,00	Total Captado: R\$ 75.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>

<b>Concessionária de Rodovias do Oe...</b>	<b>Concessionária da Ponte Rio-Niter...</b>
Pessoa: Jurídica	Pessoa: Jurídica
CPF/CNPJ: 02.415.408/00...	CPF/CNPJ: 00.358.042/00...
Município: Aracarigua...	Município: Niteroi
UF: SP	UF: RJ
Responsável:	Responsável: Jose Braz Cioffi ...
Total Captado: R\$ 55.000,00	Total Captado: R\$ 20.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2013.

Com poucas mudanças no cenário político-social, 2014 prosseguiu com as instabilidades iniciadas no ano anterior. Manifestantes e ativistas seguiram ocupando as ruas do país em uma onda de protestos contra a Copa do Mundo e a corrupção. Juntamente a essas pautas, começaram os movimentos com os primeiros pedidos de *impeachment* da então presidenta recém-eleita Dilma Rousseff. Logo no início do ano, em 10 de fevereiro, o cinegrafista da TV Bandeirantes Santiago Ilídio Andrade<sup>58</sup> morreu depois de ser atingido por um

<sup>58</sup> Santiago Ilídio Andrade, de 49 anos, foi atingido por um rojão na cabeça enquanto fazia a cobertura de um protesto contra o aumento da passagem de ônibus, na Central do Brasil, centro do Rio, no dia 6 de fevereiro. Após o acidente, o cinegrafista da TV Bandeirantes chegou a ficar quatro dias em coma no CTI do Hospital Souza Aguiar, mas não resistiu e teve morte cerebral.

explosivo durante os atos, um acidente que, no entanto, é capaz de elucidar a conturbação das manifestações populares de 2014.

A Festa Literária das Periferias, no entanto, tentou focalizar os pontos positivos do Brasil sediar a Copa do Mundo e inovou em suas ações. Partindo do Campeonato Mundial de Futebol, a FLUP Pensa trouxe para debate a questão da nacionalidade com base nos fundadores de um pensamento brasileiro, como Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Hollanda, Darcy Ribeiro e Abdias Nascimento provendo palestras sobre a obra desses autores. As oficinas de formação narrativa da FLUP Pensa se transformaram em uma espécie de FLUP Brasil e passaram por 4 cidades diferentes, entre elas Curitiba, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. O resultado desse empreendimento foi a publicação de uma coletânea com os vinte melhores trabalhos produzidos pelos participantes das oficinas.

O encerramento das atividades da FLUP de 2014 foi sediado na Mangueira e homenageou o ativista Abdias do Nascimento. No evento havia escritores e poetas de mais de 20 países, como Chibundu Ozuno, da Nigéria, Leonora Miano, de Camarões, Denis Merklen e D'de Kabal, ambos da França, Carlos Sandoval, da Costa Rica, e Toni Blackman, dos EUA. Foi nessa edição também que a FLUP incorporou o *Poetry Slam*, uma competição de poesia falada própria dos movimentos periféricos.

Mesmo com todos os esforços dos organizadores da Festa Literária das Periferias, o financiamento à cultura não esteve livre dos efeitos de um quadro político conturbado. A edição de 2014 contou mais uma vez com o incentivo do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, neste ano com três parcelas no valor de 150 mil reais; do Itaú Seguros S.A e do Itauseg Participações S.A. Entretanto, os incentivos não alcançaram nem 30% do valor que se pretendia para a realização da FLUP naquele ano, como indicam as informações contidas na plataforma da Salic.

PRONAC: 1310382	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 2.880.770,00	Valor projeto: R\$ 2.815.290,00
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 2.880.770,00	Valor aprovado: R\$ 2.815.290,00
Ano do projeto: 2013	Data término: 31/01/2015	Data início: 10/01/2015	Valor captado: R\$ 800.000,00	Outras fontes: R\$ 0,00

Situação:  
Apresentou prestação de contas

Providências

Listas associadas

Distribuição: 2 itens.	Ver lista	Prorrogação: 2 itens.	Ver lista
Divulgação: 9 itens.	Ver lista	Relatório fisco: 0 itens.	Ver lista
Documentos anexos: 35 itens.	Ver lista	Certidões negativas: 0 itens.	Ver lista
Marcas anexas: 32 itens.	Ver lista	Readequações: 0 itens.	Ver lista
Deslocamentos: 0 itens.	Ver lista	Relação bens capital: 0 itens.	Ver lista

Proponente

Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC  
CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50

Incentivadores

Captações: 5 itens.

Fornecedores

Relação pagamentos: 0 itens.

Banco Nacional de Desenvolment...	Itaseg Participações S.A	Itáu Seguros S.A
Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 33.657.248/00... Município: Rio de Janei... UF: RJ Responsável: Total Captado: R\$ 450.000,00	Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 07.256.507/00... Município: São Paulo UF: SP Responsável: Total Captado: R\$ 275.000,00	Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 61.557.039/00... Município: São Paulo UF: SP Responsável: Total Captado: R\$ 75.000,00
VER INCENTIVADOR	VER INCENTIVADOR	VER INCENTIVADOR

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2014.

Em 2015, de maneira um pouco menos agressiva, as manifestações pró e contra o *impeachment* de Dilma Rousseff continuaram. A economia do país se viu em colapso com a crise política, que adiou ou suspendeu decisões que poderiam aliviar as contas públicas e retomar o crescimento, além de fatores externos que também tiveram seu peso no mau desempenho da economia brasileira em 2015. Em meio a isso, a FLUP seguiu suas atividades e optou por privilegiar as comemorações dos 450 anos da cidade do Rio de Janeiro.

A FLUP Pensa não se restringiu à capital e realizou 35 ações em dezesseis escolas de três municípios, entre eles Duque de Caxias, Itaboraí e a Zona Oeste do próprio Rio de Janeiro. Mais de setenta autores, com diferentes níveis de reconhecimento, participaram dessa ação e foram convidados a pensar e escrever sobre o Rio de Janeiro de 2065 — o que originou no livro Rio 2065, uma coletânea de ficções distópicas, nas quais os escritores imaginaram um Rio de Janeiro arrasado, vitimado por catástrofes climáticas, conflitos diversos e outros fenômenos mais ou menos naturais. A coletânea Rio 2065 é um dos primeiros livros a levar o selo da FLUP, uma criação conjunta entre o Festival e a editora Casa da Palavra, que chegou a lançar, nesse primeiro ano, quatro títulos (três deles romances).

A edição de 2015 terminou com a festa literária no morro da Babilônia/Chapéu Mangueira e teve como homenageada a psiquiatra Nise da Silveira. A programação tinha nomes expressivos, como os de George Yúdice e Leila Lehnen. O festival também contou com uma feira de quadrinhos e a segunda edição do Rio Poetry Slam, mas ficou marcada pela hospedagem dos autores dentro da própria favela, pela distribuição de cerca de 20 mil livros e pela contação de história na casa das pessoas.

Se a cultura tem um importante papel na prosperidade econômica, a edição da FLUP de 2015, em certa medida, conseguiu também recuperar uma média dos incentivos de financiamento se aproximando do total captado das duas primeiras edições, 2012 e 2013. O BNDES novamente se fez presente ao lado do Banco Itaú e da razão social Via Varejo, que é representada pelos nomes fantasias Casa Bahia e Ponto Frio, redes de comércio varejista especializadas em eletrodomésticos e equipamentos de áudio e vídeo.

PRONAC: 1411063	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 3.659.800,00	Valor projeto: R\$ 3.573.620,00
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 3.659.800,00	Valor aprovado: R\$ 3.573.620,00
Ano do projeto: 2014	Data término: 30/04/2016	Data início: 20/11/2014	Valor captado: R\$ 1.300.000,00	Outras fontes: R\$ 0,00
Situação: Apresentou prestação de contas			► Providências	

Listas associadas		Proponente	
Distribuição: 2 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC	CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50
Divulgação: 13 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Incentivadores	<a href="#">Incentivadores</a>
Documentos anexos: 91 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Captações: 6 itens.	<a href="#">Captações</a>
Marcas anexas: 80 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Fornecedores	<a href="#">Fornecedores</a>
Deslocamentos: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Relação pagamentos: 0 itens.	<a href="#">Produtos</a>

<b>Banco Nacional de Desenvolviment...</b>	<b>Cia Itaú Securitizadora de Créditos ...</b>	<b>Via Varejo S.A.</b>
Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 33.657.248/00... Município: Rio de Janei... UF: RJ Responsável: Total Captado: R\$ 800.000,00	Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 03.424.616/00... Município: São Paulo UF: SP Responsável: Total Captado: R\$ 300.000,00	Pessoa: Jurídica CPF/CNPJ: 33.041.260/06... Município: São Caetan... UF: SP Responsável: Fabrício Inácio ... Total Captado: R\$ 200.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>	<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2015.

As constantes manifestações e os processos jurídicos-parlamentares fizeram com que se iniciasse o processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, reeleita para o seu segundo mandato no final de 2013. Em 17 de abril de 2016, a Câmara dos Deputados autorizou a instauração de processo de

*impeachment* da Presidenta com 367 votos a favor e 137 contrários. Em seguida, em maio do mesmo ano, o processo foi aberto pelo Senado, levando ao afastamento de Dilma Rousseff por 180 dias; ela foi substituída pelo seu então vice, Michel Temer, que assumiu a Presidência da República interinamente.

Ao ocupar o cargo na presidência, Temer decretou a breve extinção do Ministério da Cultura em 12 de maio, por meio da medida provisória número 726 e o restabeleceu no dia 23 do mesmo mês através da medida provisória número 728 publicada no Diário Oficial da União. Nesse ínterim, no entanto, militantes da área da cultura, como reação ao fechamento do ministério, ocuparam as sedes do órgão em diferentes estados. No Rio de Janeiro, por exemplo, os ativistas se reuniram no Palácio Gustavo Capanema e promoveram debates sobre cultura, performances artísticas e shows.

Com o complicado cenário político, a economia brasileira viveu mais um ano de recessão. No entanto, isso não impediu que os recursos públicos incentivados continuassem financiando a produção cultural. A FLUP, em 2016, além do incentivo do BNDES e do Banco Itaú, contou também com o apoio da Financiadora de Estudos e Projetos. A FINEP é uma empresa pública vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia e Inovação e é responsável pelo fomento à ciência, tecnologia em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas. Não por acaso, o incentivo da FINEP esteve presente justamente na edição em que a FLUP incluiu na sua programação a realidade virtual para narrar o drama das famílias que perderam seus filhos para a violência do estado.

A FLUP Pensa percorreu mais de 20 territórios periféricos do Rio de Janeiro ao longo de seis meses e resultou na publicação de mais três livros. Para finalizar as atividades do projeto, a FLUP se instalou na Cidade de Deus em comemoração aos 50 anos do bairro construído para receber pessoas removidas de várias favelas da cidade como parte da política de remoção do então governador do estado Carlos Lacerda. Nessa edição, Caio Fernando Abreu foi o homenageado, com o objetivo de dar destaque às questões da população transexual.

Em relação ao financiamento da FLUP em 2016, os dados contidos na Salic revelam que o valor total captado para o ano em questão ficou dentro da média do que a FLUP normalmente consegue dos incentivadores.

PRONAC: 159570	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 3.892.880,00	Valor projeto: R\$ 3.670.980,00
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 3.892.880,00	Valor aprovado: R\$ 3.670.980,00
Ano do projeto: 2015	Data término: 31/03/2017	Data início: 20/02/2016	Valor captado: R\$ 1.343.053,30	Outras fontes: R\$ 0,00

Situação: Apresentou prestação de contas ► Providências

**Listas associadas**

Distribuição: 2 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Prorrogação: 1 item.	<a href="#">Ver lista</a>
Divulgação: 11 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Relatório fisco: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>
Documentos anexos: 75 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Certidões negativas: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>
Marcas anexas: 70 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Readequações: 1 item.	<a href="#">Ver lista</a>
Deslocamentos: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Relação bens capital: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>

**Proponente** [Proponente](#)

Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50

**Incentivadores** [Incentivadores](#)

Captações: 6 itens. [Captações](#)

**Fornecedores** [Fornecedores](#)

Relação pagamentos: 0 itens. [Produtos](#)

Banco Nacional de Desenvolviment...		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 33.657.248/00...	Município: Rio de Janei...
UF: RJ	Responsável:	Total Captado: R\$ 800.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>		

Banco Itáú BBA S.A		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 17.298.092/00...	Município: São Paulo
UF: SP	Responsável:	Total Captado: R\$ 350.000,00
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>		

Financiadora de Estudos e Projetos...		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 33.749.086/00...	Município: Rio de Janei...
UF: RJ	Responsável: Glauco Arbox	Total Captado: R\$ 193.053,30
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>		

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2016.

Já em 2017, A FLUP Pensa teve duas fases. A primeira se configurou em um processo de formação em poesia que resultou em um livro. A segunda contou com o Laboratório de Narrativas Negras para Audiovisual, oficinas de narrativas negras que buscaram capacitar os participantes para transformarem suas histórias em roteiros para audiovisual, com uma parceria com a Rede Globo.

A sexta edição, um ano após o golpe jurídico-parlamentar contra a presidenta Dilma Rousseff e com episódios da extinção temporária do Ministério da Cultura, ocorreu em um momento emblemático do setor cultural. A implantação e disseminação de uma política fundamentalista contra teatros e museus desenhou uma espécie de caça às bruxas no país. A exposição *Queer Museu*, sobretudo, foi uma das mais atacadas e censuradas. Não por menos, a edição da FLUP de 2017 destacou Oduvaldo Vianna Filho. A homenagem a Vianinha, com foco principalmente nas pautas LGBTQI+ procurava relacionar questões do corpo negro, homossexual e todos aqueles torturados pela ditadura militar. A edição contou com participações como a de Cacá Diegues, um dos fundadores do Cinema Novo, Djamilia Ribeiro, uma das principais intelectuais do feminismo negro do país, Paulo Lins, autor de *Cidade de Deus*, além de Laurent Cantet, cineasta e vencedor da Palma de Ouro pelo filme "Entre os muros da escola", Sam Bourcier, professor

e pesquisador de estudos de gêneros na *Université de Lille*, e Saul Williams, um dos maiores nomes do *Spoken Word*.

Apesar das censuras que a produção cultural sofreu naquele ano, a FLUP manteve a média do valor total dos recursos incentivados captado pelo festival e contou novamente com a participação do BNDES como principal incentivador.

PRONAC: 170198	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 3.999.480,00	Valor projeto: R\$ 3.643.300,00
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 3.999.480,00	Valor aprovado: R\$ 3.643.300,00
Ano do projeto: 2017	Data término: 31/03/2018	Data início: 03/03/2017	Valor captado: R\$ 1.030.000,00	Outras fontes: R\$ 0,00
Situação: Apresentou prestação de contas			Providências	

Listas associadas		Prorrogação: 1 item.		Ver lista
Distribuição: 2 itens.		Relatório fisco: 64 itens.		Ver lista
Divulgação: 15 itens.		Certidões negativas: 1 item.		Ver lista
Documentos anexos: 127 itens.		Readequações: 2 itens.		Ver lista
Marcas anexas: 87 itens.		Relação bens capital: 0 itens.		Ver lista
Deslocamentos: 0 itens.				

Proponente		Proponente
Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC		CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50
Incentivadores		Incentivadores
Captações: 6 itens.		Captações
Fornecedores		Fornecedores
Relação pagamentos: 266 itens.		Produtos

Banco Nacional de Desenvolviment...		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 33.657.248/00...	Município: Rio de Janei...
UF: RJ	Responsável:	Total Captado: R\$ 800.000,00
VER INCENTIVADOR		

BANCO ITAUCARD S.A		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 17.192.451/00...	Município: Belo Horiz...
UF: MG	Responsável:	Total Captado: R\$ 150.000,00
VER INCENTIVADOR		

Walter Schalka		
Pessoa: Física	CPF/CNPJ: ***.533.238-**	Município: Sapopemba
UF: SP	Responsável:	Total Captado: R\$ 80.000,00
VER INCENTIVADOR		

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2017.

A pré-produção da FLUP, conforme indica a descrição do projeto entregue ao Sistema de Apoio às Leis de Incentivo à Cultura, dura aproximadamente em torno de um mês. Nesse período, é feita uma revisão geral do escopo do projeto, a contratação de equipe de produção e o mapeamento inicial de curadoria e captação de recursos para a realização das atividades.

Em 2018, para realizar suas ações, a FLUP contou com as parcerias do Museu do Amanhã e da Biblioteca Parque Estadual, ambos situados no centro do Rio de Janeiro. Com essa parceria, a edição de 2018, que focou exclusivamente as pautas do movimento negro, foi a primeira a ser realizada dentro de aparelhos institucionais que operam como legitimadores da arte e da cultura instituídas. Mas se, por um lado, a FLUP se fortaleceu institucionalmente ao se associar a outras entidades, por outro, voltou a sofrer uma queda em relação a sua captação dos recursos públicos incentivados conforme apontam os dados da Salic.

PRONAC: 180107	Segmento: Evento Literário	Área: Humanidades	Valor proposta: R\$ 3.002.336,46	Valor aprovado: R\$ 2.981.536,46
Mecanismo: Mecenato	Enquadramento: Artigo 18	Município/UF: Rio de Janeiro, RJ	Valor solicitado: R\$ 3.002.336,46	Outras fontes: R\$ 0,00
Ano do projeto: 2018	Data término: 01/04/2019	Data início: 24/01/2018	Valor captado: R\$ 750.000,00	Valor projeto: R\$ 2.981.536,46
Situação: Autorizada a captação residual dos recursos			Providências	

Listas associadas		Proponente	
Distribuição: 2 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Proponente: ASSOCIACAO CULTURAL ESTUDOS CONTEMPORANEOS ACEC	Propontente
Divulgação: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	CPF/CNPJ: 30.119.036/0001-50	
Documentos anexos: 47 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Incentivadores	Incentivadores
Marcas anexas: 38 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Captações: 4 itens.	<a href="#">Captações</a>
Deslocamentos: 0 itens.	<a href="#">Ver lista</a>	Fornecedores	Fornecedores
		Relação pagamentos: 55 itens.	<a href="#">Produtos</a>

Banco Nacional de Desenvolviment...			Banco Itaú S.A		
Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 33.657.248/00...	Município: Rio de Janei...	Pessoa: Jurídica	CPF/CNPJ: 60.701.190/00...	Município: SAO PAULO
UF: RJ	Responsável: Total Captado: R\$ 600.000,00		UF: SP	Responsável: Total Captado: R\$ 150.000,00	
<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>			<a href="#">VER INCENTIVADOR</a>		

Dados retirados da plataforma Salic, FLUP 2018.

O ano de 2018 começou marcado por uma lenta recuperação da economia, mas as disputas políticas com uma das mais conturbadas eleições presidenciais tiveram um reflexo negativo no desenvolvimento econômico. Ao longo do ano, as expectativas de crescimento foram gradativamente reduzidas. Se os analistas do Banco Central esperavam um crescimento próximo a 3% do Produto Interno Bruto, conforme informou a retrospectiva econômica realizada pelo *Globo.com*<sup>59</sup>, a perspectiva piorou e recuou para 1,3%, pois a economia apontava para um ritmo mais fraco e, principalmente, pelas incertezas do futuro caminho político do país e pela adoção de qual seria sua agenda econômica. Com um cenário político-econômico nada favorável, o financiamento cultural também não viveu seu melhor momento.

O financiamento à cultura está ligado às relações entre cultura e mercado. Desse modo, cabe retomar brevemente algumas noções desenvolvidas, como as questões de representação e as próprias relações entre cultura e mercado. Nesse sentido, vale ainda ressaltar que na sexta e sétima edições da FLUP, em 2017 e

<sup>59</sup> A matéria intitulada *Retrospectiva 2018: a economia brasileira em 6 gráficos* foi publicada pelo G1 em 21 de dezembro de 2018.

2018 respectivamente, o projeto contou com a contribuição da Rede Globo. As oficinas de narrativas negras para o audiovisual, uma inovação da FLUP Pensa em 2017, teve uma banca formada principalmente por roteiristas da TV Globo, que monitorou a produção dos participantes do laboratório. O processo de formação durou mais de três meses e teve como proposta estabelecer um diálogo entre os roteiristas do *mainstream* e os fazedores de cinema das periferias. Os trabalhos que mais se destacaram foram convidados para participar de oficinas de roteiristas da emissora.

O apoio, seja ele institucional ou financeiro, da maior empresa de mídia e entretenimento da América Latina surge no ápice das lutas de empoderamento do movimento negro. A questão da representatividade se tornou um produto com público próprio que quer consumi-lo. A posição das grandes e médias empresas em ajustar suas lentes para as narrativas negras, ou minoritárias no geral, se faz não somente por questões políticas, mas também por razões econômicas e convenientes. A própria Festa Literária das Periferias, ao estimular a construção dos discursos de grupos estigmatizados, também vai se apoderando daquilo que traduz as lutas e os sistemas de dominação do qual ela também lucra com a apropriação das narrativas minoritárias. O consumo de identidades, como já visto, ao mesmo tempo em que favorece o capital, também é capaz de servir de veículo para viabilizar protestos e pressões políticas, favorecendo as dimensões de democracia e cidadania.

## FLUP como literatura

*Uma nova era está começando: é a era da grande participação popular no campo da criação.*  
Hélio Oiticica,  
em entrevista concedida a Marisa Álvaro Lima, 1966.

*E agora, nesta era que segue a descolonização, a literatura se tornou uma forma de homens e mulheres, em nosso tempo, expressarem sua identidade, reivindicarem seu direito de falar e serem ouvidos em toda a sua diversidade. Sem essas vozes, seus chamados, viveríamos em um mundo de silêncio.*  
Jean-Marie Le Clézio,  
em discurso realizado no Prêmio Nobel de Literatura, 2008.

No final do século XX e início do XXI, autores das periferias urbanas provocaram uma nova movimentação no cenário literário e editorial com a publicação dos romances *Cidade de Deus*, de 1997, escrito por Paulo Lins, e *Capão Pecado*, 2000, de Ferréz. Essas produções, que interpelam o *mainstream* e ocupam espaços cada vez maiores de público e de crítica, deixaram de ser acontecimento excepcional e estão conquistando gradativamente mais adeptos. Na cena literária brasileira tem surgido um número significativo de autores oriundos das periferias do país.

Na coletânea que organizou para destacar os novos autores periféricos, em 2005, e como um dos autores fundamentais para a estruturação de um novo movimento literário, Ferréz afirmou que a periferia abandonou o lugar de objeto retratado para ocupar uma posição ativa como sujeito da sua própria representação<sup>60</sup>. Ou seja, a periferia tomou para si o lugar de sujeito da enunciação no discurso literário. A produção desses novos autores revela o cotidiano a partir de uma escrita fortemente marcada pelo testemunho e por uma estética realista. Entretanto, como alertam Alexandre Faria, João Camillo Penna e Paulo Roberto Tonani (2015) no texto introdutório da coletânea de ensaios *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*, da qual são os organizadores, o real dos textos produzidos por sujeitos periféricos pouco

---

<sup>60</sup> “Não somos o retrato, pelo contrário, mudamos o foco e tiramos nós mesmos a nossa foto”. FERRÉZ. Terrorismo literário. In FERRÉZ (Org.). *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

tem a ver com o que se codificou no sistema literário tradicional como a escola realista, trata-se de um realismo experiencial, ou seja, a exposição do real da experiência vivida, mesmo quando reconstruída ficcionalmente.

Pode-se dizer que a crescente entrada da periferia na produção literária se deve a uma salutar combinação entre distribuição de renda e oportunidades, que fizeram parte de um conjunto de políticas afirmativas iniciadas na primeira década dos anos 2000. Dito de outro modo, a democratização de expectativas por meio das ações políticas mais inclusivas empoderou e autorizou uma grande parcela de sujeitos residentes das periferias do país, em especial os jovens, que passaram a reivindicar seu espaço no consumo e, com destaque, na produção dos bens simbólicos.

Se, como já dito, a periferia se fez fortemente presente no cenário literário brasileiro desde a transição para os anos 2000, foi em 2012 que os autores periféricos conquistaram um festival literário próprio, de grande porte e com reconhecimento internacional para atender às suas demandas e prestigiar suas produções, a Festa Literária das Periferias. A FLUP, elaborada por Julio Ludemir e Écio Salles, é uma agenda cultural dividida em três processos distintos e trata a cultura como território de resistência e produção de novos sentidos políticos. Assim, o principal objetivo da FLUP tem sido o de fortalecer a democratização do consumo e, em especial, da produção literária, contribuindo para liberar escritas e outras formas de expressão por vezes recalcadas, o que vem favorecendo uma diversificação da cena literária no país. Através da FLUP Pensa, as oficinas de produção textual oferecidas pelo projeto e que antecedem o festival literário, a FLUP busca propor a literatura como uma linguagem capaz de produzir diálogos e conexões entre a experiência direta da realidade cotidiana e o ficcional, o que contribui para alargar a função literária enquanto ênfase da função poética.

Conforme desenvolvido por Roman Jakobson (1995), a poética trata dos problemas da estrutura verbal e pode ser encarada como parte integrante da Linguística, uma vez que a Linguística é a ciência que se encarrega da estrutura verbal. Jakobson destaca ainda que a poética não se confina à ciência da linguagem, mas a toda teoria dos signos, ou seja, a semiótica geral, e, desse modo, pode facilmente ser encontrada em demais manifestações artísticas como, por exemplo, a pintura. A poética se ocupa função poética que, por sua vez, é uma das seis funções da linguagem e está ligada à própria mensagem, isto é, sua principal característica é a emissão de uma mensagem em que forma e conteúdo podem ganhar um novo arranjo por meio dos modos de seleção e de combinação das palavras. Para o linguista russo, a função poética, que não é a única função

da linguagem, é a função dominante, ao passo que “em todas as outras atividades verbais ela funciona como um constituinte acessório” (JAKOBSON, 1995, p. 128) e não se limita ao campo da poesia. Assim, o destaque da função poética na literatura contemplada ou estimulada pela FLUP está justamente porque no seu foco está a transmissão de uma mensagem, que, especificamente nesse caso, se trata de um discurso que, por vezes, foi silenciado.

### ACONTECIMENTOS DISCURSIVOS: FLUP PENSA E SEUS PRODUTOS

Como instrumento de uma nova ação, a FLUP Pensa, que começa no início de cada ano e pode se estender por cerca de oito meses, procura estimular trocas e experiências por meio de atos fomentadores de outros modos de experimentação do sensível e, assim, compartilhar práticas estéticas capazes de afetar novas subjetividades políticas. O processo de formação literária se estrutura em encontros que contam com as presenças de autores renomados da literatura brasileira e estrangeira, professores de literatura e de comunicação, críticos e editores que comentam e avaliam os textos produzidos pelos participantes ao longo das oficinas. Ao final de cada edição da FLUP Pensa e como resultado desses encontros, é produzida uma coletânea com os melhores trabalhos desenvolvidos pelos participantes. Essas produções utilizam diversas linguagens e formatos que vão da prosa à poesia, passando pela história em quadrinho e pelo audiovisual.

De 2012 a 2017, a FLUP Pensa publicou mais de 15 livros e revelou mais de 150 autores. Entre os muitos produtos da FLUP, vale destacar a sua primeira coletânea intitulada *FLUP Pensa: 43 novos autores*. Como o próprio título sugere, a coletânea lançou na primeira edição da FLUP Pensa, em 2012, um número significativo de novos autores da periferia, entre eles Patrícia Higino, policial militar do Rio de Janeiro e professora; e os fenômenos Yasmin Thayná e Jessé Andarilho, os quais merecem aqui uma maior atenção.

Nascida em Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, Yasmin Thayná estudou roteiro na Escola Livre de Cinema, em Nova Iguaçu, e é formada em Comunicação Social pela PUC-Rio. Como uma das autoras participantes da primeira FLUP Pensa, Yasmin teve sua estreia na literatura com o conto “MC K\_bela”, uma breve narrativa sobre o processo de formação e aceitação de uma jovem negra a partir de sua transição

capilar<sup>61</sup>. A escrita de Yasmin Thayná é uma dessas tantas produções periféricas que tornam a experiência de uma realidade vivida em um artefato ficcional. Ao tratar do reconhecimento e do empoderamento de ser negra através do processo de libertação e resgate da forma natural dos cabelos, Yasmin traz à luz uma realidade comum da população afrobrasileira.

Conforme destacou Marcos Fiuza (2007) em artigo sobre o lugar da memória e da experiência no texto ficcional, a memória como lugar de resgate de um trauma traz à literatura uma função complexa de atualizar e redimensionar aquilo que foi silenciado e é exatamente isso que faz Yasmin Thayná. O conto “MC K\_bela” é narrado por uma primeira pessoa do singular que, em um dado momento, convoca um trauma vivido no Natal de 2010 para logo em seguida resignificá-lo, como pode ser visto na passagem em que diz

O episódio mais doloroso da minha vida foi no natal de 2010, quando fui relaxar o cabelo no salão que propaga imagens de belos cabelos naturais. A vermelhidão do meu couro cabeludo estava sincronizada com a amargura de ser bonita dentro daqueles padrões para agradar a avó e os colegas de classe.

Saí de lá com uma lágrima seca de dor nos meus olhos castanhos, do lado esquerdo. Do lado direito, um brilho molhado de liberdade e certeza de que nunca mais voltaria naquela rede que assassinava meus fios crespos remetentes a minha linda e orgulhosa ascendência africana.<sup>62</sup>

No trecho destacado, observa-se um processo extremamente assíduo na vida da população negra brasileira uma vez que esses corpos foram historicamente discriminados e julgados como inferiores e distantes do que se convencionou como padrão de beleza. A atitude de alisar os cabelos, mesmo que sob pressão da avó, é uma tentativa de ser aceita dentro de uma sociedade marcada por valores escravistas e eugênicos, atitude que pode ser entendida como parte de um desejo ou processo de branqueamento. A dor no couro cabeludo da personagem causada pelos produtos químicos utilizados para alisar os fios é também a dor de toda uma opressão racial que segrega e marginaliza a comunidade negra assim como também a conduz a renegar suas raízes. Mas, se por um lado, a personagem chora a dor da opressão pelo olho esquerdo, o lado associado ao coração e, conseqüentemente, ao emocional; é pelo olho direito, anunciando o início da transição capilar, que há o brilho da liberdade, do empoderamento negro e do orgulho da sua ancestralidade. Assim, ao descrever

---

<sup>61</sup> THAYNÁ, Yasmin. MC K\_bela. In. SALLES, Écio; LUDEMIR, Julio (Org). FLUPP Pensa: 43 novos autores. Rio de Janeiro: Reptil:Aeroplano, 2012, p. 288-292.

<sup>62</sup> Ibid., p. 291.

esse processo, Yasmin Thayná atua na contramão dos discursos historicamente opressores e faz da sua literatura um instrumento político insurgente.

A produção artística da jovem autora nascida em Nova Iguaçu não se limitou à coletânea *Flupp Pensa: 43 novos autores*. O relato, o testemunho, a narração do real vivido que está no conto “MC K\_bela” inspirou o curta-metragem *Kbela*, uma experiência cinematográfica sobre ser mulher e a experiência de se tornar negra, com roteiro e direção da própria Yasmin, lançado em setembro de 2015. Com estreia no Cine Odeon lotado, um dos mais antigos cinemas do Rio de Janeiro, o curta-metragem foi aclamado pela crítica cinematográfica brasileira e alcançou exibição em diferentes países. Em 2016, *Kbela* conquistou dois prêmios como melhor filme através da escolha do júri e da audiência, no 5º Festival Curta Brasília. No ano seguinte, 2017, o filme foi selecionado para o *International Film Festival Rotterdam* (IFFR), um dos mais reconhecidos festivais da Europa, e o *Festival panafricain du cinéma et de la télévision de Ouagadougou* (FESPACO), considerado um dos mais importantes festivais africanos do segmento, que acontece bienalmente em Ouagadougou, Burkina Faso. Ainda em 2017, o curta foi premiado na categoria “Melhor filme de curta-metragem da diáspora africana” pela *African Movie Academy Awards* (AMAA), cuja premiação é considerada uma das principais da produção africana.



Cena do curta-metragem *Kbela*.

Yasmin Thayná. Foto de Aline Dara Onawale

O curta-metragem de Yasmin, que por vezes circula no âmbito da literatura fantástica, oscila entre o real e o ficcional buscando uma ressignificação da negritude. A jovem cineasta, que se tornou uma importante figura da luta do empoderamento negro no cinema, também é criadora da Afroflix, uma plataforma digital de conteúdos audiovisuais que tenham, no mínimo, uma área de atuação assinada por uma pessoa negra.

O processo de formação de autores da FLUP pode ser entendido como um ponto de partida fundamental para que inúmeros jovens da periferia sigam suas carreiras para além do projeto de Écio Salles e Julio Ludemir. Assim como no caso de Yasmin Thayná, que teve seu trabalho publicado na primeira coletânea da FLUP *Pensa e*, em seguida, se projetou no mercado cinematográfico, Jessé Andarilho é também um bom exemplo dos processos simbólicos e materiais da Festa Literária das Periferias.

Jessé Andarilho, pseudônimo de Jessé da Silva Dantas, cresceu na Favela do Antares, favela localizada no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste do Rio de Janeiro, e teve seu primeiro contato com a literatura através do romance *Coração do comando*, do escritor Julio Ludemir – um dos idealizadores da FLUP. Entretanto foi através da leitura de *Zona de guerra*, romance de Marcos Lopes publicado em 2009, que Jessé compreendeu que poderia se tornar autor. Motivado pela ficção baseada na experiência do próprio Marcos Lopes, que antes de ser tornar escritor esteve envolvido com o tráfico de drogas, Jessé começou a escrever seu primeiro livro, o romance *Fiel*, no qual ele utiliza da sua vivência na favela de Antares como elemento central para a elaboração literária. Durante esse período, Jessé Andarilho conheceu a FLUP e participou da primeira edição das oficinas de formação. Ao lado de Yasmin Thayná, Jessé também fez parte da coletânea *FLUPP Pensa: 43 novos autores* com o conto “Perdeu a Linha”, um diálogo entre pai e filho em que o pai fala sobre a brincadeira de soltar pipa ao mesmo tempo em que narra as lembranças da sua infância no ambiente escolar. O autor, criado em Antares, continuou a participar das oficinas literárias e das coletâneas da FLUP nos anos seguintes. O romance, iniciado pouco antes do ingresso de Jessé a FLUP, foi concluído tempos depois e, em 2014 o autor, finalmente, publicou *Fiel*.

O romance de Jessé, escrito no bloco de notas do celular durante suas viagens em transportes públicos e lançado pela editora Objetiva, narra a história de um jovem cooptado pelo tráfico de drogas, em que a voz narrativa, de acordo com a descrição elaborada por Walter Benjamin<sup>63</sup>, seria a do “camponês sedentário”. Segundo Benjamin (1987), o narrador camponês é aquele que, ao contrário do narrador marinheiro que traz as notícias de longe, ganha a vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Ou seja, *Fiel* é escrito a partir de uma perspectiva de dentro, por meio da experiência adquirida por Jessé através da sua vivência enquanto morador de Antares e de uma realidade social

---

<sup>63</sup> BENJAMIN. Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e obras da cultura. Obras Escolhidas - Vol. I*. 3. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

marcada pela vulnerabilidade. O livro denuncia a falência do Estado em prover segurança e meios aceitáveis de sobrevivência ao expor o ápice e o declínio de Felipe no universo do tráfico.

Ao longo de todo romance, é possível encontrar trechos diversos de denúncia à precariedade e violência que cerca as periferias. A escrita de Jessé expõe a escassez dos transportes públicos<sup>64</sup> no bairro de Cosmos, Zona Oeste do Rio de Janeiro, como também a violência praticada por policiais do Batalhão de Operações Policiais Especiais, o BOPE – convocado somente em operações de extremo risco –, quando menciona a proibição, feita pelos policiais, na prestação de primeiros socorros a um ex-traficante baleado depois de uma perseguição. Na passagem, o narrador descreve que

Em pouco minutos, o beco já estava cheio de moradores querendo levar o Sombra para o hospital D. Pedro II. Ele era muito querido na comunidade. Nunca havia batido em nenhum morador. Quando alguém vacilava e ia para o julgamento do tráfico, ele era o primeiro a se afastar do júri e não se meter nos problemas, muito menos nas execuções das penas.

O BOPE não terminou o serviço, mas também não deixou ninguém entrar na casa para socorrê-lo. Até que ele não aguentou mais e partiu dessa para, quem sabe, uma melhor.

A favela amanheceu triste com a notícia do falecimento do Sombra. Mesmo sem ninguém pedir, os comerciantes, em luto por ele, abriram somente meia porta de seus estabelecimentos. O Sombra não era mais traficante, mas tinha todo o respeito da favela.<sup>65</sup>

Jessé também escreve sobre a corrupção da Polícia Militar ao retratar o momento que os traficantes pagam propina, também conhecida como “arrego” nas periferias, diretamente a policiais no Departamento de Polícia Organizada<sup>66</sup>, o DPO. Mas o autor é ainda mais incisivo e ataca frontalmente o quadro político do país ao relatar a total ausência dos governantes nas áreas periféricas do Estado, ao descrever que os moradores de Antares

(...) nunca tinham visto tantos carros bonitos na favela. Parecia até visita de políticos em campanha eleitoral, pois só nessa época eles se lembram da favela.<sup>67</sup>

As situações narradas no romance de Jessé Andarilho fazem parte da experiência vivida pela maior parcela de sujeitos moradores da periferia, incluindo o próprio autor. Como observou Luiz Eduardo Soares (2000) em artigo que buscava uma interpretação do Brasil capaz de contextualizar a violência, essas

<sup>64</sup> ANDARILHO, Jessé. Fiel. Rio de Janeiro: Objetivo, 2014, p. 37.

<sup>65</sup> Ibid., p. 144.

<sup>66</sup> Ibid., p. 46.

<sup>67</sup> Ibid., p. 144.

situações presentes na literatura de Jessé são eficazes de descrever como a impotência do Estado é um modo favorável de liberar os indivíduos da obediência e legitimar a desobediência civil. De acordo com Soares, essa insuficiência do Estado gera resultados contraditórios uma vez que não se pode justificar a criminalidade por questões políticas e éticas ao mesmo tempo em que não se pode deixar de reconhecer que o Brasil tem um Estado que, apesar das políticas afirmativas iniciadas em 2003, ainda é incapaz de garantir à ordem pública e proporcionar cidadania e condições adequadas de vida à parcela expressiva da população. Assim, o romance de Jessé tematiza como, em situações de extrema vulnerabilidade, ocupar cargos no tráfico não é uma escolha, mas um caminho que se faz possível diante das relações de poder estabelecidas socialmente, o que não significa que moradores de territórios periféricos sejam potenciais criminosos, mas sujeitos que transitam entre a ordem e a desordem e buscam voz de alguma forma, mesmo que a única saída seja o conflito com a lei.



Capa do livro *Fiel*, de Jessé Andarilho.

Autor e fundador do movimento poético MargiNow, Jessé posa com celular nas mãos em um dos vagões de trens para ilustrar sua rotina de escrita.<sup>68</sup>

Ao narrar a experiência, a escrita de Jessé é carregada de uma relação testemunhal que faz da obra, como menciona Paulo Roberto Tonani (2013), uma recolha de histórias e eventos de uma determinada localidade que transforma “o produto literário em uma colcha de retalhos que impede discernir com propriedade o ficcional do testemunho”<sup>69</sup>. A realidade e a ficção se fundem em um propósito comum: dar destaque às vozes da periferia. Para retomar as contribuições de Josefina Ludmer (2010) presentes no artigo *Literaturas pós-autônomas*, essa

<sup>68</sup> Imagem retirada da página da Biblioio: cultura informacional. Disponível em <http://biblio.info/jesse-andarilho/>

<sup>69</sup> TONANI, Paulo Roberto. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 177.

relação do real com o ficcional, como já visto, faz com que as escrituras do presente atravessem as fronteiras da literatura, como a da ficção. Ou seja, as escritas atuais rompem com os parâmetros que definem o que é literatura e tomam com muita frequência a forma mais documental do testemunho, da autobiografia, do diário e até da autoetnografia. São e não são literatura ao mesmo tempo e, assim, ocupam uma ambivalência que se confronta com o postulado da autonomia do literário. Dito de outro modo, a literatura perde sua intransitividade, conforme escreve Silviano Santiago (2004), e passa a demandar por um adjetivo para se firmar como literatura. Nesse sentido, as classificações literárias, as convenções e intenções que estabelecem o que se escreve e como são reconhecidas, são formalmente contestadas, assim como as divisões e oposições tradicionais entre formas nacionais ou cosmopolitas. Para Ludmer (2010), terminam as “formas do realismo ou da vanguarda, da ‘literatura pura’ ou ‘da literatura social’ ou comprometida, da literatura rural e urbana, e também termina a diferenciação literária entre realidade (histórica) e ficção”<sup>70</sup>. Essa mudança no estatuto da literatura indicia outra episteme e outros modos de ler.

A FLUP, ao estimular a presença de autores periféricos na cena literária brasileira, procura romper com um certo monopólio da linguagem que, ao longo dos anos, silenciou as minorias. Conforme trabalhado por Silviano Santiago (2015), a fala ou a escrita dos grupos minoritários sempre foi encarada “como daninha e contraproducente”<sup>71</sup> e, por consequência, raramente foi cogitada no planejamento do Brasil. É importante observar que essa centralidade discursiva de um segmento socioeconômico privilegiado não ocorre por acaso. Para Michel Foucault (1996 [1971]), em sua aula inaugural no *Collège de France*, o discurso tem uma relação direta com o poder e com os procedimentos de exclusão. Rejeitar as manifestações discursivas dos grupos à margem significa não recolher nem escutar suas palavras e invalidar todo seu discurso. A FLUP opera contra a interdição da voz daqueles que estão no exterior das relações de poder, uma vez que o discurso dessa parcela da população, através do testemunho, é capaz de desnudar o descaso e violência do Estado sobre eles.

## POETRY SLAM

---

<sup>70</sup>LUDMER, Josefina. *Literaturas pós-autônomas*. Sopro. n.20, 2010. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf>

<sup>71</sup>SANTIAGO, Silviano. Crítica de mutirão Org. FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; TONANI, Paulo Roberto. In. *Modos da margem: figuras da marginalidade na literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015, p.11.

A FLUP começou dedicada a formas canônicas, isto é, privilegiando a literatura no sentido estrito e canônico como uma expressão artístico cultural minoritária, na perspectiva usada por Silvano Santiago<sup>72</sup> como uma manifestação da minoria letrada que se revela e se comunica pelo livro. Com a consolidação de iniciativas como a Festa Literária das Periferias, abriu-se espaço para a literatura entre as formas artístico-culturais majoritárias, a cultura de uma maioria popular, próprias das comunidades ou da população a que se destina, produções ainda mais radicais que desafiam o campo teórico da instituição literária como o *Poetry Slam*.

Por *slam*, na tradução do inglês, se entende um “bater com força”, de certo modo, produzir ruído. Segundo Roberta Estrela D’Alva<sup>73</sup> (2011), pesquisadora que também é *slammer* e *slammaster*<sup>74</sup>, pode-se definir o *poetry slam*, ou simplesmente *slam*, como “uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento”<sup>75</sup>. De todo modo, como alerta D’Alva, chegar a uma definição do *poetry slam*, como, aliás, propor definições para qualquer fato cultural, não é uma tarefa simples, uma vez que, para além de um acontecimento poético, o *slam* é um movimento social, cultural e artístico que se expande progressivamente e é celebrado em diferentes comunidades espalhadas pelo mundo.

A primeira vez que se viu uma exibição de *poetry slam*, ou do que ficou batizado como tal, foi na segunda metade dos anos 80, em apresentação do operário da construção civil e poeta norte-americano Marc Kelly Smith no *Green Mill Jazz Club*<sup>76</sup>, bar localizado no norte de Chicago, nos Estados Unidos. Considerado como o principal responsável por emergir o *slam*, Smith<sup>77</sup> chegou no formato do *poetry slam* de maneira gradual ao tentar transformar os eventos de

---

<sup>72</sup> SANTIAGO, Silvano. A democratização no Brasil (1979-1981): cultura versus arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 134-156.

<sup>73</sup> Roberta Estrela D’Alva é formada em Artes Cênicas pela USP e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP.

<sup>74</sup> Entende-se por *slammer* o poeta enquanto o *slammaster* é o mestre de cerimônia das competições de *Poetry Slam*. Como *slammer*, Roberta Estrela D’Alva conquistou, em 2011, o terceiro lugar no mais importante campeonato de poesia falada da atualidade, a Copa do Mundo de Poesia Slam, na França.

<sup>75</sup> D’ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam invade a cena. In: *Synergies Brésil*, n9, 2011, p. 120.

<sup>76</sup> O Green Mill Cocktail Lounge, ou Green Mill Jazz Club, ficou conhecido por suas performances de jazz e poesia, juntamente com sua conexão com a história das máfias de Chicago ao servir como ponto de encontro de gângsteres e speakeasy durante a Lei Seca. Ver em [greenmilljazz.com](http://greenmilljazz.com)

<sup>77</sup> Ver em <http://www.marckellysmith.net/>

leitura de poesia, organizados por ele com colaboração de outros artistas, em uma espécie de espetáculo capaz de atrair aqueles que não se sentiam parte do ambiente mais fechado e tradicional das leituras de poesia. Foi assim que, em 1986, surgiu o *Uptown Poetry Slam*<sup>78</sup>, o primeiro evento de poesia autodesignado como *slam*. De lá pra cá, o *Uptown Poetry Slam*, assim como o próprio movimento *slam*, vem conquistando cada vez mais adeptos, sejam eles poetas ou simplesmente como admiradores. A prática *slam* se expandiu não só por Chicago, mas por outras cidades dos Estados Unidos culminando, em 1990, no primeiro *National Poetry Slam*, uma competição nacional dos EUA, como o próprio nome já deixa a entender. A poesia *slam*, no entanto, não se restringiu ao território americano, logo atravessou fronteiras e conquistou outros países como, por exemplo, França, Reino Unido, Alemanha, Canadá, Austrália, Zimbábue, Madagascar, Ilhas Reunião, Cingapura, Japão e o próprio Brasil.

O *poetry slam* é um acontecimento artístico e performático regulado que possui um conjunto mínimo de normas próprias para a sua realização que podem ser adaptadas de acordo com cada evento. Entretanto, algumas regras básicas são fundamentais como a obrigatoriedade de os poemas serem de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo – ou performá-lo –, ter o tempo máximo de três minutos e a proibição de utilizar figurinos, adereços e acompanhamentos musicais. Ou seja, a apresentação do *poetry slam* é realizada exclusivamente pelo corpo e voz do poeta. A temática da poesia *slam* recorrentemente é centrada na experiência vivida pelo poeta, assim como acontece nas demais formas literárias de autores periféricos, como já visto. As apresentações do *poetry slam* são feitas em três rodadas e avaliadas por um júri popular formado, usualmente, por cinco pessoas, que atribui aos poetas uma pontuação de 0 a 10. O show termina quando o *slammer* que somou a maior contagem de pontos se consagra vencedor.

Como descreveu Roberta D’Alva (2011), para que o *slam* ocorra é fundamental a participação coletiva e ativa de todos os presentes, ou seja, o *poetry slam* “só se dá com a participação da comunidade, de outros *slammers*, sem que nenhuma das partes participantes se sobreponha à outra”<sup>79</sup>. Para D’Alva, o ponto central da cena *slam* é o momento em que o encontro se dá, o que faz existir uma certa aura, segundo definição de Walter Benjamin<sup>80</sup>, que não é passível de

<sup>78</sup> O *Uptown Poetry Slam*, desde 1986, acontece regularmente todos os domingos, entre às 19h e 22h, no *Green Mill Jazz Club*. Ver programação em <http://greenmilljazz.com/calendar/>

<sup>79</sup> D’ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam invade a cena. In: *Synergies Brésil*, n.9, 2011, p. 121.

<sup>80</sup> Em Benjamin, o conceito de aura aparece como uma figura simbólica que se projeta no espaço-tempo que corresponderia ao *valor* da obra de arte. A ruptura da aura do objeto artístico levaria à

reprodução. Desse modo, mesmo que se façam registros dos campeonatos e antologias com os poemas que são recitados, nada é capaz de substituir a performance, a presença física, o encontro e o diálogo entre as diferenças. D'Alva ainda chama a atenção para a necessidade de não confundir o *poetry slam* com o *spoken word*, uma que vez que este último está relacionado a diferentes universos, como o da poesia *beatnik*, dos movimentos negros americanos e seus discursos políticos; do hip hop; e o das performances literárias contemporâneas.

Com foco na oralidade, o *spoken word* é passível de ser realizado em diversos contextos como na literatura, nas artes visuais e na música, e começou a ser usado no início do século XX, nos Estados Unidos, referindo-se a textos gravados e difundidos pelo rádio. Alastrando-se ainda mais nos anos 90 com o surgimento dos *slams*. Há também uma relação mercadológica no *spoken word*, por ser uma manifestação que permite o registro, sendo facilmente reproduzido e comercializado e que, ao ser ligado à indústria fonográfica, se torna um rentável produto comercial. A mesma autora ainda ressalta o fato de ser bastante comum que muitos *slammers*, ao atingirem um reconhecimento do seu trabalho, abandonem o *poetry slam* para se dedicar ao *spoken word*, como é o caso de Saul Williams, escritor, ator e músico norte-americano. Vale também estabelecer as diferenças entre o *poetry slam* com as demais expressões artísticas populares como a música popular, a poesia oral popular ou ainda a “literatura oral” nordestina, esta que também contém competições e desafios entre poetas, inclusive.

Para Pilote Le Hot, *slammer* e diretor artístico do *Grand Slam National de Poésie* e da Copa do Mundo de Slam de Paris, conforme afirmou em entrevista cedida durante o evento mundial em 2011, o que se encontra nos *slams* não é um tipo ou uma maneira específica de fazer poesia, mas todo tipo de poesia. No *poetry slam*, como descreveu a pesquisadora Daniela Freitas (2017) em capítulo de sua tese de doutorado dedicado a discutir a relação dos campeonatos de *slam* da periferia de São de Paulo com a questão da cidadania<sup>81</sup>, a poesia deixou o ambiente acadêmico abandonando os circuitos tradicionais de curadoria e produção de sentido para flertar com a canção popular e se tornar uma prática coletiva que se estabelece no limite entre o oral, o escrito e o visual, fazendo da performance um elemento central. Partindo das contribuições de Le Hot (2011) e

---

perda da sua “unicidade”, “singularidade” e “autenticidade” e a uma alteração do seu valor de culto. Ver em BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e obras da cultura. Obras Escolhidas - Vol. I.*

<sup>81</sup> Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. In. FREITAS, Daniela Silva de. *Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea*. Rio de Janeiro, 2018, p. 95.

de Freitas (2017), pode-se analisar que apesar de o *poetry slam* demandar outras formas de categorização e critérios de valoração capazes de abarcar o seu fenômeno, ele também pode ser entendido como um retorno às tradições poéticas orais se conectando com a história da poesia ocidental. Dessa maneira, no âmbito da literatura, o *slam* se localizaria, ao mesmo tempo, dentro e fora das formas já consagradas.

De modo resumido, historicamente, entende-se que a poesia, fundada na repetição, na sonoridade ou no ritmo, sempre teve o papel de auxiliar na memorização e na transmissão oral dos acontecimentos, sejam eles de caráter moral, informativo ou simplesmente de entretenimento<sup>82</sup>, das sociedades antigas e tradicionais. Isto é, a poesia, em princípio, é um ato verbal composto e transmitido primordialmente para reter mensagens e reunir pessoas ou comunidades, sem auxílio da escrita. A poesia oral se fez presente em diferentes sociedades e épocas, como em diversas regiões do continente africano com a presença dos griôs, contadores de história da tradição oral africana; os aedos na Grécia Antiga, responsáveis por cantar as epopeias sendo Homero o mais célebre; e os trovadores na Idade Média, artistas nobres e populares que criavam poesias e as cantavam.

Conforme destaca Paul Zumthor (2010) em seu vasto estudo sobre poesia oral, o gênero poético oral que melhor foi estudado até hoje é a epopeia, que tem origem no grego *epopoïia* formado pela junção de *epos* com *poieo* em que o primeiro significa palavra, canção, fala, recitação, e segundo significa fazer. Na definição realizada por Aristóteles (2015), a epopeia é uma forma narrativa com metro único, o hexâmetro, ou seja, verso grego ou latino composto de seis pés métricos, com extensão de ação ampla, sem limite de tempo ou espaço de escrita, modelo que pode ser facilmente reconhecido em obras como *Ilíada* e *Odisséia*. A epopeia constitui geralmente um extenso conjunto narrativo, formalizado de maneira bastante rigorosa, que conta com a presença de personagem heroica, a universalidade do tema abordado e o caráter coletivo da ação. Desse modo, o objetivo da epopeia é sempre alcançar a coletividade em que os personagens interagem livremente com as demais personagens e com os deuses a quem rendiam culto, demonstrando, assim, a importância da submissão aos superiores como condição da ordem social e política.

Por essa perspectiva, o *poetry slam* pode ser codificado como uma revisitação às formas poéticas orais ocidentais e não ocidentais reconhecidas que,

---

<sup>82</sup> Ver em ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

se entendido nas definições de contemporâneo de Giorgio Agamben (2009), se enquadra na compreensão mais complexa e atual de anacronismo, como um evento que reúne em si, potencialmente, muitas temporalidades. Para Agamben, no ensaio intitulado *O que é contemporâneo?*, o contemporâneo não é apenas aquele que apreende o presente, mas é também

aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de “citá-la” segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder.<sup>83</sup>

Dito de outro modo, o contemporâneo é aquele que não prende o seu olhar apenas para o agora, mas também para as figuras contidas nos textos e nos documentos do passado transformando-as em projeções do presente.

#### POETRY SLAM NO BRASIL E NA FLUP

O *poetry slam* pode ser reconhecido de início no Brasil por meio do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, coletivo paulistano de “teatro hip-hop” fundado, em 2000, por Claudia Schapira, Eugênio Lima, Luaa Gabanini e Roberta Estrela D’Alva. O coletivo, além de realizar espetáculos teatrais e proporcionar encontros de dramaturgia entre autores e atores, é o responsável por inaugurar a cena slam no país com o campeonato ZAP! Slam, Zona Autônoma da Palavra, que acontece na cidade de São Paulo. Fundado em 2008 e organizado por Roberta Estrela D’Alva, o ZAP! Slam impulsionou a criação de diversos outros *slams* pela cidade e por todo o país, como, por exemplo, o Slam da Guilhermina, o segundo do Brasil, organizado por Emerson Alcalde e realizado em uma praça pública ao lado da estação de metrô Guilhermina-Esperança, zona leste de São Paulo.

A importância de D’Alva, que não se restringe à organização do primeiro Slam entre nós, é central para a cena *slam* no Brasil uma vez que ela se configura como uma das principais poetas do movimento; uma das mais antigas pesquisadoras da cena no país, responsável pela publicação do primeiro artigo sobre o assunto, e, ainda, como a primeira *slammer* brasileira a participar da Copa do Mundo de Slam, em 2011, em Paris. Roberta Estrela D’Alva também é responsável pelo documentário *Slam: Voz de Levante*, dirigido em parceria com

---

<sup>83</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinicius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009, p.72.

Tatiana Lohmann, que ao ser lançado no *Festival do Rio*, em 2017, ganhou o prêmio de melhor direção de documentário e prêmio especial do júri. Em 2013, Roberta fez parte da programação da Festa Literária das Periferias, realizada em Vigário Geral, zona norte do Rio de Janeiro, ao participar de um debate ao lado do etnólogo e autor francês Jean-Yves Loude e do ex-curador do Prêmio Jabuti José Luiz Goldfarb.

A participação de Roberta Estrela D'Alva na Festa Literária das Periferias, daquele ano, se mostrou completamente rendosa ao ponto, de no ano seguinte, 2014, a FLUP ter estabelecido uma parceria com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos e instaurado na sua programação fixa os campeonatos FLUP Slam BNDES, competição nacional, e o Rio Poetry Slam, com caráter internacional, ambos com curadoria de Roberta D'Alva. Além disso, concebido a partir de 2016 como parte das atividades da FLUP Pensa, o FLUP Slam Colegial tem sido um processo de formação literária dentro das escolas públicas de ensino médio de diferentes cidades do Estado do Rio de Janeiro. Para as oficinas, os jovens convivem, durante dois meses, com alguns dos principais nomes do *spoken word* carioca, como, por exemplo, Elizabeth Manja, Yassu Noguchi e Lisa Castro.

A cena *slam* se tornou a principal atração da Festa Literária das Periferias e o Rio Poetry Slam já é um dos maiores eventos internacionais do gênero e o primeiro da América Latina. A realização do movimento *slam* na FLUP contribui, assim, para a legitimação e difusão dessa forma poética que se constituiu e se reproduz no exterior da cultura letrada ou erudita, como expressão literária em que a performance, presença do corpo, é parte constitutiva do poema. Segundo Paul Zumthor (2010), a oralidade é uma expansão do corpo que implica tudo o que, em nós, se endereça ao outro, seja até mesmo por meio de um gesto mudo ou um olhar. Assim, os movimentos do corpo são integrados a uma poética em que a associação do gesto e do enunciado se projeta na performance.

Conforme acontece em outras expressões literárias produzidas por autores periféricos, a poesia slam tem como pano de fundo a realidade vivida pelos seus autores. Ao pensar na literatura produzida por sujeitos periféricos no Brasil, Paulo Tonani (2013) salienta o empenho desses autores em oferecer um destaque a um conjunto invisível de sujeitos, o que resulta na “construção de um posicionamento político que lança mão da escrita como veículo de denúncias”<sup>84</sup>. A poesia slam, para além de passar uma mensagem, pode ser entendida como um desejo de criar referências, isto é, proporcionar novas perspectivas de mundo

---

<sup>84</sup> TONANI, Paulo Roberto. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p. 29.

por meio de versões que foram historicamente negligenciadas pelo sistema de poder dominante.



Da esquerda para direita, estão os finalistas do Rio Poetry Slam das edições de 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018. Esta última, todos os *slammers* convidados eram poetas negros conforme temática inspirada no que Paul Gilroy chamou de Atlântico Negro<sup>85</sup>.

Desde 2014, ano em que a FLUP inseriu o *poetry slam* na sua programação, inúmeros *slammers* de diferentes lugares do mundo já subiram ao palco da FLUP, e cabe dar destaque para alguns deles<sup>86</sup>, como a brasileira Mel

<sup>85</sup> Imagens retiradas da página da FLUP no Facebook das quais duas são de Francisco Costa sendo elas as das edições de 2015 e 2016. Nas demais não constam informações autorais.

<sup>86</sup> A seleção dos poemas, a fim de evitar qualquer tipo de preterimento, se concentrou em trazer o trabalho dos três últimos vencedores do Rio Poetry Slam, sendo eles Mel Duarte, brasileira e campeã

Duarte. Nascida em 1988, na cidade de São Paulo, e formada em Comunicação Social, Mel Duarte é escritora, poeta, *slammer*, produtora cultural e integrante do coletivo Slam das Minas, competição de *poetry slam* realizada e dedicada às mulheres. Mel Duarte também já publicou os livros de poesias *Fragments Dispersos*, em 2013, e *Negra Nua Crua*, lançado em 2016 pela Editora Ijuma. O último, foi traduzido para o espanhol como *Negra Desnuda Cruda* e publicado em Madrid pela *Ediciones Ambulantes*, em 2018. A poeta já foi destaque no sarau de abertura da Festa Literária Internacional de Paraty, em 2016, e, no mesmo ano, foi a primeira mulher a vencer o Rio Poetry Slam, na FLUP. Mel Duarte também já foi convidada para representar a literatura brasileira no Festival de Literatura Luso-Afro-Brasileira, o Festilab Taag, em Luanda, Angola. A temática dos poemas de Mel tem por base a vida e a luta das mulheres negras, que também é a vida e a luta da poeta. O trabalho de Mel Duarte transita por questões políticas e sociais assim como espirituais e afetivas, que atingem as mulheres e a comunidade afro-brasileira como um todo, como é visto em “Verdade seja dita”, um dos poemas apresentados por ela no Rio Poetry Slam, em 2016.

Você que não mova sua pica pra impor respeito a mim.  
Seu discurso machista machuca  
E a cada palavra falha  
Corta minhas iguais como navalha  
NINGUÉM MERECE SER ESTUPRADA!

Violada, violentada  
Seja pelo abuso da farda  
Ou por trás de uma muralha.  
Minha vagina não é lixão  
pra dispensar as tuas tralhas.  
Canalha!

(...)

Até quando teremos que suportar  
mãos querendo nos apalpar?  
Olha bem pra mim, eu pareço uma fruta?  
Onde na minha cara tá estampado “me chupa”?

Se seu músculo enrijece  
quando digo NÃO pra você  
que vá procurar outro lugar  
onde o possa meter

Filhos dessa pátria, Mãe Gentil?  
Enquanto ainda existirem Bolsonaro  
Eu continuo afirmando:  
Sou filha da luta, da puta.

---

em 2016; Jennifer Falú, americana do Brooklyn que levou o primeiro lugar em 2017; e Ikenna Onyegbula, nigeriano radicado no Canadá vencedor da edição de 2018.

A mesma que aduba esse solo fértil,  
a mesma que te pariu!

Outro exemplo importante é o trabalho de Jennifer Falú. Nascida no Estados Unidos e residente do Brooklyn, em Nova York, Falú é escritora e poeta associada à *Cave Canem Foundation*, fundação de apoio a escritores afro-americanos criada por Toi Derricotte e Cornelius Eady, em 1996. Falú também é pós-graduada em Escrita e Ativismo pelo *Pratt Institute*. Assim como a poesia de Mel Duarte, o trabalho de Falú também é pleno de referências ao cotidiano das mulheres e da comunidade negra dentro de uma sociedade patriarcal e racista. No caso de Falú, que é mãe de duas crianças, suas performances também expõem a experiência da maternidade, como no poema *Lose things*<sup>87</sup>, performado por Falú durante o Rio Poetry Slam em que saiu campeã, na edição de 2017.

I am the kind of woman who loses things  
The kind of woman who makes a room for  
a child lost

Sou o tipo de mulher que perde as coisas  
O tipo de mulher que prepara um quarto  
para um filho que perdeu

I am the kind of woman who keeps the  
porch light on  
The kitchen light on  
The living room light on

Sou o tipo de mulher que deixa a luz da  
varanda acesa  
A luz da cozinha acesa  
A luz da sala de estar acesa

(...)

(...)

I am the kind of woman who needs to feel  
safe  
The woman who has needs that no one  
can satisfy

Sou o tipo de mulher que precisa se sentir  
segura  
Mulher que tem necessidades que  
ninguém pode satisfazer

I am never satisfied with God allows  
That's why I lose things  
Because The Lord taketh away  
Because The Lord taketh away  
That's why I lose things  
And children  
That's why I run up the light bill

Não estou nunca satisfeita com as coisas  
que Deus dá  
E é por isso que perco as coisas  
Pois O Senhor tira  
Pois O Senhor tira  
É por isso que perco as coisas  
E filhos  
É por isso que estouro a conta de luz

Por fim, vale mencionar Ikenna Onyegbula. Nascido na Nigéria e criado no Canadá, Onyegbula é poeta, vencedor de diversos campeonatos canadenses de poesia falada e fundador do *Canada's National Youth Poetry Festival*, o

<sup>87</sup> As traduções dos poemas do Rio Poetry Slam são realizadas pelo Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, do Instituto de Letras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, a UERJ, com coordenação geral da professora Maria Aparecida Andrade Salgueiro.

*YouthCanSlam*, criado em 2013, em Ottawa. Em entrevista concedida a Stuart Derdeyn, do jornal canadense *The Province*<sup>88</sup>, Ikenna Onyegbula explica sua relação com *poetry slam* ao afirmar que a poesia falada foi onde ele pôde se encontrar e que o aplauso e o afeto que vem da plateia constroem algo realmente viciante. Ikenna também aponta para a questão competitiva do *poetry slam*, que transforma a poesia em algo mais interativo do que os tradicionais eventos de declamação, para ele constituídos de “velhos entediados lendo em silêncio no canto”<sup>89</sup>. Em situação de diáspora, o trabalho de Ikenna Onyegbula desconstrói a premissa de uma unidade africana ao apontar para diversidade étnica e cultural do continente e, ao mesmo tempo, para a experiência transnacional desses artistas. Longe dos estereótipos, o poeta dissemina a ideia de uma Nigéria como um espaço de pensamento e criação, como revela o poema “Nigeria”<sup>90</sup> apresentado no Rio Poetry Slam, em 2018.

Home.  
to over 170 million people,  
we are a kaleidoscope of ethnic diversity;  
blood, sand-soaked through skin,  
we bleed culture, so rich, it sometimes  
clashes  
like swords,  
  
(...)  
  
French-kiss it on our tongues, so sweet,  
it will flavour our melting pot of cultures,  
like broken English,  
(speaking Broken English:)  
“oh boi,  
abeg make we no rack now,  
you no know say we don dey pray to de  
same God?”  
And I swear I just spoke English.  
But when we come into this Western  
World,  
it’s like our English becomes absurd,  
and so, I tend to speak slowly and alter my  
accent  
to make you understand every single word  
I say.  
  
(...)

Casa.  
para mais de 170 milhões de pessoas,  
nós somos um caleidoscópio de  
diversidade étnica;  
sangue, pele empapada de sal e suor,  
sangramos cultura, tão forte, que às vezes  
se choca  
como espadas,  
  
(...)  
  
Beijo de língua em nossas línguas, tão  
doces,  
que dará sabor ao nosso caldeirão de  
culturas,  
como o “inglês das quebradas”,  
(falando “brokenEnglish”)  
“Qual foi,  
não vamo entrar numa agora,  
tu não sabe que nós e eles não rezamos  
pelo mesmo Deus?”  
E juro que acabei de falar inglês.  
Mas quando chegamos neste Mundo  
Ocidental,  
É como se nosso inglês fosse absurdo,  
E então, eu falo devagar e mudo meu  
sotaque  
para fazer você entender cada palavra que

<sup>88</sup> DERDEYN, Stuart. VERSES Festival of Words hosts Canadian Poetry Slam Competition. **The Province**, Canadá, 2014. Disponível em: <https://theprovince.com/entertainment/verses-festival-of-words-hosts-canadian-poetry-slam-competition> Acesso em 15-fev-2019.

<sup>89</sup> Ikenna Onyegbula em entrevista a Stuart Derdeyn, publicada em artigo no jornal canadense *The Province*, em 2014. Disponível em: <https://theprovince.com/entertainment/verses-festival-of-words-hosts-canadian-poetry-slam-competition> Acesso em 15-fev-2019.

<sup>90</sup> Ver nota 87.

We used to be a collection of Empires!  
 Now, when I speak about Nigeria, the  
 world only remembers  
 our internet scams,  
 and the messed up representations of the  
 country in  
 movies like Avatar, Repo Men and District  
 9;  
 not Wole Soyinka, Chinua Achebe,  
 Hakeem Olajuwon or Sade;  
 but if you want to remember something,  
 then you should remember this-  
 as long as I exist,  
 I am one of over one hundred and seventy  
 million  
 cracked roses growing from concrete.  
 And we will gladly give our lives  
 to see Nigeria-rise,  
 O Compatriots, are you with me?

digo.

(...)

Nós éramos uma coleção de Impérios!  
 Agora, quando eu falo da Nigéria, o mundo  
 lembra apenas dos  
 nossos golpes de internet  
 e das representações confusas do  
 país em filmes como Avatar, Repo Men e  
 Distrito 9;  
 não de Wole Soyinka, Chinua Achebe,  
 Hakeem Olajuwon ou Sade;  
 mas se você quer lembrar de algo,  
 então você deveria lembrar disto:  
 enquanto eu existir,  
 eu sou um dos mais de cento e setenta  
 milhões de  
 rosas que crescem em meio ao concreto.  
 E teremos prazer em dar nossas vidas  
 para ver a ascensão da Nigéria,  
 Compatriotas, vocês estão comigo?

A poesia slam não tem um formato próprio, ou seja, não tem uma métrica poética prevista ou esquema rítmico específico como, por exemplo, o hexâmetro datílico ou hexâmetro heroico que tradicionalmente é associado à poesia épica, ou as redondilhas associadas às formas orais tradicionais. Para a poesia slam, que acontece na competição, o desejável é que a mensagem seja ouvida e imediatamente compreendida pela plateia. Dessa maneira, é necessário que a poesia slam seja produzida dentro de uma linguagem compartilhada com a comunidade a que se destina. Conforme destacou Daniela Freitas (2018), a poesia slam acontece no campo de interação da escrita, do visual e do oral, ou seja, é o conjunto da voz, da entonação, do ritmo, do *flow*, do olhar e dos gestos corporais, que são componentes essenciais na experiência da oralidade e da performance, e não acessórios.

O *poetry slam* é uma prática consideravelmente recente e multifacetada que transforma as categorias e conceitos literários insuficientes e, por esta mesma razão, exige uma leitura analítica sustentada em outros ou novos pressupostos sobre a poesia. Se, conforme destacou Roberta Estrela D'Alva (2011), o *slam*, para além da poesia oral performática, é um fenômeno do agora, isto é, estabelece uma relação aurática com o momento em que se dá a ação, será possível registrar o *poetry slam* de modo que escape do formato do *spoken word* e demais manifestações da poesia oral?

## Considerações finais

Desde 2012, a Festa Literária das Periferias tem colaborado para democratizar e descentrar a produção literária através da estratégia de inclusão de outros públicos e outros escritores, em especial, aqueles com origem nas periferias. Esse movimento, que promove a autonomia de um segmento da população pobre e racializada e o incentivo bifurcado entre produção e consumo, tem proporcionado o contato entre atores sociais heterogêneos e promove a cultura como agente transformador. A FLUP nos colocou diante de um fenômeno inovador, de uma periferia que se torna o centro ou o cerne da criação literária que consome e, paralelamente, lançou seus escritores no circuito editorial maior. Isso fica em evidência, por exemplo, ao pensar nos nomes de Raquel de Oliveira com o romance *A número um* publicado, em 2015, pela Casa da Palavra; Jessé Andarilho com os romances *Fiel* e *Efetivo variável* publicados, respectivamente, em 2014, pela Editora Objetiva e Alfaguara Objetiva, em 2017, e Geovani Martins com o livro de contos *O sol na cabeça*, publicado em março de 2018 pela Companhia das Letras. A FLUP é um espaço possível para a construção de uma comunidade capaz de estimular trocas e experiências através de ações fomentadoras de outros modos de experimentação do sensível e de produção de novas formas de subjetividade política.

O projeto idealizado por Écio Salles e Julio Ludemir é um dos muitos resultados das políticas afirmativas iniciadas pelo governo Lula e, especialmente, pela nomeação de Gilberto Gil ao comando do Ministério da Cultura, cargo que ocupou de janeiro de 2003 à julho de 2008. Como Ministro, a proposta de Gilberto Gil, sob a imagem de um “do-in antropológico”, era trazer a produção das camadas populares para dentro do que se reconhece e se valida como cultura no país, para a sistematicidade dos meios de produção e, assim, promover uma democracia cultural. Pensar a cultura no mundo globalizado é pensar em uma das atividades mais rentáveis e que possibilita realizar o jogo da cidadania através do meio consumidor.

Para George Yúdice (2004), a relação entre cidadania e consumo se dá, não somente por meio de mercadorias, mas, sobretudo, por meio de representações, em que a “política da representação” é o novo meio pelo qual se pode negociar a cidadania. Assim, pode-se afirmar que a FLUP é um fenômeno multifacetado que se organiza dentro de uma estratégia de emancipação, ao

mesmo tempo que se articula com os interesses do mercado e exerce uma apropriação mercadológica da produção periférica. A questão da representatividade se tornou um produto com um público que deseja consumi-lo. Não por menos, a posição das grandes e médias empresas em apoiar e financiar a FLUP, e as narrativas produzidas por sujeitos periféricos, se faz não somente por questões políticas, mas também por razões econômicas e convenientes, em que a própria Festa Literária das Periferias também lucra com a apropriação das narrativas minoritárias.

A crescente entrada da periferia na produção literária se deve a uma salutar combinação entre distribuição de renda e de oportunidades, que fizeram parte de um conjunto de políticas afirmativas, aplicadas a partir de 2003. Ou seja, a democratização de expectativas por meio das ações políticas mais inclusivas empoderou e autorizou uma grande parcela de sujeitos residentes das periferias do país, em especial os jovens, que passaram a reivindicar seu espaço no consumo e, com destaque, na produção dos bens simbólicos. A FLUP surge, nesse contexto, como uma iniciativa que procura atender às suas demandas e prestigiar as suas produções artísticas.

Como instrumento de uma nova ação, a FLUP opera contra a interdição da voz daqueles que estão no exterior das relações de poder, uma vez que o discurso dessa parcela da população, feito através do testemunho, é capaz de desnudar o descaso e violência do Estado sobre as periferias. O trabalho da FLUP começou dedicado a formas canônicas, ou seja, privilegiando a literatura no sentido estrito e canônico como uma expressão artístico cultural minoritária, na perspectiva usada por Silvano Santiago<sup>91</sup> como uma manifestação da minoria letrada, que se revela e se comunica pelo livro. Com a consolidação, a Festa Literária das Periferias abriu espaço para a literatura entre as formas artístico-culturais majoritárias, a cultura de uma maioria popular, próprias das comunidades ou da população a que se destina, como experimentos radicais que desafiam o campo teórico da instituição literária como o *Poetry Slam*, que fortalece ainda mais o empoderamento, a subjetividade e a formação política dos sujeitos periféricos.

---

<sup>91</sup> SANTIAGO, Silvano. A democratização no Brasil (1979-1981): cultura versus arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004. p. 134-156.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Gestão ou gestação da cultura: algumas reflexões sobre o papel do Estado. *In*. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 61-86.

ANDARILHO, Jessé. Fiel. Rio de Janeiro: Objetivo, 2014.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARBALHO, Alexandre. Políticas culturais no Brasil: identidade e diversidade sem diferença. *In*. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 37-60.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e obras da cultura. Obras Escolhidas - Vol. I*. 3. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e obras da cultura. Obras Escolhidas - Vol. I*. 3. ed. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BOTELHO, Isaura. A política cultural e o plano das ideias. *In.* RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 109-132.

BOVONE, Laura. Os novos intermediários culturais: considerações sobre a cultura pós-moderna. *In.* FORTUNA, Carlos (Org.). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*, Oeiras, Celta, 1997, p. 103-118.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloise Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CUNHA, Eneida Leal. Arte, mercado, política: intelectuais e mediação cultural. *In.* MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O intelectual e o espaço público*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015, p. 70-83.

DAGNINO, Evelina. Políticas culturais, democracia e projeto neoliberal. *Revista Rio de Janeiro*, n. 15, jan.-abr., 2005, p. 45-65.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. *In.* *Crítica e clínica*. Tradução Peter Pál Pelbart. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 11-17.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. Tradução Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 4ª Ed, 2007.

FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; TONANI, Paulo Roberto. Modulações da margem. *In.* Org. FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; TONANI, Paulo Roberto. *Modos da margem: figuras da marginalidade na literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015.

FIUZA, Marcos. Literatura e testemunho: a ficção como representação da experiência *In.* LEAL, Lara; MONTAURY, Alexandre; PRAZERES, Eduardo (Org.)

*Literatura e violência: o lugar da memória traumática. Rio de Janeiro: Gândara, 2007, p. 159-168.*

FOUCAULT, Michel (1996 [1971]). *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e poética*. In. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1995.

MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (Org.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori (Org.). *Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares*. Salvador: EDUFBA, 2007.

PENNA, João Camilo. *Escritos da sobrevivência*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2013.

PORTO, Marta. *Cultura para política cultural*. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 157-179.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução Mônica Costa Netto. 2.ed. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009.

RESENDE, Beatriz. *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. In. RESENDE, Beatriz; Finazzi-Agró, Ettore (Org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro:Revan, 2014.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios*. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p 11-36.

SALLES, Écio; LUDEMIR, Julio (Org.). *FLUPP Pensa: 43 novos autores*. Curadoria Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Réptil; Aeroplano, 2012.

SANTIAGO, Silvano. A democratização no Brasil (1979-1981): cultura versus arte. In: *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 134-156.

SANTIAGO, Silvano. Crítica de mutirão Org. FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; TONANI, Paulo Roberto. In. *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015, p.9-18.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SIMIS, Anita. Políticas culturais como políticas públicas. In. RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (Org.). *Políticas culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007, p.133-156.

SOARES, Luiz Eduardo. Uma interpretação do Brasil para contextualizar a violência. Org. PEREIRA, Carlos Alberto. In. *Linguagens da violência*. Rocco, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução André Pereira. Minas Gerais: UFMG, 2010.

TENNINA, Lucía. A palavra falada e corporizada nos saraus da periferia da cidade de São Paulo Org. FARIA, Alexandre; PENNA, João Camilo; TONANI, Paulo Roberto. In. *Modos da margem: figurações da marginalidade na literatura brasileira*. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2015, p. 504-531.

TONANI, Paulo Roberto. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Tradução Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## Documentos online

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 11, p.89-117, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n11/04.pdf> Acesso em 20-mar-2017.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. São Paulo Perspec. vol.15 n.2 São Paulo Apr./June 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000200011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011) Acesso em 21-ago-2018.

CUNHA, Eneida Leal. A EMERGÊNCIA DA CULTURA e da crítica cultural. Cadernos de Estudos Culturais. v.1. n.2, 2009. Disponível em: <http://seer.ufms.br/index.php/cadec/article/view/2184/1355> Acesso em 15-jan-2019.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam invade a cena. In: Synergies Brésil, n9, 2011, pp. 119-126. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Bresil9/estrela.pdf> Acesso em 28-fev-2019.

GRUMAN, Marcelo. Políticas públicas e democracia cultural no Brasil. ENFOQUES – revista eletrônica dos alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ. Disponível em: <http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br/ojs/index.php/enfoques/article/viewFile/80/72> Acesso em 17-ago-2018.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Conexões. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/conexoes/> Acesso em 20-ago-2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Literatura marginal. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/> Acesso em 20-ago-2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Intelectuais x Marginais. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/intelectuais-x-marginais/> Acesso em 20-ago-2017.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Marginais, alternativos, independentes. Disponível em: <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/marginais-alternativos-independentes/> Acesso em 20-ago-2017.

LUDMER, Josefina. Literaturas pós-autônomas. Sopro. n.20, 2010. Disponível em: <http://www.culturaebarbarie.org/sopro/n20.pdf> Acesso em 23-mar-2017.

MIGNOLO, WALTER D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade na política. Tradução de Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n 34, p.287-324, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo18.pdf> Acesso em 15-abr-2017.

MORICONI, Ítalo. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). Gragoatá. Niterói, n. 20, p.147-163 sem. 2006. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/331/332> Acesso em 02-jun-2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do governo Lula. Revista Lusófona de Estudos Culturais | Lusophone Journal of Cultural Studies, v. 1, n.1, p. 224-242, 2013. Disponível em: <http://www.estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/download/17/43> Acesso em 26-ago-2018.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais entre o possível e o impossível. Disponível em: <https://politicasculturais.files.wordpress.com/2009/03/politicasculturais-entre-o-possivel-e-o-impossivel.pdf> Acesso em 19-ago-2018.

TONANI, Paulo Roberto. A voz da periferia e a função do intelectual. Darandina Revisteletrônica, v.3, p.3, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/12/A-voz-da-periferia-e-a-fun%C3%A7%C3%A3o-do-intelectual.pdf> Acesso em 15-abr-2018.

## Entrevistas, Reportagens e Artigos em jornais

BOTELHO, Isaura. Entrevista com Isaura Botelho: consultora do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo. São Paulo, Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo. Entrevista a Daniel Douek. Disponível em [centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/noticias/entrevista-com-isaura-botelho](http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/noticias/entrevista-com-isaura-botelho) Acesso em 15-jul-2018.

DERDEYN, Stuart. VERSES Festival of Words hosts Canadian Poetry Slam Competition. **The Province**, Canadá, 2014. Disponível em: <https://theprovince.com/entertainment/verses-festival-of-words-hosts-canadian-poetry-slam-competition> Acesso em 15-fev-2019.

JOST, Miguel. O ataque de Roberto Freire à cultura e o desmonte das políticas públicas. **Mídia Ninja**, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [midianinja.org/migueljost/o-ataque-de-roberto-freire-a-cultura-e-o-desmonte-das-politicas-publicas/](http://midianinja.org/migueljost/o-ataque-de-roberto-freire-a-cultura-e-o-desmonte-das-politicas-publicas/) Acesso em 02-jan-2019.

RESENDE, Leonardo. Quem se lembra da UPP Social, criada pelo Governo do Rio de Janeiro?. **Folha de São Paulo: Agência Lupa**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2017/05/10/quem-se-lembra-da-upp-social/> Acesso em 10-jan-2019.

SALLES, Écio; LUDEMIR, Julio. Entrevista com Écio Salles e Julio Ludemir. Rio de Janeiro, **Suplemento Pernambuco**. Entrevista a Leonardo Nascimento, 2017. Disponível em <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/1982-entrevista-%C3%A9cio-salles-e-julio-ludemir.html> Acesso em 25-jun-2018.

SÓ, Pedro. Eles sabiam antes. **Revista Helena**, Paraná, 2018. Disponível em <http://www.helena.pr.gov.br/2018/01/35/Eles-sabiam-antes.html> Acesso em 02-ago-2018.

VAZ, Sérgio. Sarau da Cooperifa - Jogo de Ideias. São Paulo, Itaú Cultural. Entrevista a Claudiney Ferreira, 2008. Disponível em [www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008](http://www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-sarau-da-cooperifa-jogo-de-ideias-2008) Acesso em 27-jul-2018.

VAZ, Sérgio. Sergio Vaz, criador da Cooperifa: 'A periferia é um país'. **Rede Brasil Atual**, n. 121, 12 set. 2016. Entrevista a Sarah Fernandes, 2016. Disponível em

<https://www.redebrasilatual.com.br/revistas/121/a-periferia-e-um-pais-2631.html>  
Acesso em 27-jul-2018.

VAZ, Sérgio. Sergio Vaz - FLIP (2016). Paraty, Itaú Cultural. Entrevista a Douglas Lambert, 2016. Disponível em <http://www.itaucultural.org.br/sergio-vaz-flip-2016>  
Acesso em 27-jul-2018.

### **Dissertações e Teses**

COSTA, Tatiana de Almeida Nunes. **Marcelino Freire em cena: o escritor entre a ação e a atuação**. Rio de Janeiro, 2017. 186p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

DEYQUES, Aline. **As palavras que correm à margem: Festa Literária das Periferias (2012-2016), a escrita de mulheres e o livro A número um, de Raquel de Oliveira**. Rio de Janeiro, 2017. 171p. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

FREITAS, Daniela Silva de. **Ensaio sobre o rap e o slam na São Paulo contemporânea**. Rio de Janeiro, 2018, 132p. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

MENDES, Marina Lima. **Coletivos de cultura: novas formas de comum**. Rio de Janeiro, 2017. 98p. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MIRANDA, Claudia de Azevedo. **Aubervilliers e Cooperifa: o olhar pós-urbano da periferia sobre a cidade**. Rio de Janeiro, 2015. 122p. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

### **Vídeos**

Copa do Mundo de Slam 2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Gbkhar165C8>. Acesso em 27-fev-2019.

DUARTE, Mel. Verdade seja dita. FLUP 2016 - Mel Duarte no Rio Poetry Slam. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rpzoaeli0gU>. Acesso em 20-jan-2019.

FALÚ, Jennifer. Lost things. FLUP 2017 - Falú no Rio Poetry Slam. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=jx3GGwDg9\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=jx3GGwDg9_E). Acesso em 20-jan-2019.

ONYEGBULA, Ikenna. Nigéria. FLUP 2018 - Ikenna Onyegbula no Rio Poetry Slam. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hwxm-kdcVz0>. Acesso em 20-jan-2019.

SMITH, Marc Kelly. Slam Poetry Movement: Marc Smith at TEDxLUC. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dOpsS9H5dgQ>. Acesso em 27-jan-2019.

## Filmes

Kbela. Direção de Yasmin Thayná. Produção de Erika Candido e Monique Rocco. Rio de Janeiro: Yasmin Thayná, 2015. Disponível em: <http://kbela.org/assista-kbela/>. Acesso em: 20-set-2018.

## ANEXO

### PROGRAMAÇÕES DA FLUP

- 2012 :: FLUPP - MORRO DOS PRAZERES  
HOMENAGEM A LIMA BARRETO

(Disponível em <http://www.anf.org.br/flupp-acontece-de-7-a-11-de-novembro-no-morro-dos-prazeres/>)

MINISTÉRIO DA CULTURA, SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA, BNDES, PETROBRAS E VALE  
APRESENTAM



#### 7 de novembro - quarta-feira

##### 17h - Orquestra de Vozes Meninos do Rio

*Criada em 1998, a Orquestra é composta pelo coro de alunos de 23 escolas da Prefeitura e tem como objetivo estimular a inteligência musical das crianças. Cerca de mil alunos do 1º ao 9º ano compõem a Orquestra.*

##### 18h - Abertura solene

##### 18h30 - Palestra: Ariano Suassuna

*Dramaturgo, poeta e romancista que combina o erudito e o popular em suas obras e desde 1990 ocupa a cadeira de número 32 da Academia Brasileira de Letras.*

##### 20h - Show de Bráulio Tavares

*Escritor, cronista, roteirista, poeta e compositor. Em 1989, recebeu o Prêmio Editorial Caminho de Ficção Científica por seu livro "A Espinha Dorsal da Memória". Seus pocket-shows fizeram dele uma das figuras mais cultuados da cena carioca na década de 1980. Não faz um show no Rio de Janeiro há quase 20 anos.*

##### 20h35 - Show de MV Bill e MC Swat

*MV Bill é rapper escritor e ativista social. Seu trabalho na música e na literatura retrata o cotidiano das favelas do Rio de Janeiro e MC Swat é um dos rappers que embalaram musicalmente a luta contra o regime de Muammar Gaddafi.*

#### 8 de novembro - quinta-feira

##### 13h - Mesa com Beatriz Resende e Luciana Hidalgo.

Mediação: Luiz Antônio Simas.

##### Tema – Antes tarde do que nunca

*Afonso Henriques de Lima Barreto foi o primeiro escritor brasileiro a incluir a periferia em suas narrativas tanto do ponto de vista do território quanto da linguagem. Pagou um alto preço por isso, morrendo louco e miserável. A professora Beatriz Resende e a escritora Luciana Hidalgo, as duas maiores conhecedoras de sua obra, estão participando dos esforços de resgatar sua importância para a literatura nacional. Ambas deram grandes contribuições para que o primeiro escritor brasileiro a se ver como negro hoje tenha sua obra traduzida para diversas línguas, adaptada para o cinema e conquistado o coração das novas gerações. Lima Barreto é o autor homenageado da I Festa Literária Internacional das UPPs. Luiz Antônio Simas é escritor ("Samba de Enredo: História e Arte", ed. Record), pesquisador e mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

15h - Mesa com Susie Nicklin e Yvvette Edwards.

Mediação: Toni Marques.

**Tema – Diferente é você**

*Londres é a cidade mais cosmopolita do mundo. Cabe de tudo naquele melting pot futurista, no qual muçulmanas de burca e punks com cabelo moicano pintado de verde convivem confortavelmente na mesma calçada. Esta diversidade produziu uma literatura altamente inventiva, capaz de criar gêneros que vão da chic-lit de “Diário Bridget Jones” ao young adult de J. K. Rowling, passando pela literatura engajada no melhor estilo Charles Dickens e, claro, pelo pop de Nick Hornby. É dessa pluralidade de que falarão Susie Nicklin, diretora de literatura do British Council, e Yvvette Edwards, uma negra de origem jamaicana cujos livros são panfletos polvilhados com o açúcar dos grandes canais da terra de seus ancestrais.*

17h - Mesa com Thomas Brussig e Marcos Alvito.

Mediação: Igor Cavaco.

**Tema – Jogo duro**

*O escritor alemão Thomas Brussig e o antropólogo carioca Marcos Alvito têm vários pontos em comum, como, por exemplo, o fato de ambos terem passado os melhores anos de suas vidas sob o tacão de uma ditadura – no caso de Brussig, a do proletariado; no de Alvito, a militar. Os dois produziram livros nos quais o direito à juventude foi cerceado por uma conjuntura política desfavorável. Outro ponto que os une é o amor pelo futebol, presente na mais recente produção de ambos. Thomas Brussig, que joga na seleção alemã de escritores, publicou “Schiedsrichter Fertig – Eine Litanei”, infelizmente ainda não traduzido para o português. O carioca está publicando, na internet, “A Rainha de Chuteiras”. Esta mesa, que tem o apoio do Instituto Goethe, discute os vínculos entre o futebol, a política e a literatura. Igor Cavaco é jornalista e trabalha na coluna A pelada como ela é publicada semanalmente no jornal O Globo.*

19h - Juan Pablo Villalobos.

Mediação: Toni Marques.

**Tema – Entranhas mexicanas**

*Como a literatura é capaz de retratar de modo belo o mundo do filho de um traficante mexicano.*

*Livro de estreia do mexicano Juan Pablo, “Festa no Covil” está sendo aclamado mundialmente, tendo sido publicado na Espanha, no Brasil (ed. Cia das Letras), na Grã-Bretanha, na Romênia, na Holanda e na Itália, entre outros países. A tradução inglesa foi finalista do prêmio de livro de estreia do jornal britânico “The Guardian”. A obra concilia todos os aspectos que fizeram da narcoliteratura um dos gêneros mais populares do mundo com um olhar intimista, quase psicanalítico, para as entranhas de uma das sociedades mais complexas do mundo. Villalobos, que atualmente mora em Campinas com sua mulher brasileira, acaba de lançar seu segundo romance na Espanha. Depois da entrevista, um menino ator lerá trechos da “Festa”, e Juan Pablo responderá a perguntas da plateia. Toni Marques é jornalista, escritor e curador da FLUPP.*

## 9 de novembro - sexta-feira

13h - Mesa com Bernardo Kucinski e Arnaldo Bloch.

Mediação: José Goldfarb.

**Tema – Memória coletiva, dor individual**

*Realidade e ficção de judeus brasileiros: marginalização, integração e poder. Bernardo Kucinski é jornalista, professor e escritor. Foi assessor da Presidência da República no primeiro mandato do Presidente Lula. Escreveu vários livros de não-ficção até se aventurar no romance “K”, no qual transpôs para a literatura a dura experiência vivida durante a ditadura militar, quando a repressão sumiu com sua irmã e seu cunhado. Arnaldo Bloch é escritor, jornalista e colunista do jornal “O Globo”. Entre outros títulos, publicou “Os Irmãos Karamabloch”, sobre a ascensão e a queda dos empreendimentos da família Bloch. Os Bloch são judeus ucranianos que chegaram ao Rio de Janeiro depois de enfrentar a opressão do czar, os horrores da Primeira Guerra Mundial e as arbitrariedades da Revolução de 1917. José Goldfarb é consultor do programa Rio, Uma Cidade de Leitores, da Secretaria Municipal de Educação, coordenador da RedeMis, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo e professor do Programa de Pós-Graduação em História da Ciência na PUC-SP.*

15h - Mesa com MC Swat, Najwan Darwish e Martin Jankowski.

Mediação: Toni Marques.

**Tema – Arte entre bombas, opressão e espões.**

*MC Swat é um rapper de Benghazi cujas canções embalaram a revolução líbia durante a surpreendente Primavera Árabe. Najwan Darwish é um poeta palestino, já traduzido para dez idiomas, e consultor literário do PalFest, o Festival de Literatura da Palestina. E Martin Jankowski, criado na cidade de Gotha, participou das manifestações que levaram à queda do Muro de Berlim nos anos 1980, em Leipzig, como cantor e poeta. Essa mesa explosiva vai provar que as circunstâncias mais duras não são suficientes para impedir a criação artística. Martin e Najwan lerão trechos de seus poemas, antes de responder a perguntas da plateia, com MC Swat.*

17h - João Ubaldo Ribeiro e Ana Maria Machado.

Mediação: Claudiney Ferreira.

**Tema – Viva a Academia Brasileira**

*Além de serem dois dos mais importantes escritores brasileiros em atividade, João Ubaldo Ribeiro e Ana Maria Machado são nomes altamente populares. Romances como “Viva o povo brasileiro” e “Menina bonita do laço de fita” já nasceram clássicos. A eleição de ambos para a Academia Brasileira de Letras faz parte de um processo de renovação de uma instituição que enfim procura dialogar com o povo, atraindo-o para dentro de suas dependências com uma programação mais dinâmica e procurando-o em locais que vão para além da Cidade Literária. Um exemplo da ampliação do campo de atuação da ABL é a parceria com a FLUPP, iniciada já na noite de abertura da FLUPP Pensa, que teve como autor convidado a presidente Ana Maria Machado. Os imortais Alberto da Costa e Silva e Cícero Sandroni falaram nas ações da FLUPP Pensa na Academia de Polícia Militar Dom João VI. Claudiney Ferreira é jornalista, radialista e produtor cultural. É gerente do Núcleo de Diálogos do Itaú Cultural.*

19h - Mesa com Paulo Scott e Luiz Ruffato.

Mediação: Marcelo Backes.

**Tema – Narrativa das Origens, as Origens da Narrativa.**

*A trajetória de vida na obra de dois dos maiores escritores brasileiros, que têm origens humildes.*

*Paulo Scott é poeta, contista e romancista (autor de, entre outros, “O Habitante Irreal”, ed. Alfaguara, e “Ainda Orangotangos”, ed. Bertrand Brasil, 2ª edição). Criado na periferia de Porto Alegre, o escritor gaúcho escreve com frequência sobre a questão racial, sempre pungente. “O Habitante Irreal”, sua obra mais recente, foi indicado para os principais prêmios literários deste ano. Luiz Ruffato é poeta, ensaísta e romancista, autor de “Eles Eram Muitos Cavalos” e da série “Inferno Provisório” (ambas publicadas pela ed. Record), tendo recebidos vários prêmios, como os da Associação Paulista de Crítico de Artes e Jabuti. Criado em Cataguases, o escritor mineiro fez uma espécie de escavação arqueológica no universo operário de sua cidade natal, cujo desenvolvimento esteve ligado às indústrias têxteis até a quebradeira generalizada no início da década de 1990. “Eles Eram Muitos Cavalos” foi considerado o livro da década passada por críticos ligados ao jornal O Globo. Marcelo Backes é tradutor e escritor, autor de, entre outros, “Três Traidores e Uns Outros” e “Maisquememória”, ambos publicados pela editora Record), e “Lazarus über Sich Selbst” (Peter Lang Verlag).*

## 10 de novembro - sábado

11h - Bernardo Vilhena e Carlito Azevedo.

Mediação: Heloisa Buarque de Hollanda

**Tema – Poesia sempre**

*Tão importante quanto os poetas na mesa será a mediação de Heloísa Buarque de Hollanda, que teve um papel fundamental na carreira tanto de Bernardo Vilhena quanto de Carlito Azevedo. Além de ter sido a primeira editora oficial a publicar um livro com os poetas da chamada poesia marginal, sua tese de doutorado, “Impressões de viagem”, foi o primeiro estudo acadêmico sobre a geração de poetas de que Bernardo Vilhena é um dos principais expoentes. A sempre atenta professora de literatura também incluiu Carlito Azevedo na*

igualmente ruidosa antologia “Esses poetas”, em que reuniu os poetas mais expressivos da década de 1990. Bernardo Vilhena se tornou um dos poetas mais populares do Brasil, principalmente depois que migrou para as letras de música. Carlito Azevedo, cuja importância pode ser medida pelo Jabuti ganho já em seu primeiro livro, é também um importante editor. Heloísa Buarque de Hollanda é professora, editora e uma das criadoras da FLUPP.

13h - Mesa com Manuel Vilas e Patrícia Portela.

Mediação: Leonardo Villa-Forte.

**Tema – Escrever é misturar, ou letras carnavalizadas.**

A literatura do século XXI como cruzamento de referências, renovação de formatos e confluência de gêneros. Manuel Vilas, espanhol, é poeta e ficcionista, autor de “Los Inmortales” e “España (ambos publicados pela ed. Alfaguara). Patrícia Portela, portuguesa, é ficcionista, dramaturga e diretora de teatro, autora de, entre outros, “Para Cima e Não para o Norte” e “Odília” (ambos publicados pela ed. Leya). Leonardo Villa-Forte é escritor e tradutor. Criou o projeto MixLit, de mixagens literárias.

15h - Allan da Rosa e Kei Miller.

Mediação: Heloisa Buarque de Hollanda.

**Tema – Poesia falada**

A vanguarda está devolvendo a poesia para seu lugar de origem – a praça pública, o sarau, a performance por intermédio da qual o poeta pode confraternizar-se com um leitor real, cujas reações podem ser mensuradas ali mesmo, sem nenhuma mediação. No Rio de Janeiro em particular, a cena do sarau vem se tornando tão presente que hoje se pode vê-lo, e desfrutá-lo, em lugares remotos como São Gonçalo, Baixada Fluminense e Ipanema, claro. Não é diferente em outros locais do mundo, como a Kingston de Kei Miller. Literalmente uma das vozes mais expressivas do Caribe, Kei Miller é também um performer, apresentando seus poemas sempre de forma surpreendente e tocante. Tem livre trânsito no Reino Unido e dirige o programa de Oficina Literária da Universidade de Glasgow, na Escócia. Allan da Rosa, um morador da periferia paulista que se recusou a abraçar a carreira de office-boy que lhe foi oferecida, é capoeirista, educador, editor, escritor e poeta. Está no olho do furacão dos saraus que tomaram de assalto a periferia de São Paulo. Kei e Allan lerão poemas antes de responderem a perguntas da plateia.

17h - Palestra: Ferreira Gullar.

Mediação: Miguel Conde.

**Tema – O Brasil dos meus poemas.**

Ferreira Gullar é o maior poeta brasileiro contemporâneo. É também dramaturgo, ensaísta e crítico de arte e colunista do jornal “Folha de São Paulo”. Foi presidente do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes, que no início da década de 1960 inspirou uma geração de artistas engajados como Cacá Diegues e Sérgio Ricardo a procurar as comunidades populares do Rio de Janeiro com espetáculos transformadores. Sua militância o obrigou a se exilar no início da década de 1970, no auge da ditadura militar. Recebeu, entre outros prêmios, o Jabuti e o Camões. Seus livros foram traduzidos em vários países. Miguel Conde é jornalista e curador da FLIP – a Festa Literária Internacional de Paraty.

19h - Mesa com João Ricardo Pedro, Nuno Camarneiro, Sandro William Junqueira e Patrícia Reis.

**Tema – Uma mesa portuguesa com certeza**

Esta mesa é o marco inaugural, no campo da literatura, do Ano de Portugal no Brasil. Esses autores farão em seguida um tour pelo Brasil. Cada integrante lerá um texto curto sobre o seguinte assunto: o que faz de mim um escritor português? E uns comentarão o texto dos outros. João Ricardo Pedro, engenheiro de formação, é vencedor do Prêmio Leya de 2012, pelo romance “O Teu Rosto será Sempre o Último” (ed. Leya). Nuno Camarneiro, também engenheiro, é autor de “No Meu Peito não Cabem Pássaros” (ed. Leya) e de micronarrativas. Sandro William Junqueira é poeta, contista, encenador e ator, autor de, entre outros, “Um Piano para Cavalos Altos” (ed. Leya). Patrícia Reis é jornalista e escritora, autor de, entre outros, do romance fotográfico “Beija-me”, com João Vilhena (ed. Dom Quixote), e “Antes de Ser Feliz” (ed. Leya).

## 11 de novembro - domingo

11h - Mesa com Elisa Lucinda e Raphael Draccon.

Mediação: Felipe Pena.

### **Tema: O neoleitor**

*A nova classe média brasileira se tornou a Meca de todas as indústrias, inclusive a cultural. A entrada de milhões de brasileiros no mercado consumidor atçou a imaginação dos produtores de commodities, dos vendedores de sonhos, dos fabricantes de gadgets. E no mercado editorial? Que diferença esses neoconsumidores representam? Dois dos autores brasileiros mais populares, o escritor Raphael Draccon e a artista multimídia Elisa Lucinda conversarão sobre uma literatura popular, capaz de falar para o coração de milhões de pessoas. Felipe Pena é jornalista, escritor e editor da antologia Geração Subzero. Autor, entre outros, de “Fábrica de Diplomas” (ed. Sette Letras) e “O Verso do Cartão de Embarque” (ed. Record).*

13h - Mesa com Étienne Lécroart e Olivier Martin.

Mediação: Lobo.

### **Tema – Narrativas colaborativas.**

*O OuBaPo, obras de histórias em quadrinhos sob restrições, foi fundado em 1992 por um grupo de quadrinistas franceses mais preocupados na HQ como arte, que gravitavam em torno da editora L’Association. O movimento se vale de parâmetros formais que ao mesmo tempo dificultam e libertam o trabalho da narrativa. Étienne Lécroart é um dos criadores dessa linguagem que subverte os sentidos da leitura, capaz de transformar o desenho num origami ou mesmo num palíndromo gráfico. Outro mestre do OuBaPo, Olivier Martin é parceiro de vários autores brasileiros de HQ, com os quais está dividindo um livro resultante de sessões de improviso em que o público pode interferir. Sandro Lobo, ou Lobo, é editor de histórias em quadrinhos e um dos criadores da RioComicon. Esta mesa tem o apoio da Maison de France e do Consulado Francês.*

15h – Francisco Bosco e Luiz Eduardo Soares.

Mediação: Marta Porto.

### **Tema – O saber e a sabedoria**

*Os participantes desta mesa são dois eruditos com fortes vínculos com a sabedoria popular, suas expressões mais autênticas. Francisco Bosco é doutor em teoria da literatura, com tese sobre Roland Barthes. Luiz Eduardo Soares, um dos antropólogos mais brilhantes do país, tem uma longa militância na vida acadêmica. Luiz Eduardo é um dos autores de “Elite da Tropa” e “Cabeça de Porco”, para citar apenas dois dos seus livros que caíram no gosto popular. E Francisco Bosco, filho e parceiro de um dos cantores mais amados do Brasil, é um dos letristas mais solicitados da nova MPB. Marta Porto é ensaísta e consultora. Entre outros cargos, foi coordenadora do escritório regional da Unesco no Rio de Janeiro e diretora do Departamento de Cultura e Planejamento e coordenadora cultural da Secretaria Municipal de Cultura de Belo Horizonte.*

17h – Mesa com Naomi Alderman e Simone Campos.

Mediação: Toni Marques.

### **Tema – Videogame e literatura.**

*Sendo as favelas cariocas dotadas de lan houses, e os jogos eletrônicos cada vez mais acessíveis ao dono de um telefone celular, a mesa mostrará como se casam técnicas de games e literárias, para proveito de ambos. Simone Campos é escritora, tradutora e editora. Estreou na literatura aos 17 anos, com o romance “No Shopping” (ed. Sette Letras). “Amostragem Completa”, seu primeiro livro de contos, foi patrocinado pela Petrobras Cultural. O patrocínio foi concedido também para o livro interativo “Owned – Um Novo Jogador”, disponível online e em papel. Naomi Alderman é romancista e autora de games. Entre outros prêmios, recebeu o prestigiado Orange para novos autores. Foi autora-chefe do jogo de realidade alternativa “Perplex City”, finalista do Prêmio da Academia Britânica de Cinema e Televisão. Escreveu games online para a BBC e a editora Penguin, entre outros. Seu terceiro romance, “The Liar’s Gospel”, foi publicado este ano.*

19h – Mesa com João Emanuel Carneiro.

Mediação: Cris dos Prazeres

**Tema – Classe C de Cultura.**

“Avenida Brasil” parou o país ao longo dos meses em que esteve no ar. Seu sucesso chegou a um ponto tal que os produtores culturais passaram a marcar seus eventos para depois da novela. Mais do que conquistar índices de audiência espetaculares, o roteirista João Emanuel Carneiro colocou na telinha da Globo um Brasil que sempre sabemos que existe, mas do qual só nos permitíamos falar por intermédio da caricatura, desdenhando-o. Foi um marco que garantiu um lugar na história para o também co-roteirista de “Central do Brasil” como o autor da primeira telenovela a falar de/com a nova classe média. Cris dos Prazeres é uma das principais lideranças do Morro dos Prazeres e adorou “Avenida Brasil”.

- 2013 :: FLUPP - VIGÁRIO GERAL  
HOMENAGEM A WALY SALOMÃO  
(Disponível em <http://www.cultura.rj.gov.br/evento/2a-festa-literaria-das-periferias-flupp>)

Ministério da Cultura, Governo do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, BNDES e Petrobras apresentam



**20 de novembro - quarta-feira**

- 15h30 - Mesa com Omar Salomão, Antonio Cícero, Jards Macalé e Claudiney Ferreira
- 17h - Homenagem Flupp 20 anos do AfroReggae
- 17h15 - Mesa com Ana Maria Machado: Saudação ao evento
- 17h45 - Mesa com Jorge Mautner, Antonio Carlos Miguel
- 18h45 - Entrada Triunfal: Tambor Waly Salomão
- 19h45 - Cia Makala Música & Dança
- 20h30 - Sarau: Uma noite na taverna
- 21h10 - Sanny Pitbull + Favela Beat

**21 de novembro - quinta-feira**

- 14h - Mesa com Regina Dalcastagné e Leaticia Jensen Eble
- 16h - Mesa com João Máximo, Muniz Sodré e Aydano André Motta
- 18h - Mesa com Jean Yves Loude, Roberta Estrela e José Luiz Goldfarb
- 20h - Sarau BNDES e Sarau FIRJAN

## 22 de novembro - sexta-feira

- 11h - Mesa com Pablo Capilé, Junior Perim e Écio Salles
- 14h - Mesa com Dea Loher, Jasmim Ramandan e Johannes Kretschmer
- 16h - Mesa com David Linger, Luiz Camillo Osório e Daniela Name
- 18h - Mesa com Biyi Mandele, Ricardo Aleixo e Teresa Salgado
- 20h - Sarau BNDES, Sarau da Flizo e Sarau Solano Trindade
- 20h45 - Afro Samba

## 23 de novembro - sábado

- 11h - Mesa com Paradise & Diverse, Suhrab Sirat e Toni Marques
- 14h - Mesa com Hassan Blasim, Tamim Al Bargouth e Mamede Mustafá Jarouch
- 16h - Mesa com Agustín Mallo, Reinaldo Moraes e Rodrigo Fonseca
- 18h - Mesa com Ana Maria Gonçalves, Bernardine Evaristo e Flavia Oliveira
- 20h - Sarau BNDES e Sarau da FLUPP - Lançamento do livro digital
- 20h45 - Banda AfroReggae

## 24 de novembro - domingo

- 11h - Mesa com Zuenir Ventura, José Junior e Luiz Eduardo Soares
- 14h - Mesa com Julie Maroh e João do Corujão
- 16h - Mesa com Nélide Piñon e Heloisa Buarque de Hollanda
- 18h30 - Tramas: Happening da coleção Tramas Urbanas
- 20h - Sarau BNDES - Jorge Salomão apresenta: Sarau Tropicalista
- 20h45 - 143 Band

- 2014 :: FLUPP – MANGUEIRA  
HOMENAGEM A ABDIAS DO NASCIMENTO  
(Disponível em <https://vejario.abril.com.br/cidades/flupp-programacao-completa/>)



## 12 de novembro - quarta-feira

- 14h - Mesa com Chibundu Ozuno (Nigéria) e Leonora Miano (Camarões)  
Mediação: Aparecida Salgueiro  
**Tema – O Amor nos Tempos do Ebola**

*A consagrada romancista camaronesa Leonora Miano acabou de organizar uma antologia em que 10 autores negros escrevem textos sobre sua primeira noite de amor. A nigeriana Chibundu Onuzo fez uma grande reflexão sobre a paixão em seu festejado romance de estreia, uma transposição do clássico Romeu e Julieta para a caótica Lagos contemporânea. Como construir um discurso amoroso em uma época em que o outro, de que o africano é uma encarnação perfeita, voltou a ser uma ameaça veiculada diariamente na grande mídia?*

14h/18h - Takeaway Poems

Local: Tenda Oriquis

**Tema – Poemas para viagem**

*Sessão de poesia inspirada no projeto Poetry Takeaway, em que poeta britânica Hannah Walker convida grupo de poetas para fazer poemas de acordo com desejo de um “cliente” faminto de poesia. Os poetas têm no máximo quinze minutos para atender cada pedido. Quase todos os participantes do Rio Slam Poetry estarão lá para servi-lo durante quatro horas.*

16h - Comemorativo: Mulheres da Mangueira

*A mulher tem um papel fundamental nas comunidades populares e homenagear essas guerreiras que na prática estão subvertendo as questões de gênero no Brasil seria uma obrigação moral, que este ano, no entanto ganhou uma dimensão mais lúdica porque a Estação Primeira de Mangueira chegará à Sapucaí com um samba cujo enredo são as herdeiras de Dona Zica e Dona Neuma. Cantemos juntos este samba, que já está na boca do povo. E salvem as mulheres de Mangueira.*

17h - Prêmio Carolina de Jesus

*Primeira edição do prêmio com que a FLUPP pretende homenagear as pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela literatura.*

18h - Comemorativo: Centenário Abdias do Nascimento

*Conferência de Elisa Larkin sobre Abdias Nascimento, o grande homenageado da terceira edição da FLUPP. Abdias Nascimento tem uma obra vasta e plural, com passagens pelas artes plásticas, pela literatura e pelo teatro. Mas antes de tudo foi um militante da causa negra, cujas bases ele ajudou a criar no Brasil. Elisa Larkin, sua última esposa, é mantenedora de seu acervo, concentrado no Ipeafro. Fez tudo que estava a seu alcance para que o centenário de seu nascimento fosse lembrado e celebrado com uma grandeza compatível com o seu legado.*

18h - Comemorativo: Dia Mundial do Hip Hop: Vinicius Terra | FAU 021 (BRASIL/RJ)

*Quis o destino que a abertura da FLUPP coincidissem com o dia mundial do hip-hop. Homenagem terá início com o rap lusófono de Vinicius Terra, que se tornou parceiro da FLUPP desde nossa passagem pela Bahia, em maio de deste ano. Depois será a vez do rapper francês D’ de Kabal, que chega ao Rio de Janeiro com seu DJ Franco Mannara.*

21h - Show D’de Kabal: Tenda Quilombismo

*Show com um dos mais inventivos e prolíficos rappers franceses, acompanhado de seu DJ Franco Mannara. Letras cortantes sobre todos os degredados da sociedade francesa, a vigorosa performance aprimorada em anos de teatro e a cavernosa voz que distingue suas interpretações mesmo quando se apresenta com lendas vivas do rap, como o grupo Assassin, com o qual trabalhou durante dois anos. É um show total de um artista que tem na palavra seu principal instrumento de trabalho, mas que a suporta com uma estética que ele chama de N.O.T.R.A.P – New Oral Tradition, Rythm And Poetry.*

### 13 de novembro - quinta-feira

14h - Mesa com Sérgio Sá Leitão (Brasil), Denis Merklen (França) e Carlos Sandoval (Costa Rica)

Mediação: Claudiney Ferreira

**Tema – Livros Incendiários**

*A juventude da periferia das grandes cidades oscila entre a indiferença aos livros e o ódio a equipamentos públicos, como as mediateques eventualmente incendiadas pelos manifestantes dos riots franceses. O sociólogo francês Denis Merklen, o comunicólogo costarriquenho Carlos Sandoval e o secretário municipal de Cultura Sérgio Sá Leitão discutem alternativas para fazer com que os jovens da periferia vejam no livro o instigante instrumento de mobilidade social que ele vem sendo desde que Gutenberg imprimiu a primeira Bíblia.*

15h/17h30 - Oficina British Council – Hannah Walker

Local: Sala de vídeo

**Tema – Levo o seu coração comigo**

*A poeta britânica Hannah Walker convida você para escrever poemas de amor de uma forma diferente. Explore a originalidade da sua escrita e reinvente o poema de amor, buscando a forma única que só você possui de dizer o que sente. Os poemas serão criados para diversos formatos, de cartas convencionais a posts do Facebook!*

15h30/17h30 - Oficina British Council – Chibundu Onuzo

Local: Sala Sankofinha

*Oficina de escrita criativa com a romancista nigeriana Chibundu Onuzo, uma das maiores revelações jovens dos últimos tempos no Reino Unido. Duas sessões de duas horas.*

16h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Quilombismo

*Primeira competição Internacional de poesia falada na América Latina. Com curadoria da atriz e slammer Roberta Estrela D'Alva, o I RAP reunirá poetas de 16 países, um deles brasileiro. Será uma verdadeira babel, com poemas nas seis línguas mais populares do Ocidente e narrativas oriundas de realidades distintas como México, Costa do Marfim e Alemanha. A curadoria também tem a preocupação de mostrar a diversidade do mundo, convidando poetas de sexo, cores, faixas etárias e mesmo credos diferentes.*

**Eliminatória do Grupo A**

Samuel Borges (Brasil)

Laura Sam (Espanha)

Atilola Moronfolu (Nigéria)

Daniël Vis (Holanda)

18h - Mesa com Ailton Krenak (Brasil/BH), Edson Caiapó (Brasil/BA) e Graça Graúna (Brasil/PE)

Mediação: Anna Dantes

Local: Tenda Quilombismo

**Tema – Todos somos índios, exceto quem não é índio**

*Proteger os povos da floresta é muito mais do que uma questão política, de respeito à existência de um outro que muitas vezes é salvo da extinção restringindo-o a uma jaula no zoológico. Krenak, Kayapó e Graúna mostrarão nesta mesa que proteger os povos indígenas é a única saída de que dispomos nessa desesperada corrida contra o tempo, para que o homem se salve de si mesmo.*

19h30 - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Quilombismo

**Eliminatória do Grupo B**

Keith Jarett (Inglaterra)

Sagrado Sebakis (Argentina)

Wolf Hoge Kamp (Alemanha)

Youness Mernissi (Bélgica)

**14 de novembro - sexta-feira**

14h - Mesa com Enrique Coimbra (Brasil/RJ), Felipe Boaventura (Brasil/RJ) e Raquel Oliveira (Brasil/RJ)

Mediação: Roberto Tonani

**Tema – Clandestinos da Palavra**

*Você nunca deve ter ouvido falar nem de Enrique Coimbra, nem de Felipe Boaventura nem de Raquel Oliveira. Você não sabe o que está perdendo ao não acompanhar a vigorosa e diversificada cena literária da periferia, de que eles são a ponta de um iceberg que a FLUPP se orgulha de ter identificado antes de geral. Enrique (sem h, como ele faz questão de ressaltar ao se apresentar) faz uma narrativa gay com pitadas de fantasia que vai deixá-lo perturbado; Raquel está permanentemente borrando a maquiagem com a história (real) de um amor bandido em plena guerra da Rocinha; e Felipe é um sniper da palavra. Fica esperto. Se não você perde seu Titanic.*

15h30/17h30 - Oficina British Council – Chibundu Onuzo

Local: Sala Sankofinha

*Oficina de escrita criativa com a romancista nigeriana Chibundu Onuzo, uma das maiores revelações jovens dos últimos tempos no Reino Unido.*

16h - Rio Poetry Slam

**Eliminatória do Grupo C**

Alexandre Diaphra (Portugal)

Hazel Brugger (Suíça)

Marta Quiñones (Colômbia)

Tahani Saleh (EUA)

18h/20h - Oficina British Council – Chris Redmond

Local: Sala Sankofinha

**Tema – A Luz pela Fresta e a Panela no Fogo – Escrevendo com os Sentidos**

*Oficina de escrita criativa que explorará as possibilidades da poesia falada pelo viés dos sentidos. Transformará o mundo que nos cerca em matéria de poesia. Dividida em dois dias, utilizará técnicas de escrita criativa, com práticas individuais e em grupo. Oficinas culminarão com performance pocket em que os participantes serão filmados, para criação de videopoemas.*

18h - Mesa com Hannah Walker – Performance poética

**Tema – I wish I was lonely**

*Show interativo sobre a era do Facebook, no qual a plateia é convidada a deixar seus celulares ligados para que a poeta e performer Hannah Walker a aborde com poemas e reflexões sobre uma época em que todos nós somos fiéis servidores do Deus que trazemos em nossos bolsos.*

19h - Lançamento de livro Teatro Hip Hop – A performance poética do ator – MC

*Curadora do I Rio Poetry Slam, a atriz e slammer Roberta Estrela D’Alva lança seu primeiro livro. Com performance do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos*

19h30 - Rio Poetry Slam

**Eliminatória Grupo D**

Zak’Olili (Costa do Marfim)

Commikk MG (México)

D’ de Kabal (França)

Dome Bulfaro (Itália)

**15 de novembro - sábado**

14h - Mesa com Agência de Redes Juventude – Hanier Ferrer e Raquel Spinelli, ESPOCC – Edu Alves e Valnei Succo e Universidade das Quebradas – Numa Ciro e Renata Codagan.

Mediação: Ecio Salles

**Tema – Plataforma Petrobrás das Periferias (Brasil/RJ)**

*Diversos projetos sociais estão redesenhando a cartografia sociocultural da cidade, dando rede e visibilidade a novos atores sociais. A Petrobrás os mapeou e os apoiou, servindo como plataforma para que emergisse uma riqueza muito maior do que a do petróleo. Fazemos juntos essa incursão por uma periferia renovada pelas políticas públicas da última década.*

14h/16h - Oficina British Council – Keith Jarrett

Local: Sala Sankofinha

**Tema – Um microfone para os meus devires**

*O poeta londrino Keith Jarrett irá explorar a possibilidade de nos transformarmos em objetos, em outras pessoas e em lugares utilizando o poder das palavras. Durante as duas sessões, os participantes irão criar seus poemas e aprender diferentes técnicas de performance para dizê-los em público, de maneira criativa e divertida. Ao final das sessões, haverá espaço para compartilhar os poemas e também para testar performances em grupo. Quinze vagas.*

16h - Rio Poetry Slam

**Semifinal**

1º do Grupo A

1º do Grupo B

2º do Grupo C

2º do Grupo D

18h - Mesa com Koffi Kwahulé (Costa do Marfim) e Velibor Colić (Bósnia)

Mediação: Rodrigo Fonseca

Local: Tenda Quilombismo

**Tema – “Uma jam session em Paris”**

*A densa obra do romancista bósnio Velibor Čolić faz interseção com a cruel dramaturgia do escritor marfinense Koffi Kwahulé na França, país que além de tê-los acolhido em um momento crucial de ambas as trajetórias foi a plataforma na qual o jazz, de que os dois se utilizam como metáfora para entender a condição humana e a sua própria condição de estrangeiros, se afirmou como gênero musical de qualidade.*

19h45 - Rio Poetry Slam

**Semifinal**

1º do Grupo C

1º do Grupo D

2º do Grupo A

2º do Grupo B

21h15 - Performance poética com Chris Redmond e Batuque Favela Mangueira (Brasil/RJ)

**Tema – Tong Fu (Inglaterra)**

*Um dos shows mais festejados da poderosa cena de poesia falada de Londres, criado em 2007 pelo poeta Chris Redmond. É um turbilhão multimídia, que entorna no mesmo caldeirão poesia, música, projeções audiovisuais e o típico humor inglês. O improviso é um elemento fundamental dessa experiência sempre surpreendente, que leva a plateia do riso às lágrimas de um número para outro. Sempre tem um convidado especial do naipe de uma Kate Tempest, Lemn Sissay, Roger McGough, Scroobius Pip, Salena Godden e Robin Ince, entre outros. Na Mangueira, Chris Redmond vai ter o auxílio luxuoso do Batuque Favela, grupo criado pelo músico Vadinho Freire.*

**16 de novembro – domingo**

14h - Mesa com Anna Dantes (Brasil/AC), Alexandre Quinet (Brasil/AC) e AyaniHuni Kuin (Brasil/AC)

Mediação: Leonardo Lichote

Local: Tenda Quilombismo

**Tema – Mesa Livro Vivo**

A editora Anna Dantes, o botânico Alexandre Quinet e a indígena Ayani Kuni Kuin tiveram suas vidas transformadas durante o processo de edição do livro *Una Isi Kayawa – Livro da Cura Huni Kuî do Rio Jordão*. A obra, idealizada, pelo pai de Ayani, o pajé Agostinho Manduca Mateus Ika Muru, transpõe para o papel a secular cultura medicinal do povo Kuni Kuin, o grupo indígena mais numeroso do Acre, com 7 mil indivíduos. O povo Kuni Kuin, também conhecido como Kaxinawá, não separa a ciência da religião. A mesa começará com cantos que envolvem a aplicação das ervas descritas no livro.

14h/16h - Oficina British Council – Keith Jarrett

Local : Sala Sankofinha

**Tema – Um microfone para os meus devires**

No workshop “Um microfone para os meus devires”, o poeta londrino Keith Jarrett irá explorar a possibilidade de nos transformarmos em objetos, em outras pessoas e em lugares utilizando o poder das palavras. Durante as duas sessões, os participantes irão criar seus poemas e aprender diferentes técnicas de performance para dizê-los em público, de maneira criativa e divertida. Ao final das sessões, haverá espaço para compartilhar os poemas e também para testar performances em grupo. Quinze vagas.

16h - Mesa com Toni Blackman (EUA) e D’de Kabal (França)

Mediação: Yasmin Thayná

**Tema – “Um oceano de palavras”**

A palavra falada é o grande tema da FLUPP deste ano, que não à toa este ano homenageia Abdias Nascimento, uma das maiores lideranças negras de nossa história. O rap com que artistas como Toni Blackman e D’ de Kabal metralham nossas consciências entorpecidas faz parte de uma linha evolutiva que nos remete aos griots, passa pelas work-songs das plantations norte-americanas e não terminam no nosso partido alto. Cantemos juntos, não importa o mar em que tenhamos desembocado.

18h - Slam BNDES – Preliminar do Rio Poetry SLAM

Quatro slammers fazem final de processo que percorreu quatro escolas parceiras da Flupp. Terá poetas (dois de cada) de oito saraus da região metropolitana do Rio de Janeiro. Ação tem como objetivo difundir conceito e formato do slam para poetas brasileiros e o leitor jovem.

19h30 - Rio Poetry Slam

**Final**

1º do Grupo E

1º do Grupo F

2º do Grupo E

2º do Grupo F

21h - Show Batuke Favela

Show de banda liderada pelo cantor e compositor Vadinho Freire, músico com estreitas ligações com a escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Ainda que seus integrantes tenham um pé firmemente fincado na tradição da comunidade em que moram (Neném do Chalé é neto de Pandeirinho, um dos criadores da ala de compositores da escola), samba do Batuke Favela traz influências do jazz, rock e soul.

22h - Toni Blackman

Toni Blackman é uma rapper conhecida pela energia irresistível e contagiante de suas apresentações. Ela é toda coração, toda ritmo, toda canção, a própria revolução da poesia e do microfone pregada pelo movimento hip-hop. Sua incansável militância levou o governo Obama a transformá-la na primeira rapper especialista em cultura americana, viajando por países como Senegal, Gana, Botswana e Suazilândia para fazer workshops e palestras sobre a cultura e a música hip hop. Já se apresentou com lendas vivas como Linton Kwesi Johnson, Craig Harris e James “Blood” Ulmer.

- 2015 :: FLUPP - BABILÔNIA/CHAPÉU MANGUEIRA  
HOMENAGEM A NISE DA SILVEIRA

(Disponível em <http://www.cultura.rj.gov.br/evento/confira-a-programacao-da-flupp-2015>)



### 3 de novembro - terça-feira

#### 12h - Revoada de balões

*Repetição da poética cena do ano passado, em que a FLUPP foi aberta com uma revoada de balões com poemas/textos de Abdias Nascimento. Este ano, os balões vão subir com poemas representativos de 50 saraus cariocas, principalmente os da periferia. A revoada de balões da FLUPP foi inspirada em uma ação semelhante organizada anualmente pelo poeta Sérgio Vaz, do sarau Cooperifa.*

#### 18h - Anfitriões

*Atores do grupo Nós do Morro irão recepcionar o público da tarde/noite de abertura da FLUPP com poemas representativos dos principais saraus do Rio de Janeiro, os mesmos usados na revoada de balões. Em vez de boa-noite, um soneto do Rodrigo Santos, de Uma Noite na Taverna. No lugar de bem-vindo, uma ode de Luiz Fernando Pinto, do Sarau do Escritório. Se for preciso, eles recorrerão a uma deliciosa rima de Chacal para que todos saibam que os saraus são cariocas da gema, da clara, da casca e, claro, da galinha.*

#### 18h – Paginário

*Projeto de Leonardo Villa-Forte e Rodrigo Lopes que homenageia na FLUPP a psiquiatra Nise da Silveira. Páginas de livros da autora serão reproduzidas e coladas no portal de acesso à comunidade, oferecendo ao público uma nova forma de interagir com a obra, criando um espaço de leitura coletivo. O que de longe é um mosaico visual, de perto se torna pura literatura.*

#### 19h - Solenidade de abertura

*Parceiros, patrocinadores, autoridades, representantes dos moradores e organizadores dão as boas-vindas tanto ao evento quanto ao público.*

#### 19h15 - Santini canta Nise da Silveira

*Leitura teatralizada do cordel escrito em homenagem à psiquiatra alagoana Nise da Silveira. Folheto foi produzido pelo poeta pernambucano Edmilson Santini, radicado no Rio de Janeiro desde o início da década de 1980. Uma das especialidades do ator/autor é fazer biografias de personagens marcantes de nossa história, como Oswaldo Cruz e Paulo Freire. Recorrer à literatura de cordel é uma forma de lembrar a faceta nordestina da criadora do Museu do Inconsciente.*

#### 19h45 - Caxias lê Nise da Silveira

*Um dos grandes momentos da FLUPP Pensa foi a passagem pela Escola Municipal Nossa Senhora do Pilar, em Caxias, onde pudemos trocar experiências com o avançado projeto de leitura coordenado pela professora Izabel Lopes. Parte da gincana literária que realizamos no Olaria foi inspirada nas práticas dessa escola, que organizou ela própria uma gincana inteiramente voltada para nossa autora homenageada. Aqui, os melhores momentos da leitura que as crianças e adolescentes de Caxias fizeram da obra da psiquiatra alagoana.*

#### 20h - Mesa com Luiz Carlos Mello e Gladys Schincariol

**Tema – A Emoção de Lidar**

*Na Conferência de Abertura da FLUPP, Luiz Carlos Mello e Gladys Schincariol - respectivamente, Diretor/Curador e Coordenadora do Museu de Imagens do Inconsciente - falam da autora homenageada deste ano, Nise da Silveira. Luiz, que é autor de uma bela biografia ilustrada sobre Nise, e Gladys trazem a contribuição de quem conhece a obra, cuida do legado e, sobretudo, conviveu com esta mulher notável, que transformou a história da Psiquiatria no Brasil.*

**E mais:** Para além do grafite

**Local:** ao ar livre pelas ruas da Babilônia/Chapéu Mangueira

*Os artistas plásticos suíços Raphael Borer e Carl Rudolf Meins estão reinventando a arte de rua, criando verdadeiras exposições ao ar livre com uma pintura igualmente bela e abstrata. Seu traço suave e geométrico deu uma nova dimensão às paredes de favelas, criando uma atmosfera clean que vai na contramão da agressiva estética em geral associada ao grafite. Desde que tiveram o primeiro contato com o trabalho desses artistas suíços pelo site, os moradores demonstraram curiosidade e interesse não somente em ter essas obras em suas paredes, mas de aprender suas técnicas. Esse projeto foi financiado em sua totalidade pelo Consulado Suíço do Rio de Janeiro.*

**4 de novembro - quarta-feira**

9h/10h - Maratona de Histórias Cariocas

**Local:** Mandala Jung e Mandala Spinoza

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Mangueira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).*

12h/13h - Poemas para viagem

**Local:** Espaço Casa das Palmeiras

*Repetição da cena realizada no dia de abertura da FLUPP 2014, quando poetas que participaram de nossa festa escreveram poemas de acordo com desejo do público. Ação foi sugerida pela poeta britânica Hannah Walker, integrante de um coletivo em Londres que realiza um evento chamado The Poetry Take Away. Poemas para viagem foi incorporado ao repertório da FLUPP, tendo se repetido mensalmente na Feira do Lavradio, na Lapa, no entorno da banca Poeme-se. Os poetas da FLUPP 2015 almoçarão sempre juntos. De modo que bar-restaurant que nos acolher possa oferecer alimento espiritual e material para nosso público.*

14h/15h30 - Mesa com Caryl Férey e Ronny Someck

**Mediação:** Julio Ludemir

**Tema – A vida pulsa nas ruas**

*Violência urbana, políticos corruptos, regimes autoritários e democracias repletas de adjetivos castradores, desigualdade e injustiça social são temas recorrentes nas obras do romancista francês Caryl Férey e do poeta israelense Ronny Someck, ambos em sua primeira viagem ao Brasil. Caryl Férey, cujo romance Zulu chega ao Brasil no momento em que o livro está sendo transposto para o cinema, capturou a alma de uma das maiores favelas da África do Sul, onde uma perversa rede de políticos e empresários usa gangs de rua para testar uma nova droga na população pobre. Traduzido em várias línguas, Ronny Someck, que trabalhou com crianças de rua e ministra regularmente oficinas de escrita criativa, traz na sua poesia um sabor local e universal, levando elementos da vida cotidiana misturada com grandes questões políticas.*

14h - Maratona de Histórias Cariocas

**Local:** Mandala Jung e Mandala Spinoza

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada*

simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Manguieira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).

16h - Rio Poetry Slam

**Eliminatórias do Grupo A**

João Paiva (Brasil)  
Salva Soler (Espanha)  
Elisângela Rita (Angola)  
Daan Doesborg (Holanda)

17h30 - Rio Poetry Slam

**Eliminatórias do Grupo B**

Joelle Taylor (Inglaterra)  
Mána (Argentina)  
Bumillo (Alemanha)  
Weronika Lewandowska (Polônia)

19h - Imagens do Inconsciente

Local: Mandala Afeto Catalisador (Estúdio Vertical)

*Exibição da trilogia Imagens do Inconsciente, dirigido pelo cineasta Leon Hirszman. Cada dia um episódio da trilogia.*

19h30h - Mesa com Glenn Greenwald

Mediação: Gabriel Priolli

**Tema – Quebra de código**

*O caso Snowden é um dos raros momentos do jornalismo que coloca em questão não apenas um governo, mas uma sociedade inteira, o próprio tempo em que vivemos. Quando descriptografou o monstro que hibernava na Casa Branca, o jornalista norte-americano Glenn Greenwald não hackeou apenas o código da Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos, mas quebrou o código de tudo o que sempre moveu o mundo ocidental tal como ele começou a se configurar depois da Revolução Burguesa. Terminava ali toda e qualquer possibilidade de privacidade, das famosas liberdades individuais, a própria crença no estado de direito, de uma governança que nos represente, que seja merecedora de nossos votos. Esse momento também coincide com o ocaso do jornalismo - e não à toa hoje Greenwald criou seu próprio meio, a partir do qual pode operar com a independência indispensável àquilo que num determinado momento de sua história chegou a ser chamado de quarto poder.*

22h - Antígona Recortada

Local: Tenda Mandalas (Espaço Cultural Jardim Suspenso)

*O texto da lenda urbana Antígona Recortada, livre inspiração na tragédia grega original Antígona, é um grande poema de ações dramáticas que resultou em um espetáculo que se utiliza do spoken word (poesia falada) como linguagem. Brotou em mim como um levante; como um canto de liberdade sobre a infância destituída e sempre via, sonhando acordada, esta laje como cartografia ideal para sediar a obra. Agora aqui estamos pousando nossas utopias! Assim, fazer este espetáculo aqui, dentro de um morro, no Rio de Janeiro, é fazê-lo voltar para casa; para as ruas onde ele nasceu vislumbre de imaginário; para esse morro de vielas que abriga em seus becos e recantos tanta diversidade; que experimenta - contraditório cotidiano - tanta vida e tanta morte em suas camadas. Daqui vieram as palavras que posei mundo afora feito fosse um olhar, varrendo e limpando com suas lágrimas...*

*Claudia Schapira, dramaturga e diretora.*

22h - FLUPP SLAM BNDES – Em cena, os poetas do Brasil (YES, NÓS TEMOS SLAMMERS!)

Local: Tenda Mandalas – Espaço Cultural Jardim Suspenso

*As eliminatórias do Slam BNDES serão definidas por sorteios*

*Depois da enorme repercussão da primeira edição do Rio Poetry Slam em 2014 e do efervescente crescimento da cena nacional, eis que urge o desejo de reunir os slammers brasileiros num grande evento de celebração da poesia falada. E é nesse espírito que a curadoria convocou os representantes dos slams de cidades brasileiras para participarem do primeiro FLUPP SLAM BNDES. São eles: Cláudia Schapira (ZAP!Slam –SP), Emerson*

*Alcalde (Slam da Guilhermina- SP), Daniel Minchoni, (Menor Slam do Mundo-SP), Luz Ribeiro (Slam do 13- SP), Lews Barbosa (Slam do Grito- SP), Leonardo Castilho e Amanda Lioli (Slam do Corpo-SP), Letícia Brito (Slam Tagarela –RJ), Yassu Noguchi (Haicai Slam-RJ), Rogério Coelho (Slam Clube da Luta- MG), Adelson Chaves (Slam Resistência- SP), Mariana Félix (Slam do Corre e Slam Função- SP), Lucas Afonso (Slam da Ponta –SP), Renan Inquérito (Rachão Poético- SP), Will Junio (Slam DéF –DF) e Tatiana Nascimento (Slam das Minas –DF). Em sua grande maioria fundadores, os slammers brasileiros chegam na FLUPP trazendo suas temáticas e estéticas diversas num campeonato nacional inédito no Rio de Janeiro, que ainda possibilitará uma auspiciosa oportunidade de intercâmbio entre os poetas brasileiros e internacionais.*

## 5 de novembro - quinta-feira

9h/10h - Maratona de Histórias Cariocas

Local: Mandala Jung e Mandala Spinoza

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Mangueira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).*

12h/13h - Poemas para viagem

Local: Espaço Casa das Palmeiras

*Repetição da cena realizada no dia de abertura da FLUPP 2014, quando poetas que participaram de nossa festa escreveram poemas de acordo com desejo do público. Ação foi sugerida pela poeta britânica Hannah Walker, integrante de um coletivo em Londres que realiza um evento chamado The Poetry Take Away. Poemas para viagem foi incorporado ao repertório da FLUPP, tendo se repetido mensalmente na Feira do Lavradio, na Lapa, no entorno da banca Poeme-se. Os poetas da FLUPP 2015 almoçarão sempre juntos. De modo que bar-restaurant que nos acolher possa oferecer alimento espiritual e material para nosso público.*

14h/15h30 - Mesa com Raquel de Oliveira e Eliana Sousa

Mediação: Silvia Ramos

**Tema – Guerreiras**

*Talvez a favela seja o espaço em que a discussão de gênero mais tenha avançado senão no Brasil pelo menos no Rio de Janeiro. A demonstração mais evidente dessa realidade está na nova família popular, monoparental por excelência. Também não é à toa que as cadeias tenham criado uma ala especial para os chamados Maria da Penha, para acolher os machos retrógrados que recorrem à violência física para manter seu poder diante do que a própria favela, essa eterna reinventora de significados para nossa língua, chama de guerreiras. Raquel de Oliveira escreveu um romance baseado em suas próprias experiências, no qual mostra pela primeira vez na história de nossa literatura como se dá a relação entre homem e mulher na boca de fumo. E Eliana Sousa é uma das criadoras do Redes de Desenvolvimento da Maré, projeto multifacetado que entre outras virtudes serviu como plataforma para que as mulheres da comunidade em que nasceu e se criou chegassem às universidades.*

14h - Maratona de Histórias Cariocas

Local: Mandala Jung e Mandala Spinoza

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Mangueira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).*

16h - Rio Poetry Slam

**Eliminatórias do Grupo C**

Raquel Lima (Portugal)

Porsha Olayiwola (EUA)  
Karlos Atl (México)  
Gabriel Vetter (Suíça)

17h30 - Rio Poetry Slam

**Eliminatórias do Grupo D**

Casey (França)  
Quaz Roodt (África do Sul)  
Eli Almic (Uruguai)  
Kwame Write (Ghana)

19h - Imagens do Inconsciente

Local: Mandala Afeto Catalisador (Estúdio Vertical)

*Exibição da trilogia Imagens do Inconsciente, dirigido pelo cineasta Leon Hirszman. Cada dia um episódio da trilogia.*

19h30 - Mesa com George Yúdice e Leila Lehnen

Mediação: Ecio Salles

**Tema – Mapas Mutáveis – Cultura e literatura às margens da América**

*O mapa do mundo já não é o mesmo faz tempo e no Brasil, neste momento, as chamadas culturas das periferias (inclusive, e fortemente, a Literatura) ganham destaque inédito na história do país. Esse fenômeno, que certamente abrange outras partes das Américas, têm consequências culturais, sociais, políticas e até econômicas que talvez ainda não tenham sido suficientemente avaliados. Questões de identidade, mercado, existência e resistência se colocam de novas maneiras nesse contexto? Nesta mesa, Leila Lehnen e George Yúdice, dois intelectuais que lidam com a Literatura e a Cultura brasileira não apenas como objeto de estudo, mas como campos de diálogo, trocas e potenciais parcerias conversam sobre estes e outros temas fundamentais para ajudar a compreensão de nosso lugar e nosso tempo.*

22h - Antígona Recortada

Local: Tenda Mandalas (Espaço Cultural Jardim Suspenso)

*O texto da lenda urbana Antígona Recortada, livre inspiração na tragédia grega original Antígona, é um grande poema de ações dramáticas que resultou em um espetáculo que se utiliza do spoken word (poesia falada) como linguagem. Brotou em mim como um levante; como um canto de liberdade sobre a infância destituída e sempre via, sonhando acordada, esta laje como cartografia ideal para sediar a obra. Agora aqui estamos pousando nossas utopias! Assim, fazer este espetáculo aqui, dentro de um morro, no Rio de Janeiro, é fazê-lo voltar para casa; para as ruas onde ele nasceu vislumbre de imaginário; para esse morro de vielas que abriga em seus becos e recantos tanta diversidade; que experimenta - contraditório cotidiano - tanta vida e tanta morte em suas camadas. Daqui vieram as palavras que pousei mundo afora feito fosse um olhar, varrendo e limpando com suas lágrimas...*

*Claudia Schapira, dramaturga e diretora.*

22h - FLUPP SLAM BNDES – Em cena, os poetas do Brasil (YES, NÓS TEMOS SLAMMERS!)

Local: Tenda Mandalas – Espaço Cultural Jardim Suspenso

*As eliminatórias do Slam BNDES serão definidas por sorteios*

*Depois da enorme repercussão da primeira edição do Rio Poetry Slam em 2014 e do efervescente crescimento da cena nacional, eis que urge o desejo de reunir os slammers brasileiros num grande evento de celebração da poesia falada. E é nesse espírito que a curadoria convocou os representantes dos slams de cidades brasileiras para participarem do primeiro FLUPP SLAM BNDES. São eles: Cláudia Schapira (ZAP!Slam –SP), Emerson Alcalde (Slam da Guilhermina- SP), Daniel Minchoni, (Menor Slam do Mundo-SP), Luz Ribeiro (Slam do 13- SP), Lews Barbosa (Slam do Grito- SP), Leonardo Castilho e Amanda Lioli (Slam do Corpo-SP), Letícia Brito (Slam Tagarela –RJ), Yassu Noguchi (Haicai Slam-RJ), Rogério Coelho (Slam Clube da Luta- MG), Adelson Chaves (Slam Resistência- SP), Mariana Félix (Slam do Corre e Slam Função- SP), Lucas Afonso (Slam da Ponta –SP), Renan Inquérito (Rachão Poético- SP), Will Junio (Slam DéF –DF) e Tatiana Nascimento (Slam das Minas –DF). Em sua grande maioria fundadores, os slammers brasileiros chegam na FLUPP trazendo suas temáticas e estéticas diversas num campeonato nacional inédito no Rio de*

*Janeiro, que ainda possibilitará uma auspiciosa oportunidade de intercâmbio entre os poetas brasileiros e internacionais.*

## **6 de novembro - sexta-feira**

**9h/10h - Maratona de Histórias Cariocas**

**Local: Mandala Jung e Mandala Spinoza**

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Mangueira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).*

**12h - Poemas para viagem**

**Local: Espaço Casa das Palmeiras**

*Repetição da cena realizada no dia de abertura da FLUPP 2014, quando poetas que participaram de nossa festa escreveram poemas de acordo com desejo do público. Ação foi sugerida pela poeta britânica Hannah Walker, integrante de um coletivo em Londres que realiza um evento chamado The Poetry Take Away. Poemas para viagem foi incorporado ao repertório da FLUPP, tendo se repetido mensalmente na Feira do Lavradio, na Lapa, no entorno da banca Poeme-se. Os poetas da FLUPP 2015 almoçarão sempre juntos. De modo que bar-restaurant que nos acolher possa oferecer alimento espiritual e material para nosso público.*

**14h/15h30 - Mesa com Jarid Arraes**

**Mediação: Jéssica Balbino**

**Tema – Uma plataforma para os meus desejos**

**14h/19h - Game 450 anos de Literatura Carioca**

**Local: Afeto Catalisador (Estúdio Vertical)**

*Aplicativo pedagógico desenvolvido com a produtora digital Outra Coisa com perguntas sobre 50 livros ambientados no Rio de Janeiro. Com perguntas formuladas pelo professor Eduardo Coelho, aplicativo foi distribuído para jovens das escolas por que a FLUPP Pensa passou de maio a outubro. Vencedor de cada escola chega à FLUPP a fim de defender a leitura de três desses 50 livros diante de uma banca de especialistas na literatura carioca. Encontro presencial tem três etapas, todas eliminatórias. Na primeira, quatro grupos de quatro defendem a leitura de um primeiro livro diante da banca. Na segunda, expõem seu ponto de vista sobre um novo título. Na terceira e última, dois concorrentes falam sobre uma terceira obra. Tem-se então o ganhador.*

**16h - Rio Poetry Slam**

**Classificados dos grupos A e B**

**17h30 - Rio Poetry Slam**

**Classificados dos grupos C e D**

**19h30 - Mesa com Jean Wyllys e Enrique Coimbra**

**Mediação: Ramon Mello**

**Tema – Meu lugar não é o silêncio**

*O Rio de Janeiro é uma cidade quase bipolar em relação à homossexualidade. Além de organizarmos uma das maiores paradas gays do mundo, nosso carnaval é uma grande celebração do devir gay. Mas o Rio de Janeiro é também o lugar de uma homofobia xiita, que persegue e não raro mata. O deputado federal Jean Wyllys entrou no olho desse furacão ao assumir um discurso que em última análise reivindica o direito de ter o seu próprio corpo, de fazer aquilo que bem quiser e entender com ele. Já o jovem escritor Enrique Coimbra, autor do singelo Sobre Garotos que Beijam Garotos, se tornou porta-voz de uma juventude massacrada por pais cada vez mais conservadores, que dizem preferir filhos bandidos a ter um homossexual na família.*

**20h - Imagens do Inconsciente**

**Local: Mandala Afeto Catalisador (Estúdio Vertical)**

*Exibição da trilogia Imagens do Inconsciente, dirigido pelo cineasta Leon Hirzsmann. Cada dia um episódio da trilogia.*

**22h - Antígona Recortada****Local: Tenda Mandalas (Espaço Cultural Jardim Suspenso)**

*O texto da lenda urbana Antígona Recortada, livre inspiração na tragédia grega original Antígona, é um grande poema de ações dramáticas que resultou em um espetáculo que se utiliza do spoken word (poesia falada) como linguagem. Brotou em mim como um levante; como um canto de liberdade sobre a infância destituída e sempre via, sonhando acordada, esta laje como cartografia ideal para sediar a obra. Agora aqui estamos pousando nossas utopias! Assim, fazer este espetáculo aqui, dentro de um morro, no Rio de Janeiro, é fazê-lo voltar para casa; para as ruas onde ele nasceu vislumbre de imaginário; para esse morro de vielas que abriga em seus becos e recantos tanta diversidade; que experimenta - contraditório cotidiano - tanta vida e tanta morte em suas camadas. Daqui vieram as palavras que posei mundo afora feito fosse um olhar, varrendo e limpando com suas lágrimas...*

*Claudia Schapira, dramaturga e diretora.*

**22h - FLUPP SLAM BNDES – Em cena, os poetas do Brasil (YES, NÓS TEMOS SLAMMERS!)****Local: Tenda Mandalas (Espaço Cultural Jardim Suspenso)**

*As eliminatórias do Slam BNDES serão definidas por sorteios.*

*Depois da enorme repercussão da primeira edição do Rio Poetry Slam em 2014 e do efervescente crescimento da cena nacional, eis que urge o desejo de reunir os slammers brasileiros num grande evento de celebração da poesia falada. E é nesse espírito que a curadoria convocou os representantes dos slams de cidades brasileiras para participarem do primeiro FLUPP SLAM BNDES. São eles: Claudia Schapira (ZAP!Slam –SP), Emerson Alcalde (Slam da Guilhermina- SP), Daniel Minchoni, (Menor Slam do Mundo-SP), Luz Ribeiro (Slam do 13- SP), Lews Barbosa (Slam do Grito- SP), Leonardo Castilho e Amanda Lioli (Slam do Corpo-SP), Letícia Brito (Slam Tagarela –RJ), Yassu Noguchi (Haicai Slam-RJ), Rogério Coelho (Slam Clube da Luta- MG), Adelson Chaves (Slam Resistência- SP), Mariana Félix (Slam do Corre e Slam Função- SP), Lucas Afonso (Slam da Ponta –SP), Renan Inquerito (Rachão Poético- SP), Will Junio (Slam DéF –DF) e Tatiana Nascimento (Slam das Minas – DF). Em sua grande maioria fundadores, os slammers brasileiros chegam na FLUPP trazendo suas temáticas e estéticas diversas num campeonato nacional inédito no Rio de Janeiro, que ainda possibilitará uma auspiciosa oportunidade de intercâmbio entre os poetas brasileiros e internacionais.*

**7 de novembro - sábado****9h - Maratona de Histórias Cariocas****Local: Mandala Jung e Mandala Spinoza**

*Leitura de livros dos autores que participaram da FLUPP Parque, todos eles cariocas ou residentes no Rio de Janeiro, como Roger Mello e Bráulio Tavares. Essa ação será realizada simultaneamente no largo em frente à Associação de Moradores do Chapéu Mangueira (Mandala Spinoza) e no largo em frente à Associação de Moradores da Babilônia (Mandala Jung).*

**11h - Lançamento do livro Eu me chamo Rio****Local: Mandala Engenho de Dentro**

*Os criadores da FLUPP foram chamados de delirantes quando afirmaram que havia leitores e autores nas favelas cariocas. Mas o fato é que nomes como Jessé Andarilho e Raquel de Oliveira estão chegando com força ao mercado, iniciando vitoriosas carreiras solos. Este livro, o nono de nossa história e o quarto a ser distribuído comercialmente pela editora Casa da Palavra, é uma coletânea de contos sobre um Rio de Janeiro muito particular, dificilmente encontrado na prosa produzida pelos escritores tradicionais brasileiros. Aqui, os protagonistas são empregadas domésticas circulando da Baixada para a Zona Sul,*

universitárias negras da Maré e dançarinos do passinho do Campinho. Eles podem representar uma novidade tão saudável para nossa literatura quanto o foram os cotistas para as universidades públicas. O livro foi patrocinado pelo Consórcio Linha 4 Sul.

12h - Poemas para viagem

Local: Espaço Casa das Palmeiras

*Repetição da cena realizada no dia de abertura da FLUPP 2014, quando poetas que participaram de nossa festa escreveram poemas de acordo com desejo do público. Ação foi sugerida pela poeta britânica Hannah Walker, integrante de um coletivo em Londres que realiza um evento chamado The Poetry Take Away. Poemas para viagem foi incorporado ao repertório da FLUPP, tendo se repetido mensalmente na Feira do Lavradio, na Lapa, no entorno da banca Poeme-se. Os poetas da FLUPP 2015 almoçarão sempre juntos. De modo que bar-restaurant que nos acolher possa oferecer alimento espiritual e material para nosso público.*

14h/15h30 - Mesa com Amyr Klink e Marco Simeoni

**Tema – Navegar é preciso**

*Navegar é preciso para viver, para conhecer, para contar. Os oceanos são indispensáveis à vida na Terra, mas hoje eles estão ameaçados pela pesca predatória e acima de tudo pela poluição. O projeto suíço Race for Water Odissey embarcou seis cientistas no navio R4WO e partiu para uma corrida ao redor dos oceanos com a ambição de produzir um primeiro relatório global da poluição dos mares pelos plásticos e tentar sensibilizar a opinião mundial quanto à necessidade de protegê-los e preservá-los. Já para o comandante e escritor Amyr Klink, o homem precisa viajar para entender o que é seu e plantar suas árvores. Em 1984, realizou a primeira travessia solitária a remo do Atlântico Sul e, em 1986, a primeira das suas 15 viagens ao Antártico, em embarcações por ele concebidas e construídas. Dessas aventuras nasceriam vários livros como Cem Dias entre Céu e Mar ou Paraty, entre Dois Polos.*

14/15h - Maratona de Histórias Cariocas

Local: Mandala Jung e Mandala Spinoza

- 2016 :: FLUPP – CIDADE DE DEUS  
HOMENAGEM A CAIO FERNANDO ABREU  
(Disponível em <https://catracalivre.com.br/agenda/festa-literaria-das-periferias-recebe-100-autores-de-20-paises/>)



**08 de novembro - terça-feira**

12h - Revoada dos balões

*Repetição da poética cena dos dois últimos anos, em que a FLUPP foi aberta com uma revoada de balões com poemas/textos. Este ano, os balões vão subir com trechos dos textos de Caio Fernando Abreu, autor homenageado de 2016. A revoada de balões da FLUPP foi*

*inspirada em uma ação semelhante organizada anualmente pelo poeta Sérgio Vaz, do sarau Cooperifa.*

19h - Abertura Solene

Local: Tenda Morangos Mofados

*Parceiros, patrocinadores, autoridades, representantes dos moradores e organizadores dão as boas-vindas tanto ao evento quanto ao público.*

19h30 - Mesa com Heloísa Buarque de Hollanda e Candé Salles

Mediação: Julio Ludemir

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Caio F. e as Periferias Existenciais**

*A FLUPP de 2016 homenageará Caio Fernando Abreu, escritor gaúcho cuja produção abrangeu três décadas decisivas para duas questões caríssimas para nós. Foi nesse período que se consolidou uma literatura de temática urbana – e não há megalópoles sem periferia. Caio Fernando Abreu também é a possibilidade de abranger de modo mais desabrido as periferias existenciais, tão importantes quanto as territoriais.*

21h - Batalha de Poesia

Local: Tenda Morangos Mofados

*Performance poética e musical do Nós do Morro, criada no âmbito das comemorações pelos 30 anos do grupo. Com organização de textos e direção de Gutí Fraga, o espetáculo, além de corroborar a parceria da FLUPP com o Nós do Morro, aponta para a FLUPP de 2017, que será no Vidigal.*

## 09 de novembro - quarta-feira,

14h - Mesa com Haroldo Costa e Luís Antônio Simas

Mediação: Leonardo Lichote

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Desde que o samba é samba – 100 anos de samba**

*De Donga à geração da Lapa. De um gênero musical criminalizado a uma marca identitária nacional. Partido alto, pagode, roda de samba. Escolas na Sapucaí e blocos arrastando multidões pelas ruas. Pelo telefone, por telegrama, nas redes sociais. Porque só no samba nos sentimos contentes. Porque sempre há negros destemidos para socorrê-lo ou foliões clamando para que não o deixem morrer. Samba 100.*

16h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

**Eliminatórias do Grupo A**

Fatima Moumouni (Alemanha)

Adrian Van Wyk (África do Sul)

So Sonia (Argentina)

Chris Tsé (Canadá)

16h - Mesa com Athayde Motta e Jean-Yves Loude

Mediação: Silvana Bahia

Local: Tenda Pequenas Epifanias

**Tema – Lugares de fala**

*A infeliz estampa de recente coleção da Maria Filó, que em última instância romantizava um elogio à escravidão, retoma a discussão sobre o lugar de fala de cada um de nós. Todos os escritores têm o direito de produzir livros sobre o outro, mas todo o cuidado é pouco, particularmente quando essa abordagem pode abrir feridas mal cicatrizadas.*

18h - Mesa com Joel Zito Araújo e Jeferson De

Mediação: Cadu Barcellos

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – A negação do cinema**

*Historicamente, o cinema é um reduto dos caras pálidas. De Hollywood ao engajado Cinema Novo, o negro sempre foi uma espécie de figurante dessa indústria, com papéis que variam do serviçal ao criminoso. Está mais do que na hora de mudar esses enquadramentos.*

18h - Eduardo Suplicy e Marcelo Freixo

Mediação: Rebeca Brandão

Local: Tenda Pequenas Epifanias

**Tema – Nós, passarinhos**

*A esquerda brasileira repetiu até a exaustão o termo cunhado por Isadora Dolores Ibárruri, afirmando que o impeachment não passaria. Qual o destino da esquerda, agora que voltamos para a oposição?*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

**Eliminatórias do Grupo B**

Mel Duarte (Brasil)

Adrian Mertz (Suíça)

Sergio Garau (Itália)

Adaeze (Barbados)

20h - Cinema Petrobras

Exibição: Para sempre teu, Caio F.

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Inspirado no livro de Paula Dip, filme faz parte das homenagens a Caio Fernando Abreu, escritor gaúcho que morreu de Aids em 1996. Com mistura de linguagens inerentes à obra de Caio F. – cinema, teatro, música e literatura –, a narrativa é conduzida por depoimentos de amigos, editores e estudiosos que mantiveram relação com o autor.*

**10 de novembro - quinta-feira**

14h - Mesa Carla Siccós e Enderson Araújo

Mediação: Edu Caravvalho

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Primavera digital**

*O espírito da Primavera Árabe se propagou pelo mundo por intermédio das redes sociais. No Brasil, os jovens negros da periferia não conseguiram derrubar tiranos, mas se tornaram uma referência para o país ao usar seus celulares para narrar as manifestações ignoradas pela mídia oficial.*

14h - FLUPP Slam Colegial

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Final do slam disputados nas escolas públicas de ensino médio do Rio de Janeiro. Processo eliminatório percorreu cinco áreas populares da Região Metropolitana. Campeão representará o FLUPP Slam Colegial no Slam Nacional.*

16h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

**Eliminatórias do Grupo C**

Jessica Care Moore (EUA)

Nuno Piteira (Portugal)

Edmeé García (México)

Inua Ellams (Nigéria)

18h - Mesa com Débora Ferraz e Alexandre Marques Rodrigues

Mediação: Mânica Millen

Local: Tenda Morangos Mofados

### **Tema – Ausências**

*A literatura pode preencher vazios, diluindo angústias, silenciando dores. Em sua estreia, a pernambucana Débora Ferraz se socorreu da palavra para suprir a irreparável perda do pai. Depois de um livro em que a obsessão pelo sexo travestiu o medo da solidão, o paulista Alexandre Marques Rodrigues fez um romance cuja bússola foi a procura do corpo da mãe.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

#### **Eliminatórias do Grupo D**

Jackie Hagan (Inglaterra)

Eliér Álvarez (Cuba)

Antônio Paciência (Angola)

Pilote Le Hot (França)

20h - Cinema Petrobras

Exibição: Pelas margens – Jéssica Balbino

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Panorama da literatura marginal brasileira dos últimos 15 anos, com as vozes femininas dos saraus, slams e editoração. Debate o machismo no mercado editorial. Após a sessão, debate com a diretora.*

## **11 de novembro - sexta-feira**

14h - Mesa com Akaweke Emezi, Bianca Sant Ana e Lia Minapoty

Mediação: Diane Lima

Local: Tenda Morangos Mofados

### **Tema – Deslocamentos Literários**

*Três mulheres pertencentes a dois grupos sociais e culturais diferentes que trazem em sua história genocídios terríveis em comum, resistem com sua literatura e o modo de ver o mundo. Aqui, velejaremos pela literatura indígena e negra e diáspora africana, tendo como ponto central o que, a partir da literatura, há em comum entre essas culturas.*

16h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

#### **Semifinal**

16h - FLUPP QUIZ

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Final presencial com os estudantes das escolas públicas de ensino médio que mais pontuaram no game. Eles defenderão três livros diante de uma banca de especialistas em literatura.*

18h - Mesa com Ellen Oléria e Guy Deslauriers

Mediação: Ivana Bentes

Local: Tenda Morangos Mofados

### **Tema – Que histórias contamos sobre nós?**

*Existem muitas histórias a serem contadas sobre o negro. A de uma África mítica. A dos povos no cativeiro. A dos mártires da Diáspora e a dos violentos guetos das megalópoles pós-coloniais. O que há em comum entre um jovem colombiano e um ancião de Nairóbi, além do fato de ambos terem a mesma cor de pele? Qual deles te representa?*

18h - De volta ao começo

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Roda de Conversa com Nadifa Mohamed e jovens autores.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

#### **Semifinal**

20h - Cinema Petrobras

Exibição: Passagem do meio – Guy Deslauriers

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Um navio negreiro europeu tem a bordo centenas de escravos oriundos do Senegal. Arrancados de suas aldeias, essas pessoas são tratadas como animais e colocadas em lugares obscuros. Durante as dezoito semanas de travessia, os futuros escravos passam por diversas situações. Trata-se do horror da escravidão negra pela ótica de Guy Deslauriers.*

## 12 de novembro - sábado

14h - Mesa com Marcelo Caetano, Amara Moira, MC Linn

Mediação: Aretha Sadick

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Dando uma pinta na produção**

*Pessoas trans se juntam para falar sobre processos criativos contemporâneos na literatura, nas artes e na música.*

14h - FLUPP PARQUE – Infantil

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*AEILIJ na FLUPP. Contação de história com Cristina Villaça e Flávio Dana.*

15h - Oficina de arte com o ilustrador Felipe Campos

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Colocar no papel as cores do seu manifesto na Roda de Arte com os ilustradores*

16h - Mesa com Jéssica Ipólito e Pamela Lightsey

Mediação: Yasmin Thayná

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Modos de ver o amor**

*As representações de amor, sejam no cinema ou na literatura, normalmente são enquadradas num perfil eurocêntrico e heterossexual. Nessa jangada, faremos uma imersão sobre o amor juntando militância lésbica negra com teoria queer e teologia.*

16h - Long Table Estética das Ocupações

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Chico Ludermir, Diana Bogado, Dona Penha, Sandra Maria, Alex Frechette, Nívea Oura, Anderson Lima, Cintia Barreto e Edu Carvalho. Os movimentos sociais têm recorrido a intervenções artísticas para ampliar o diálogo com os manifestantes. Um exemplo disso é o Museu das Remoções, que criou instalações a partir do que sobrou das casas removidas na Vila Autódromo.*

18h - Mesa com Jo Clifford

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – O evangelho segundo Jesus – A rainha dos céus**

*Jesus Cristo volta na condição de uma mulher trans. Espetáculo, estrelado pela atriz escocesa Jo Clifford, propõe uma das mais radicais discussões sobre identidade sexual da atualidade. Chocou a Europa, atraindo a ira de católicos e protestantes.*

18h - Lançamento de livros *A história Incompleta de Brenda*, de Chico Ludermir, e *Diários de Afeto*, de Alex Frechette

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Depois de três anos de pesquisa, o jornalista pernambucano Chico Ludermir conta a história de onze mulheres trans e travestis do Recife, sempre a partir de seus relatos. Também fotógrafo, ele fez um ensaio com cenas cotidianas raramente vistas.*

19h30 - Prêmio Carolina de Jesus

Local: Tenda Morangos Mofados

*Terceira edição do prêmio com que a FLUPP homenageia as pessoas que tiveram suas vidas transformadas pela Literatura.*

20h - FLUPP Slam BNDES

Local: Tenda Morangos Mofados

**Final**

20h - Cinema Petrobras – Festival de Curtas

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Seleção de filmes exibidos no Festival Curta Cinema 2016 feita por jovens produtores culturais da Maré.*

22h - Show – Inquérito : “Corpo e Alma”

Abertura com Favela Funk Finlândia

*Depois de longos 17 anos de ritmo, amor e poesia, o show chega pela primeira ao Rio de Janeiro. Fundado na região metropolitana de Campinas (SP), o Inquérito tem uma trajetória peculiar e sempre com a veia da poesia nas letras e músicas do grupo.*

### 13 de novembro - domingo

14h - Mesa com Kátia Lund e Jessica Care Moore

Mediação: Ana Paula Lisboa

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Militância se escreve com M, de Mulher**

*O mundo vive uma grande contradição em relação à mulher. Quanto mais livres elas são, mais necessária se faz a luta por seus direitos. Os engajados filmes e poemas da cineasta Katia Lund e da poeta Jessica Care Moore são verdadeiros manifestos contra o que hoje se chama de cultura de estupro.*

14h - FLUPP PARQUE – Infantil

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*AEILLJ na FLUPP. Contação de histórias com Andrea Viviana Taubman e Maurício Veneza.*

15h - Oficina de pintura pré-histórica com o ilustrador JP Veiga

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Ocupar e se encantar! Chama a criançada para ouvir histórias contadas pelos próprios autores dos livros e na sequência colocar no papel as cores do seu manifesto na Roda de Arte com os ilustradores.*

16h - Mesa com Conceição Evaristo e Patrick Chamoiseau

Mediação: Flávia Oliveira

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Quilombos de Papel**

*A literatura negra é quase sempre sinônimo de resistência. A quase totalidade dos livros produzidos na Diáspora propõe uma arte engajada, que não raro visita diversos períodos da história para mostrar os vínculos entre a escravidão e a complexa situação do negro nas sociedades pós-coloniais.*

16h - FLUPP ZINE – Feira e oficina de fanzine

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Hannah 23, Tavares Periferia, Carlos D, João Paulo Cabrera, Guilherme de Sousa, Thais Leal, Patrícia Melo, Fabio Maciel, Rosalina Brito.*

16h - FLUPP PARQUE – Jovem

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Long Table Pancadão de fim de festa com Adriana Facina, Laíze Gabriela Benevides, MC Karolzinha e Coronel Ibis Pereira. O equivocados processo de pacificação das favelas cariocas chega ao fim de forma patética, deixando um rastro de frustrações principalmente entre os*

*jovens. Ninguém quer a violência de volta, mas que o combate ao chamado poder paralelo não destrua o ecossistema das favelas.*

18h - Mesa com Nadifa Mohamed e Ana Maria Gonçalves

Mediação: Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Local: Tenda Morangos Mofados

**Tema – Quando me tornei negra**

*Ninguém nasce mulher: torna-se mulher – vaticinou Simone de Beauvoir, uma das criadoras do feminismo. Esse processo de construção se torna ainda mais complexo com a mulher negra, que enfrenta tanto o machismo quanto racismo. Até que ponto a chegada das mulheres negras criou um novo paradigma para a literatura?*

18h - Memória da Pele

Local: Tenda Pequenas Epifanias

*Long table envolvendo os participantes da parceria entre FLUPP, The Machine to be Another e Anistia Internacional. Troca de experiências entre os familiares que gravaram suas histórias, monitores que acompanharam o processo e público exposto aos relatos sobre jovens negros mortos pela polícia nas favelas cariocas.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Tenda Morangos Mofados

**Final**

- 2017 :: FLUP – VIDIGAL  
HOMENAGEM A VIANINHA  
(Material impresso de divulgação da FLUP)



### 10 de novembro - sexta-feira

09h - Futebol FLUP

Local: Chácara do céu

12h - Revoada de balões

Local: Pracinha do Vidigal

19h - Abertura solene

Local: Galpão do horizonte

19h30 - Vianinha, o elo perdido - Cacá Diegues

*Há uma relação dialética e acima de tudo afetiva entre o Vidigal, o Nós do Morro, Cacá Diegues e Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha. O projeto “Cinco Vezes Favela”, uma das obras fundamentais do Cinema Novo, contou com a produção do Centro Popular de Cultura, projeto com o qual a então poderosa União Nacional dos Estudantes queria transformar o Brasil por intermédio da cultura. Vianinha foi um dos idealizadores do CPC. Dois episódios de “Agora por nós mesmos”, um ponto de inflexão fundamental para o cinema e as demais narrativas da periferia, foram filmados por Luciana Bezerra e Luciano Vidigal, ambos crias do Vidigal,*

do Nós do Morro, de um povo que realizou a profecia de o morro descer armado até os dentes, mas de cultura.

20h - "O recadão" - Osmar Prado + Grupo Nós do Morro

Leitura de um dos mais geniais e provocativos episódios escritos por Vianinha para o seriado "A grande família" original, "O recadão". Neles os membros da família não se encontram para discutir um assunto e deixam recados uns para os outros espalhados pela casa, recados esses que vão sendo alterados e modificados por outros membros da família, uma clara menção à censura oficial da ditadura militar, que vivia no enalço de Vianinha e da série. Vão participar o ator Osmar Prado, que interpretava o filho politizado de Lineu e Dona Nenê, misteriosamente suprimido da segunda versão da "Família, junto a jovens atores do grupo Nós do Morro.

22h30 - SAR ALL da língua portuguesa

\*Co-realização Museu da Língua Portuguesa

Primeiro encontro de saraus e slams da língua portuguesa reunirá organizadores de saraus e slams de 12 estados brasileiros e dois países anglófonos - Portugal e Angola. Também haverá slams e saraus cariocas, onde ambas as cenas têm se tornado cada vez mais relevantes.

## 11 de novembro - sábado

14h - Mesa com Leonardo Sakamoto e Tiago Muniz

Mediação: Lisa Castro

**Tema – A revolução que não fizemos**

Crianças fazendo malabarismo no sinal, adolescentes com peito de pitomba trocando o corpo por um prato de comida e meninos com os corpos cobertos pela fuligem nas carvoarias não apenas denunciam a falência da civilização brasileira, mas abortam em seu nascedouro todas as profecias que antecipam um futuro promissor para o país. Antes da mesa o escritor Felipe Franco Munhoz lerá o texto "Identidades - 15 minutos", adaptação de seu romance "Identidades", junto à atriz Natália Lage.

16h - Mesa com Laurent Cantet e Paulo Lins

Mediação: Rodrigo Fonseca

**Tema – Agora por nós mesmos**

A periferia, quando chega ao cinema, geralmente é retratada de maneira caricata. Foi somente nas últimas décadas que a civilização dos excluídos começou a ganhar uma narrativa na centenária indústria do cinema e mesmo assim pela lente de um outro, não raro preconceituoso. Que tipo de particularidade se deve levar em conta quando se quer filmar o gueto, o morro, a periferia?

18h - Rio Poetry Slam

**Apresentação da Chave A**

Letícia Brito (Brasil)

JYB (França)

Laurin Buser (Suíça)

Natalia Rosa (Argentina)

20h - Mesa com Rockin'Squat e Cog

Mediação: Eugênio Lima

**Tema – Revolução através da palavra**

O rap amplifica a voz das periferias de todas as grandes cidades do planeta, elevando-a de Nova York para a Brasília de Cog e a Paris de Rockin'Squat. A palavra rimada ganhou o mundo como um sinônimo de rebeldias, mas é também suporte para uma das maiores revoluções poéticas da história.

22h - FLUP Slam BNDES

Local: Casarão Nós do Morro

**Apresentação da Chave A e B**

## 12 de novembro – domingo

14h - Mesa com Paolo Gerbaudo e Fabio Malini

Mediação: Kenzo Soares

**Tema – Hegemonia 2.0 - revoluções, eleições e fascismo na era das grandes redes**

*Do Occupy Wall Street a Trump. Das Jornadas de Junho a Bolsonaro. Do Podemos ao Brexit. A disputa política medida pelo número de likes e compartilhamentos. As grandes manifestações cada vez mais reféns dos algoritmos, que foram descobertos pela esquerda e depois capturados pela direita.*

16h - Rio Poetry Slam

**Apresentação da Chave B**

Falú (EUA)

Faten El-Dabbas (Alemanha)

José Anjos (Portugal)

David Novoa (Peru)

18h - Mesa com Françoise Vergès e Djamila Ribeiro

Mediação: Manoel Soares

**Tema – Ventre negro**

*O país que não reconhece a gravidade de ter sido o maior porto escravagista da história é o mesmo que condena seus jovens a morrerem numa escala quase industrial, na maioria das vezes pelas mãos de agentes do estado. Mulheres esterilizadas em massa completam um quadro de absoluto desprezo pela vida, em particular a dos negros.*

20h - Rio Poetry Slam

**Apresentação da Chave C**

Juan Sant (México)

Margalida Followthelida (Espanha)

Bel Neto (Angola)

Sabrina Benaim (Canadá)

22h - FLUP Slam BNDES

Local: Casarão do Nós do Morro

**Apresentação da Chave C**

### 13 de novembro - segunda-feira

13h - FLUP Parque

16h30 - Rio Poetry Slam

**Semifinal 1**

18h - Prêmio Carolina de Jesus

19h - Mesa com Afonso Borges, Jalison de Souza, Marta Porto e Nayse Lopez

Mediação: João do Corujão

**Tema – A encruzilhada dos fazedores**

*Não tem sido fácil a vida dos fazedores de cultura. Como se já não bastasse a virulenta crise econômica, uma cruzada fundamentalista tem invadido museus com acusações moralistas e problemas pontuais na prestação de contas de alguns projetos têm servido de pretexto para ataques generalizados contra a categoria. Como se reverte um quadro tão adverso?*

20h30 - Rio Poetry Slam

**Semifinal 2**

22h - FLUP Slam BNDES

**Semifinais**

### 14 de novembro - terça-feira

13h - FLUP Parque

16h30 - Mesa com Saul Williams

Mediação: Roberta Estrela D'Alva

### Tema – Black poets matters

*A oralidade sempre esteve presente na poesia negra. Dozens, raps, o partido alto e o próprio poetry slam são variações de uma mesma potência que ganha novas camadas de significado quando compartilhada entre seus iguais. Essa presencialidade do spoken word, ferramenta de afirmação da negritude, é também uma preparação para duros embates da vida.*

18h30 - Mesa com Renato Aragão

Mediação: Rodrigo Fonseca

### Tema – Criança feliz

*O humorista Renato Aragão foi um dos primeiros artistas brasileiros a entender que o Brasil só encontraria sua vocação para a grandeza quando se desse a devida atenção para a infância. Não à toa tornou-se o comediante mais popular das crianças e posteriormente o primeiro brasileiro a ganhar o título de embaixador do Unicef. Todas essas preocupações foram registradas na biografia escrita na biografia escrita pelo jornalista Rodrigo Fonseca.*

20h - Final do FLUP Slam BNDES

21h30 - Slam: voz do levante

*Exibição do documentário de Tatiana Lohman e Roberta Estrela D'Alva, curadora do Rio Poetry Slam e do FLUP Slam BNDES. Longa-metragem, ganhador do Prêmio Especial de Júri do Festrio 2017, aborda a chegada no Brasil dos poetry slams e o amadurecimento das batalhas de poesia como gênero literário.*

## 15 de novembro - quarta-feira

13h - FLUP Parque

16h30 - Mesa com Sam Bourcier e Charô

Mediação: Michelle Steinbeck

### Tema – A ameaça que paira sobre todos nós

*Os pontos de contato entre um camponês na Cordilheira dos Andes, um homem trans na capital francesa e uma militante negra na periferia paulista são os mesmo que unem o projeto de poder de Donald Trump, Jair Bolsonaro e Marine Le Pen. Não há nada mais globalizado que a ameaça às liberdades individuais e mesmo à vida de tudo o que foge ao padrão.*

18h30 - Performance poética com Saul Williams

20h - Rio Poetry Slam

**Final**

- 2018 :: FLUP - BIBLIOTECA PARQUE ESTADUAL  
HOMENAGEM A MARIA FIRMINA DOS REIS  
(Material impresso de divulgação da FLUP)



## 06 de novembro - terça-feira

19h - Abertura solene com Antônio Grassi

Local: Palco Principal

FBDC - Fórum Brasileiro pelos Direitos Culturais

19h30 - Mesa com Eduardo de Assis Duarte, Giovana Xavier, Jarid Arraes e Luciana Diogo (Apoio Sesc Rio)

**Tema – Maria Firmina: A Invisibilidade da Mulher Negra Também na Literatura**  
Formato TED.

*A autora homenageada da FLUP é um clássico exemplo da mulher negra brasileira, historicamente invisibilizada. Intelectuais negras e negros têm trabalhado no sentido de resgatar a obra da autora de "Úrsula", primeiro romance escrito por uma mulher negra nas Américas.*

20h30 - Preta-Porter : Desfile de modativismo

Curadoria: Izabella Aurora Suzart

Local: Hall de Entrada da Biblioteca Parque Estadual

*Jovens estilistas negros fazem releitura do desfile com que Zuzu Angel denunciou a ditadura militar na década de 1970, agora para mostrar que o estado brasileiro mata jovens negros de nossas favelas.*

## 07 de novembro - quarta-feira

08h30 - FLUP Parque

08h30 - Encontro literário com Jarid Arraes, Otávio Jr e Simone Mota.

Mediação: Lisiane Nieldsberg

**Tema – Meus heróis, minhas heroínas**

09h40 - Intervenção literária com Sinara Rúbia

**Tema – Ler e contar é só começar**

10h30 - Encontro literário com Carlos Carvalho e Ungulani Ba Ka Khosa.

Mediação: Janine Rodrigues

*Música e Literatura*

11h40 - Intervenção literária com Ludmila Almeida

**Tema – Contos populares**

14h - Mesa com Maurício Hora e Geovani Martins (Apoio Sesc Rio)

Mediação: Milton Guran

**Tema – Meu Machado**

*Uma das armas mais poderosas que a juventude da periferia dispõe para se inserir no mundo é a literatura. Tem sido assim desde Machado de Assis, maior escritor brasileiro da história. Escritores negros contemporâneos leem e discutem a herança desse cria da Rua do Livramento.*

16h - Rio Poetry Slam

Local: Palco principal

**Apresentação do Grupo A**

Emmanuel Villafana (Trindade e Tobago)

Ikenna Onyegbula (Canadá)

Lee Mokobe (África do Sul)

Vivian Ofre (Nigéria)

18h - Mesa com Bonaventure Ndikung e Saul Williams

Mediação: Eugênio Lima

**Tema – Renascença Sankofa**

*Poucas vezes na história os artistas africanos e da Diáspora conseguiram rimar sucesso comercial e reconhecimento da crítica. A inclusão das narrativas negras no GPS da arte mundial se deve a uma dialética Sankofa, em que os pés firmemente fincados na ancestralidade ajudam no salto para o futuro.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Palco principal

### **Apresentação do Grupo B**

Clair MC (Senegal)

Edyoung Lennon (Cabo Verde)

Evelyn Rasmussen Osazuwa (Noruega)

Vanessa Kisuule (Reino Unido)

22h - FLUP Slam BNDES

Local: Palco Slam

*Primeira e segunda eliminatória*

## **08 de novembro - quinta-feira**

08h30 - FLUP Parque

08h30 - Encontro literário com Estêvão Ribeiro e Junião

Mediação: Carol Maíra

**Tema – Quadrinhos e Charges: uma nova leitura**

9h40 - Intervenção literária com Paulinha Hitawa

**Tema – Ler e contar é só começar**

10h30 - Encontro literário com Kiusam de Oliveira, Roberta Nunes e Sônia Rosa.

Mediação: Carol Maíra

**Tema – “Leia-me”**

11h40 - Intervenção literária com Luiza Gannibal

**Tema – Ler e contar é só começar**

14h - Rio Poetry Slam

### **Apresentação do Grupo C**

Lisette Ma Neza (Bélgica)

Lord Myke Jam (França)

Luz de Cuba (Cuba)

NegaFya (Brasil)

16h - Mesa com Gilberto Gil e Liniker (Apoio Sesc Rio)

Mediação: *Heloísa Buarque de Hollanda*

**Tema – Na qualidade rara de sereia**

*A música popular brasileira tem sido uma inesgotável plataforma para transgressões que dialogam com os desejos mais libertários de nossa juventude, em particular no campo do comportamento. Tem sido assim desde que os tropicalistas pediram para que o super-homem mudasse o curso da história.*

18h - Mesa com Carla Akotirene, Joice Berth, Juliana Borges e Silvio de Almeida (Apoio Sesc Rio)

**Tema – Feminismos plurais**

*Formato TED*

*O Rio de Janeiro começou a perceber a presença da mulher negra nos espaços públicos com a expressiva votação da vereadora Marielle Franco. Como mostra a coleção criada e organizada pela filósofa Djamila Ribeiro, ela própria um fenômeno de popularidade, aqueles milhares de votos depositados nas urnas foram apenas a ponta de um iceberg que tem abalado as estruturas do país.*

18h30 - Lecture Performance com Boneventure Ndikung, Rafa Joaquim, Sol Miranda, Tainah Longras

Local: Auditório Darcy Ribeiro

**Tema – "Os mortos nunca se vão"**

*Lecture performance coletiva, guiada por Boneventure Ndikung, do texto "Those Who Are Dead Are Not Ever Gone", sobre a manutenção da supremacia e a exploração da riqueza*

*africana pelos museus europeus. Como o Fórum Humboldt, citado no texto, gigantesco e polêmico projeto em Berlim, que reúne coleções de arte e objetos históricos de todo o mundo, muitos deles oriundos dos sangrentos períodos coloniais na África e Ásia. Novos museus abrindo antigas feridas.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Palco principal

**Apresentação do Grupo D**

Babs Gons (Holanda)

Emi Mahmoud (EUA / Sudão)

Luana Bartholomeu (Angola)

Vox Sambou (Haiti)

**09 de novembro - sexta-feira**

08h30 - FLUP Parque

*Programação para educadoras e educadores*

08h30 - Encontro literário com Clarissa Lima e Pituka Nirobe

Mediação: Janine Rodrigues

**Tema – Literatura afro-brasileira nas escolas**

9h40 - Intervenção literária com Flavia Souza

**Tema – Ler e contar é só começar**

10h30 - Encontro literário com Elaine Marcelina e Heloísa Pires

Mediação: Lisiane Nieldsberg

**Tema – Literatura afro-brasileira nas escolas**

11h40 - Intervenção literária com Anderson Barreto

**Tema – Ler e contar é só começar**

14h - Final do Clube de Leitura

Local: Museu do Amanhã - Terreiro de Ideias

14h - Mesa com Maria Duda, Poeta SK, Raya (Apoio TV Globo)

Mediação: Aílton Graça

**Tema – Página Reveladas**

*Três primeiros colocados do Slam Pequena África discutem a renovação do poetry slam no Brasil e no Rio de Janeiro, cada vez mais popular na periferia. Organizadora do maior evento de slam da América Latina, a FLUP foi uma das maiores responsáveis pela popularização e acima de tudo pela renovação da cena do spoken word na periferia do Rio de Janeiro.*

16h - Final do Slam Colegial

Local: Museu do Amanhã – Auditório

16h - Rio Poetry Slam

Local: Palco principal

**Semifinais I**

18h - Mesa com Djamila Ribeiro, Tom Farias e Ungulani Ba Ka Khosa (Apoio Sesc Rio)

Mediação: Thiago Ansel

**Tema – Nossos Passos Vêm de Longe**

*Djamila Ribeiro, Tom Farias e Ungulani Ba Ka Khosa ganharam relevância em geografias e momentos históricos diferentes. Mas os três têm em comum o resgate de um pensamento ancestral, produzindo narrativas e discursos sobre fatos e personagens decisivos para a subjetividade negra.*

20h - Rio Poetry Slam

Local: Palco principal

## Semifinais II

22h - FLUP Slam BNDES

Local: Palco Slam

*Semifinais*

### 10 de novembro - sábado

14h - FLUP Parque

#### **Tema – Pé de livro Teateiro**

*Pé de Livro é uma ocupação literária de promoção e mediação de leitura que tem na sua abordagem metodológica, sentidos formativos que intentam conexões e encontros com o livro literário por meio da ludicidade e imaginação criadora, pelo poder inventivo das fabulações e do brincar, do corpo e da voz, num fazer coletivo e intergeracional. É uma ação tão simplesmente poética quanto humanizadora, contribuindo para a construção de um novo olhar sobre a cidade, ao fortalecer os sentidos de pertencimento, de cuidado e de apropriação. Tem como objetivo proporcionar ao público infantil uma vivência, pelo gesto do degustar saborosamente, feito fruta madura, histórias e a poética dos brincames tradicionais da infância presentes nos diversos quintais brasileiros.*

14h - Mesa com Carla Fernandes, Mtima Solwazi, Paula Anacaona (Apoio Instituto C&A)

Mediação: Binho Cultura

#### **Tema – Quando lemos a nós mesmos**

*Um dos grandes problemas dos jovens criados na Diáspora é que não são apresentados a livros de autores negros, com os quais possam reforçar seus vínculos de pertencimento e acima de tudo melhorar sua autoestima. Que estratégias estão sendo criadas para fornecer os espelhos de que todos precisamos para nos ver em nossos heróis?*

16h - Mesa com Ana Maria Gonçalves e Marcelo D'Saete (Apoio Sesc Rio)

Mediação: Ale Santos

#### **Tema – Revoluções invisíveis**

*Os escritores negros têm demonstrado cada vez mais interesse no passado de seu povo, em particular pelas revoluções que somente à custa de muito sangue o poder colonial conseguiu sufocar.*

18h - Mesa com Felwine Sarr e Taiye Selasi

Mediação: Nick Barley

#### **Tema – As Áfricas possíveis**

*Uma África cada vez mais complexa e diversificada pode ser traduzida por dois neologismos criados por dois expoentes do movimento negro. A Afrotopia que deu título a um dos livros do filósofo senegalês Felwine Sarr fala de um deslocamento geopolítico em direção ao continente africano. E o Afropolitismo da escritora britânica Taiye Selasi aponta para uma geração de negros, como ela própria, totalmente integrada às grandes mudanças em curso na sociedade contemporânea.*

20h - Prêmio Carolina Maria de Jesus

*Quinta edição do prêmio com que a FLUP homenageia personalidades que tiveram o curso de suas vidas transformado pela literatura, ou que transformaram o curso da vida de outros por intermédio da literatura.*

21h - Rio Poetry Slam

Local: Palco Principal

**FINAL**

### 11 de novembro - domingo

10h - FLUP Parque: Recreação Tear

Local: Rota Valongo

*Evento para crianças, adolescentes e público em geral, com apresentações artísticas, oficinas artísticas – confecção de boneca Abayomi, estamperia Africana, Tranças, Tererês e Turbantes, reis e rainhas da África, danças afro-brasileiras, brincadeiras, máscaras Africanas e feijoada Poética -, instalações literárias e de mediação de leitura com ênfase nas narrativas do território do Cais do Valongo e nas histórias dos povos africanos trazidos para o Brasil e seus descendentes brasileiros. O evento será coordenado e produzido pela equipe de arte/educadores do Tear e dinamizado pelo grupo de educadores da formação em arte/educação Rota Valongo.*

14h - Mesa com Ana Paula Lisboa, Spartakus Santiago e Renê Silva

Mediação: Elisiane dos Santos e Valdirene Silva de Assis

**Tema – Primeira pessoa**

*Não é uma coincidência semântica o fato de as primeiras pessoas de uma família ou mesmo um bairro a trilharem o caminho do sucesso, usem as próprias narrativas para ajudar suas irmãs e seus irmãos a rasgarem as cortinas da invisibilidade. Mais do que ninguém, elas sabem que a periferia precisa de referências.*

16h - Mesa com Esmeralda Ribeiro, Márcio Barbosa e Selma Maria

Mediação: Márcio Black

**Tema – 40 anos de Cadernos Negros**

*Poucas publicações podem se gabar de ser tão longeva quanto os Cadernos Negros, cuja primeira edição, há exatos 40 anos, tornou-se um marco tanto para a literatura brasileira quanto para o nosso movimento negro. Assinaram suas páginas autores relevantes como Conceição Evaristo e Éle Semog.*

16h - Clube de Leitura ZO: Maria Firmina dos Reis Biblioteca Parque Estadual

18h - Laboratório de Narrativas Negras

Local: Palco Principal da Biblioteca Parque Estadual

*Formatura*

18h30 - Mesa com Mame-Fatou Niang e Rokhaya Diallo

Mediação: Flávia Oliveira

**Tema – E quando eles não admitem que são racistas?**

*Cidades como Londres, Paris e Berlim se veem como sociedades republicanas no sentido mais amplo da palavra, onde em tese todos teriam direitos e oportunidades iguais. Que narrativas podem ser criadas para desnudar o racismo dos países que se vêem como democracias inclusivas e generosas, principalmente em meio à crise migratória atual?*

22h - FLUP Slam BNDES

Local: Palco Principal

*FINAL*